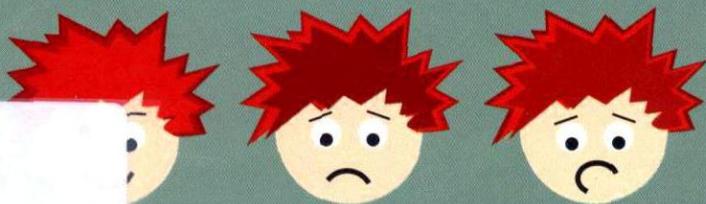


Histórias DA Embrapa

*Gado de Leite
contadas pelos próprios empregados*



PGL
47h
01
. 2
-PP-2012.00078

Histórias da Embrapa Gado ...
2001 LV-PP-2012.00078



AI-SEDE- 35204-2

 Embrapa



*Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
Centro Nacional de Pesquisa de Gado de Leite
Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento*

ISSN 1516-7453

Documentos nº 83

Dezembro, 2001

Histórias da Embrapa Gado de Leite contadas pelos próprios empregados

Editores:

Newton Luís de Almeida

Carlos Eugênio Martins

Marne Sidney de Paula Moreira

Valdir Dias da Costa

José Augusto Salvati

Edição comemorativa



*Embrapa Gado de Leite
Juiz de Fora, MG*

Embrapa Gado de Leite/ACE. Documentos, 83
Exemplares desta publicação podem ser solicitados a:

Embrapa Gado de Leite

Área de Negócios Tecnológicos – ANT

Rua Eugênio do Nascimento, 610 – Dom Bosco

36038-330 Juiz de Fora, MG

Telefone: (32)3249-4700

Fax: (32)3249-4751

e-mail: sac@cnppl.embrapa.br

home page: <http://www.cnppl.embrapa.br>

Tiragem: 600 exemplares

Comitê Local de Publicações

Mário Luiz Martinez (Presidente)

Margarida Maria Ambrósio (Secretária)

Carlos Eugênio Martins

Jackson Silva e Oliveira

John Furlong

José Valente

Luiz Carlos Takao Yamaguchi

Margarida Mesquita de Carvalho

Maria Aparecida V. Paiva e Brito

Maria de Fátima Ávila Pires

Marlice Teixeira Ribeiro

Wanderlei Ferreira de Sá

Arte, Composição e Diagramação

Angela de Fátima Araújo Oliveira

Capa e Ilustrações

Isabela Picorone de Oliveira (estagiária)

Revisão Lingüística

Newton Luís de Almeida

Embrapa
Unidade: <i>Ar - sede</i>
Valor aquisição:
Data aquisição: <i>16.02.2012</i>
N.º N. Fiscal/Fatura:
Fornecedor:
N.º OCS:
Origem: <i>EMB</i>
N.º Registro: <i>00.79/2012</i>

ex. 2

ALMEIDA, N.L. de; MARTINS, C.E.; MOREIRA, M.S. de P.; COSTA, V.D. da.;
SALVATI, J.A. Histórias da Embrapa Gado de Leite contadas pelos próprios em-
pregados. Juiz de Fora: Embrapa Gado de Leite, 2001.

118p. (Embrapa Gado de Leite. Documentos, 83).

ISSN 1516-7453

1. Histórias. 2. Contos. 3. Casos. 4. Causos. I. Título. II. Série. III. Almeida,
Newton Luís de. IV. Martins, Carlos Eugênio. V. Moreira, Marne Sidney de Paula. VI.
Costa, Valdir Dias da. VII. Salvati, José Augusto.

Apresentação

“Histórias da Embrapa Gado de Leite contadas pelos próprios empregados” são casos que vão desde a época da Estação Experimental de Água Limpa, antes mesmo da criação do Centro Nacional de Pesquisa de Gado de Leite (CNPGL) em 1976.

Muitas delas assemelham-se a contos por serem narrativas breves, centralizadas num só conflito. No entanto, são casos reais, às vezes floreados com detalhes fictícios. O importante é que são produtos da criatividade e imaginação de empregados da Unidade.

Os editores acharam por bem incluir um Glossário, considerando que as histórias estão abertas a um público variado e existem muitas palavras e expressões que podem ser compreensíveis para uns e obscuras para outros. E nada mais fora de propósito do que contar uma história com palavras que o leitor desconhece.

Este trabalho faz parte das publicações editadas em comemoração dos 25 anos da Embrapa Gado de Leite. Incluí as histórias que foram publicadas por ocasião dos 20 anos da Unidade, resgatando-as para a posteridade.

Como Chefe-geral da Unidade, agradeço a todos os empregados que colaboraram na redação dos textos e, em especial, aos editores pelo trabalho que executaram de coligir as contribuições e dar-lhes o formato que têm neste livro.

Duarte Vilela

Chefe-geral

Sumário

Prefácio

Peixes intrigados – José Augusto Salvati, 7

Cartão vermelho – Valdir Dias da Costa, 8

Um burro muito inteligente! – Fernando Luiz Ferreira, 9

A cilada – Írio Bruzzeguez, 10

Correndo pelo gramado e dizendo adeus... – Maria Elisa Monteiro, 11

Cheque rasgado – Newton Luís de Almeida, 12

E a cobra subiu... – Gilda Maria Magalhães Arimathéa, 14

Abuso de poder – satisfação de um, tristeza de outro – Fernando Luiz Ferreira, 15

Cotia – Írio Bruzzeguez, 15

Descobrimo talentos – Fábio Cordeiro de Souza, 16

O limão assassino – Eduardo Castor, 18

Muito obrigado, Sr. José Augusto! – José Roberto Ferreira e Rosimeire A.C. Dornelas, 19

O cameleão alfaca em Juparaná – Fábio Cordeiro de Souza, 20

Mula 29 – a boa de serviço – Fernando Luiz Ferreira, 23

O poeta e o professor – Newton Luís de Almeida, 24

Cabeça mais dura que um capacete – Fernando Luiz Ferreira, 26

Passe muito bem! – Newton Luís de Almeida, 27

O pé de anjo – Fernando Luiz Ferreira, 28

O leilão e o frango do leilão – Fábio Cordeiro de Souza, 29

Palestrando por aí... – Rui da Silva Verneque, 30

Arlindotur – Newton Luís de Almeida, 31

Formigueiro – Fernando Luiz Ferreira, 33

Solicito até demais – Fábio Cordeiro de Souza, 33

Redonda é que não era... – Ademir de Moraes Ferreira, 34

O segredo da chave – Newton Luís de Almeida, 35

Mês com mais de trinta e um dias – Fernando Luiz Ferreira, 36

Olha a cobra!!! – José Roberto Ferreira, 37

Não convidem para a mesma mesa... – Maria Elisa Monteiro, 38

Mas... será o Benedito? – Newton Luís de Almeida, 39

Tem que consultar as bases! – Maria Elisa Monteiro, 43

E agora, José?! – Newton Luís de Almeida, 44

Ih! sujaram no mundo! – Gilda Maria Magalhães Arimathéa, 45

Pereira – Newton Luís de Almeida, 46

José do Burro – Vânia Maria de Oliveira Veiga, 48

Tampa!... – Newton Luís de Almeida, 50

Quem plantou abobrinhas? – Gilda M.M. Arimathéa e Esmeraldina G. de Mello, 51	
“Causículos” – Newton Luís de Almeida, 52	
O protesto – José Roberto Ferreira, 54	
Sebo nas canelas! – Newton Luís de Almeida, 54	
O mel do “Belha” – Gilda M. M. Arimathéa e Esmeraldina G. de Mello, 56	
“Meu Aurélio!” – Newton Luís de Almeida, 57	
O toco – Rosimeire A. C. Dornelas, 58	
Tá tudo bem por aí?! – Newton Luís de Almeida, 58	
Os caçadores – Rosimeire A. C. Dornelas, 59	
Deixa, que nós vamos é a pé mesmo – duvidam? – José Roberto Ferreira, 60	
Pé de pimenta, pede... – Newton Luís de Almeida, 61	
A corrida dos “dotô” – Gilda M.M. Arimathéa e Esmeraldina G. de Mello, 62	
Doação de sangue, solidariedade e sorrisos – Marne Sidney de Paula Moreira, 63	
“Irmão Otto” x Jó – Írio Bruzzeguez, 64	
Tadinho! – Newton Luís de Almeida, 65	
Casamento do pato – Antonio Carlos Cóser, 66	
Diário de uma copa – Newton Luís de Almeida, 67	
Da pá virada – Jorge Luiz Pereira, 73	
“É a vól!” – Newton Luís de Almeida, 74	
Pobre caixa d’água! – Gilda Maria Magalhães Arimathéa, 76	
Mudança vai... mudança vem... – Newton Luís de Almeida, 77	
Difusão e percepção, transferência e responsabilidade – Marne Sidney de P. Moreira, 78	
Talharim!... macarrão!... – Newton Luís de Almeida, 79	
O dia em que o chefe teve acidente – Írio Bruzzeguez, 81	
Coqueiro que dá coco... – Newton Luís de Almeida, 84	
Professor Virgulino – Aloisio Teixeira Gomes, 85	
Dona Vaca... – Newton Luís de Almeida, 86	
O poço artesiano – Afonso Celso de Souza, 87	
Torcedor convicto – Newton Luís de Almeida, 88	
Prosa dos “minirim” do Gado de Leite – João Cesar de Resende, 89	
Aeroporto 2001 – Lorigo Aldo Stock, Ary F. de Freitas e Vânia M.O. Veiga, 91	
Nesta terra, em se plantando, tudo dá... – João Eustáquio C. de Miranda, 93	
Casos curiosos em perguntas/consultas de clientes da Embrapa Gado de Leite – João Eustáquio C. de Miranda e Joaquim Resende Pereira, 94	
Sopa de letras ou dicionário de siglas – João E.C. de Miranda e Newton Luís de Almeida, 98	
Glossário, 103	

Peixes intrigados

José Augusto Salvati

O que às vezes nos parece impossível acontece por um descuido.

O nosso amigo Sebastião dos Reis, mais conhecido como “Pato” – o pai do Patinho (Dédii), na época da Estação Experimental de Água Limpa, já exercera muitas funções, tais como cozinheiro, electricista, padeiro... aliás, nesta última, aconteceu um caso muito interessante com ele.



Como bom profissional, sempre se dedicava ao máximo para fazer o melhor pão. Mas, num determinado final de semana, em que houve um dos animados bailes na sede da antiga Fazenda Experimental, o nosso amigo Pato quis aproveitar para dançar e acabou se esquecendo um pouco do ofício que o esperava na padaria. Porém, logo no início da madrugada, deixou o salão e seguiu para a padaria, pois o compromisso o esperava. No domingo, bem cedo, teria que fazer a entrega dos pães nas casas dos colegas da Experimental. Ele preparou a massa e colocou-a no forno para assar, como sempre fazia todas as noites. Em seguida, se sentindo um pouco cansado, resolveu encostar por alguns minutos numa velha cadeira e aguardar a hora de retirar os pães do forno. Esses minutos quase foram fatais para o Pato, pois ele adormeceu e acordou envolvido numa grande quantidade de fumaça. Os pães se queimaram e a fumaça se espalhou por todo o depósito da padaria, e quase que vira pato assado, digo, morreu asfixiado.

Preocupado com a situação, ele começou a procurar uma saída, mesmo sabendo que não havia mais tempo suficiente para preparar outra massa, aguardar o tempo de crescimento dela e finalmente assar os pães que deveriam ser distribuídos de manhãzinha. Mas não teve outra opção. Afinal, como ele explicaria a falta de pães para os funcionários da Experimental? E o chefe, Dr. Otávio, morava na Experimental e também recebia os pães em sua casa. Um “causo” sério, não acha?

Bom, ele pensou, o jeito era meter a mão na massa e, enquanto os pães estivessem no forno, ele arranjaría uma desculpa para o atraso. E tudo parecia solucionado. Mas de repente um nova preocupação começou a deixar o Pato meio lelé da cuca. O que fazer com os pães queimados? Enterrá-los, onde? Jogá-los na lixeira, nem pensar! Afí se lembrou que o riacho São Bartolomeu (córrego que passa no Campo Experimental Coronel Pacheco – CECF) ficava bem próximo da padaria. Ele não teve dúvidas. É aqui mesmo. Jogou todos os pães queimados dentro do córrego e se sentiu aliviado: “Agora eu estou livre deles!” Mas essa não foi a melhor solução, não! O nosso colega Arlindo Zambelli, também morador da Experimental, havia armado uma rede no córrego, em um local logo abaixo da padaria. E como era de costume, no domingo cedo ele foi retirar a rede para recolher os

possíveis peixes. De início levou um susto, pois, ao começar sua tarefa, ficou surpreso com o peso da rede, e disse: “Acho que hoje é o meu dia!”. Mas a expectativa logo se desmontou. A rede estava impregnada de pães carbonizados, e peixes mesmo, quase que nenhum.

Quando o Pato ficou sabendo da *farta* pescaria do Sr. Arlindo, ele achou que os seus dias estavam contados na Experimental, pois a qualquer hora o chefe ficaria sabendo. Mas, por sorte dele, essa história só veio à tona alguns meses depois e nada de desagradável aconteceu com o Pato. Aliás, hoje, por exemplo, essa história é motivo de muitas gargalhadas para os colegas que o conhecem.

Quando lerem essas histórias, certamente, tanto como tal pai, quanto como tal filho, eles dirão: “É a vó!” Disso você já sabe...

Cartão vermelho

Valdir Dias da Costa

Naquele tempo quando o Centro foi fundado, o Dr. Hermenegildo era o chefe-geral, o Dr. Roberto Mello, o chefe técnico e o Dr. Lobato, o administrativo. Também havia a Área de Operações Administrativas (AOA), cujo responsável era o Guimarães.

Nessa época, os empregados do Centro eram muito animados, talvez porque eram novos de empresa e tinham muito pique. No ônibus, a “cozinha” ficava reservada para os purrinheiros; no refeitório, depois do almoço, havia torcida para os “dameiros”, tamanha era a animação nos jogos de damas; e os “peladeiros”? Toda quarta-feira e todo sábado havia o futebol de salão na Casa d'Itália ou no Clube Caiçaras.

Era costume haver torneio de futebol entre setores e áreas e todos participavam com muita empolgação. Havia os times da Administração, do Laboratório, da Zootecnia, do Setor de Máquinas e Veículos, da Área Experimental e dos Pesquisadores. Os jogos eram realizados depois do expediente no campo do Centro, cujo gramado já foi palco de grandes jogos e conquistas de inúmeros troféus.

Certa vez, quando jogavam o time da Administração contra o time da Área Experimental, o juiz da partida era o saudoso Sr. Antenor Salviano da Silva, que era o motorista do Centro e também filiado como juiz da liga de futebol de Juiz de Fora. Pessoa boníssima e de uma educação incontestável. Ele era amigo de todos e estava sempre sorridente, mas, quando colocava o uniforme de juiz e entrava em campo, ele se transformava, ficava sério e ali dentro das quatro linhas ele é quem mandava, não tinha esse negócio de ser amigo ou chefe, não, ele apitava e “tava” acabado.

O jogo estava muito disputado e os atletas estavam com os ânimos acirrados. O Guimarães, que era o centro-avante do time da Administração, o qual jogava muito, mas o que tinha de bom tinha de chorão. Reclamava o tempo todo. Qualquer falta que o Sr. Antenor apitava, ele reclamava; logo, recebeu cartão amarelo.

Num determinado momento do jogo, o Sr. Antenor marcou uma falta contra a Administração e o Guimarães não gostou da marcação, foi logo xingando o juiz de ladrão, dizendo que ele estava roubando contra a Administração. O Senhor Antenor, que já não agüentava mais as ofensas, caminhou até o Guimarães e disse: “Doutor Guimarães, o Senhor me desculpa, mas eu vou ter que expulsar o Senhor!” Ele meteu a mão no bolso, tirou o cartão vermelho e disse: “O Senhor me desculpa, mas o Senhor está expulso!” O Guimarães se retirou do campo e o jogo transcorreu na mais perfeita calma até o apito final do juiz.

Terminado o jogo, os atletas e o juiz foram para a barraca onde se encontrava o Guimarães, tomaram aquela cerveja gelada, que é de lei depois de uma partida de futebol. E os dois, Guimarães e o Sr. Antenor, abraçaram-se e se divertiram bastante com o acontecido. Foi a maior gozação e todos se confraternizaram.

Um burro muito inteligente!

Fernando Luiz Ferreira

Um colega nosso do Campo Experimental Santa Mônica (CESM) diz que certa vez aconteceu um caso muito engraçado.

Em Santa Mônica existem vários experimentos e cada pesquisador sempre procura ver em que pé está o seu experimento, ou seja, o andamento da sua pesquisa.

Algum tempo atrás, o meio de transporte mais utilizado no Campo era o animal. O Doutor Rodolfo, sempre que chegava ao CESM, pedia que alguém arreasse um animal pra ele poder ir até seu experimento. Eis que lhe trouxeram um burrinho manso, porém forte, chamado Martelo, considerado pau-para-toda-obra. Na primeira vez que foi levar o Doutor, em retorno, coitado do bicho, quase arriou de vez no chão. Numa segunda vez, chegou lambendo o chão. Na terceira vez, não aconteceu a viagem, porque quando se aproximou do local, vendo quem o esperava, o próprio Doutor Rodolfo em carne e osso, o burrinho sentiu o que iria enfrentar em algumas horas de serviço. Arisco, começou a dar rabichada, coices, se soltou da mão do peão, e sumiu de galopes para o pasto adentro. Ninguém entendeu nada, todos ficaram apáticos com a reação do burro. Só o Martelo, que não era assim tão burro, sabia o real motivo da sua revolta.

Afinal, quem conhece o nosso colega “Gordolfo”, como se costuma brincar com ele, sabe que ele é realmente um homem de peso!



A cilada¹

Írio Bruzzeguez

Corria o ano de 78. A Embrapa Gado de Leite era um burburinho. Pesquisadores instalando seus experimentos, datilógrafos e secretárias no seu dia-a-dia em seus afazeres, novos empregados chegando, fazendo daquelas doze horas longe da querida Juiz de Fora um mundo aconchegante, feito de amizade, companheirismo e principalmente ajuda mútua.

Naquela descontração, muitos colegas não se preocupavam em guardar seus objetos pessoais, que ficavam, na maioria, em cima da mesa, pois a confiança no companheiro de sala era recíproca, o que acontece até hoje.

Mas um fato estranho começou a preocupar alguns pesquisadores. Estava sumindo, de suas carteiras, dinheiro vivo. O curioso é que o gatuno levava somente uma ou duas notas de 10 ou 50 cruzeiros, deixando as demais. Sua visita era sempre no intervalo do almoço, quando todos se dirigiam para o refeitório.

O sumiço tornou-se freqüente e o mais prejudicado foi o Leovegildo Lopes de Matos – o Léo – que, visitado várias vezes, resolveu dar um basta naquilo e arrumou uma cilada para pegar o famigerado “ladrãozinho”. Deixou, de propósito, sua carteira em cima da mesa e escondeu-se dentro do armário, de onde pela fresta podia ver tudo o que acontecia na sala. Numa posição incômoda, devido ao seu tamanho, esperou, com paciência. O tempo passou, os colegas chegaram e nada aconteceu.

No dia seguinte, o mesmo esquema. Após uns 20 minutos dentro do armário, quase sufocado pelo calor, o Léo notou que a porta da sala abriu e o gatuno entrou sorrateiramente, pegou a carteira, escolheu algumas notas e colocou-as no bolso. De um salto, o Léo abriu a porta do armário, agarrou o gatuno, gritando: “Te peguei, seu ladrão safado!” O espanto do gatuno ao deparar com o Léo saindo do armário deve ter sido uma cena patética. Ele gaguejava, tentando desculpar-se, mas foi em vão. Descoberto, foi demitido sumariamente, graças ao herói do dia.

No tempo de escola, o Léo tinha o apelido de Pluto. Seu faro de detetive foi inspirado naquela personagem da história, ou foi mera coincidência?

¹ Fez parte de “Um pouco da nossa história”, publicado nos vinte anos da Embrapa Gado de Leite.

Correndo pelo gramado e dizendo adeus...¹

Maria Elisa Monteiro

Já faz mais ou menos uns 15 ou 16 anos, não sei bem ao certo. O certo é o que bem sei é que Carlos Alberto de Almeida – o Beto – e Joana Darc Gouvêa – a Daio – foram pessoas que marcaram a história do Gado de Leite.



Naquela época, existiam contratos por tempo determinado e, aí, eram selecionados datilógrafos para integrarem o chamado *pool* de datilografia. Só “feras”... Tive o privilégio de integrar este *pool* por uns quatro ou cinco meses, antes de ir para a Difusão e, tenho que admitir, aprendi muito. Foi um tempo de crescimento profissional e individual muito compensador.

Quantas boas lembranças me vêm à mente: cumplicidade, companheirismo, alegria, gargalhada solta, comunhão de idéias e ideais... Logo que passei a desfrutar das companhias do *pool*, fiquei sabendo que o Beto e a Daio haviam, também, participado do concurso ao qual eu fora a selecionada. Confesso que fiquei preocupada. E mais ainda quando passaram a se referir a mim como a “novata”. Que ódio! Mas logo a minha cisma terminou. Uma bela amizade floresceu e entre cervejadas, noitadas, paródias musicais e demonstrações dos recursos da moderna e potente máquina elétrica IBM, a qual já tinha certo domínio pelo meu serviço anterior, fomos nos formando uma turminha bem... vamos chamar... animada!

Devo dizer que esta turma, formada pela chefe Angela Oliveira (eterno Anjão do pedaço), Maristela Nascimento (que anos mais tarde se autocognominou de Tíntia), Míriam (que ficou pouco tempo entre nós), o Beto e a Daio eram os que mais nos davam noção de amor e ódio, alegria e tristeza, mas com amizade pura. Sem metades.

O Beto era jovem, bonitão e, para os padrões do Centro, extremamente elegante. Suas roupas, corte de cabelo, acessórios tinham sempre uma grife, uma marca diferente, um jeito de coisa nova. Muitas vezes sofremos junto com ele quando o chefão o escalava para ajudar a servir o almoço no refeitório, justamente no dia em que ele vinha mais elegante: calça *bag* branca, camisa impecável, sapato ou bota combinando. Devo confessar que era uma honra ser servida por garçom tão lindo, mas a amizade ajudava a sentir raiva naqueles momentos. Seu sonho era ser comissário de bordo de uma grande companhia aérea e, soubemos mais tarde, conseguiu.

Daio era o avesso da vaidade. Tinha uma beleza interior maravilhosa e uma inteligência privilegiada. Sua natureza era elétrica. Sempre falando, sorrindo, traba-

¹ Fez parte de “Um pouco da nossa história”, publicado nos vinte anos da Embrapa Gado de Leite.

lhando, agitando, elaborando programações para *happy hours*. Certa vez me confessei que havia ficado muito triste com o resultado do concurso no qual fui selecionada, mas que acreditava no meu destino para grandes realizações e que talvez o Centro não fosse palco para tudo aquilo que planejava fazer (e podem ter certeza de que não foi mesmo). E que ter me conhecido havia valido mais a pena. Choramos juntas. Ríamos, viajávamos e “bebemorávamos” todos juntos.

Até que o dia nefasto chegou. O dia do final do contrato, fatalmente, veio nos afastar. Lembro-me que, naquele dia, o silêncio era grande na sala do *pool*, normalmente sempre barulhento: quer pelas impressoras, quer pelo barulho dos teclados, quer pelas nossas conversas, quer pelas nossas gargalhadas. Naquele dia, não. Estávamos tristes. Beto e Daio tentavam nos alegrar como de costume, mas estava difícil. Eu, particularmente, me culpava por ter passado no concurso. Afinal, estava bem empregada anteriormente e eles não tinham perspectivas de nada certo, a curto prazo.

Aproximadamente às quatorze horas, foram definitivamente desligados de nosso convívio. Não me lembro se foram chamados à sala da chefia ou ao SRH ou a nenhum dos dois. Só me lembro que Ângela e eu estávamos na janela, olhando os carros que passavam rápidos na rodovia. Estávamos chorando, é bem certo. Silenciosamente. De repente, eles entraram com uma alegria que até incomodava. Sorriam, abraçavam, davam beijos e faziam promessas de encontros e reuniões. E se foram.

Aí é que me vem à mente a cena: num último momento (de rebeldia, talvez), saíram descendo pelo gramado verdinho e bem cuidado em louca correria, dançando, pulando, dando vivas, acenando... até sumirem em direção ao ponto do ônibus que os levaria aos seus destinos.

Cheque rasgado

Newton Luís de Almeida

Eu trabalhava no NDCA (Núcleo Descentralizado de Comunicações Administrativas), ou seja, no Setor de Protocolo. Falo assim porque, apesar do curso sobre Comunicações Administrativas dado pela Sede em 1981, no qual se disse que protocolo era um termo obsoleto, que todas as Unidades da Embrapa deveriam adotar o nome NDCA, mas ninguém na Unidade conseguia falar assim. NDCA “não pegou”. “Entregue este envelope no Protocolo...”

No Protocolo, além de enviar correspondências via Correios, eu tinha de preparar malotes para: Brasília, Vassouras (Fazenda Santa Mônica), Umbuzeiro (CEJP), até para a Itália, o da FAO, por causa das correspondências do Dr. Madalena. Da mesma forma que enviava, recebia. Havia uma frequência de malotes. Tanto dos malotes quanto dos Correios, eu tinha de fazer uma triagem. O que era para protocolar, eu protocolava, o que era para somente entregar, eu entregava. Eu podia abrir qualquer envelope endereçado à Embrapa Gado de Leite ou que estivesse endereçado à chefia. Só não podia abrir envelope que estivesse “aos cuidados de” ou que simplesmente tivesse o nome da pessoa, o que ficava caracterizado como particular. Também não podia abrir, obviamente, envelope com o carimbo “reservado” ou “confidencial”. Fora esses casos, prioritariamente, eu tinha de protocolar os documentos recebidos por malote. Ou seja, carimbar com número seqüencial de acordo com a ficha, onde eu fazia um resumo do assunto e marcava a tramitação do documento. Primeiramente a chefia recebia, depois fazia o despacho para os setores de competência. Eu carregava todos os documentos protocolados e os deixava com a Virgínia, secretária da chefia. A folha de pagamento quase sempre chegava no dia 22 de cada mês. Eu tinha de entregar rapidamente, para não atrasar o pagamento. Naquele tempo tínhamos o “dia-de-pagamento”. Na verdade, havia dois dias, só que cada um escolhia o dia, para sair às 13 horas e receber no Banco do Brasil, em Juiz de fora – ter que enfrentar uma fila... mal dava tempo para resolver outros problemas.

Uma vez, depois que eu já havia entregue a pasta com os documentos protocolados, a secretária telefonou-me dizendo que o chefe estava me chamando na sala dele. O Dr. Roberto queria saber onde estava o cheque enviado por Brasília, citado (não me lembro o valor) como anexo no documento que eu havia protocolado. Naquele tiro à queima-roupa, eu, que já fico vermelho à toa, devo ter ficado roxo, amarelo e, depois de todas as cores, devo ter ficado branco. Respondi ao chefe que não sabia onde se encontrava o cheque, que ele deveria estar junto com o memorando que eu protocolei. Eu saí com a cabeça fervendo, suando frio, à procura do cheque perdido.

O chefe havia telefonado para Brasília, que confirmou ter enviado o cheque. Depois que eu havia olhado em tudo quanto era pasta, envelope, gaveta, eu já estava pensando ir de setor a setor à procura do cheque, quando me veio a idéia de “fuçar” a lata do lixo. Ele estava num envelope modelo oficial O2, ou, mais precisamente, num envelope rasgado ao meio, e o cheque também. Suei frio mas apresentei o cheque bipartido ao chefe. “Tô frito!” – pensei. “Como você me faz uma coisa dessa, Newton?” Só sei que o chefe teve de pedir o envio de outro cheque à Brasília. “Vê lá se não vai me rasgar esse também!...”



É a cobra subiu...

Gilda Maria Magalhães Arimathéa

Ao ser contratada para o cargo de "Auxiliar de Biblioteca e Documentação", para trabalhar na Biblioteca da Embrapa Gado de Leite, em 1978, tinha certeza de que minha vida tomaria novo rumo. Primeiro porque adorava trabalhar com livros, segundo porque, além disso, a empresa dava muito apoio.

Ao chegar ao Setor, fiz duas grandes amizades: Dina e Edna. Logo me entusiasmei e passei a energizar o grupo. Trabalhávamos muito, mas sempre com alegria. Como o trabalho era bem pesado, no início, e sujava muito a roupa, decidi que a trocava todos os dias ao chegar ao Setor.

Chegava de manhã, com meus trajes sempre "a rigor do tempo" e os trocava pelos trajes de marca. Ou seja, um guarda-pó com a "marca da empresa" e o resto com a "marca do tempo". O melhor disso tudo é que não me sentia constrangida e trabalhava sempre com alegria, disposição e interesse. Ao terminar o dia, por volta das 16h30min, iniciava meu ritual inverso. No Setor havia um banheiro com chuveiro e lá ia eu tomar meu banho e vestir as roupas do "traje a rigor".

Uma bela tarde, fui ao banho e lá estava eu, como cheguei ao mundo, me deliciando com a água quentinha e eis que de repente vejo algo se mexer e subir pelo ralo do box. No primeiro momento cheguei a pensar que seria uma falha visual, pois, afinal, depois dos 15 anos as coisas começam a se complicar. Que nada! Saiu de lá, mui faceira, uma cobra, ainda sem entender a razão daquela água quente caindo sobre ela. Mais sem razão ainda fiquei eu, que de cobra nem tenho medo, tenho é pânico mesmo. A coitadinha ali sem saber o que acontecia e eu em pêlo, pendurada no basculante, tentando chamar a Dina para me socorrer. Ela, lá embaixo olhando pra mim, e eu lá em cima, nem olhando. Realmente, era um clima quase hilariante. Engraçado, que aprendi desde pequena com minha santa mãezinha que ao entrar no mato reza-se uma oração para evitar cobras. Mas como ia eu rezar a oração se ali nem mato tinha! E eu ali em cima e a cobra ali em baixo me observando, porque eu nem olhava. Até que Dina, após ouvir meu chamado, chega perto da janela, do lado de fora, sinalizando o que eu deveria fazer para atingir a porta de saída, e me safar daquela situação deveras complicada. E aí sim, com muita dificuldade, consegui abrir a porta, sem fazer barulho para não chamar a atenção da minha colega de banho, dei um salto e pulei no corredor da biblioteca, do jeito que me encontrava. A platéia, entre admirada e perplexa, não sabia se me acudia, se ria ou socorria a cobra, coitada, sem ainda nada entender.

Depois desse espetáculo todo, entra na Biblioteca o Sr. João Pedreti, com uma vassoura na mão, dizendo: "Cobra? é comigo mesmo!" e, dando-lhe uma vassourada, acabou com o olhar de cobra d'água da dita cuja.

E eu? Não quis saber de banho naquele banheiro por muito tempo, até que se fez uma reforma nele. Naquele momento, não sei até hoje como consegui vestir meu lindo "traje a rigor" de todo dia e voltar pra casa. Esse assunto virou história por muito tempo no Centro... aliás, ficou na história.

Abuso de poder – satisfação de um, tristeza de outro

Fernando Luiz Ferreira

Sem saber a data certa, o colega Afonso dos Santos conta que aconteceu um fato muito engraçado no CESM.



No horário do almoço sempre existiram rodas de truco, buraco, damas e aquela jogação de conversa fora, cada um contando suas façanhas mais mirabolantes. Num desses dias, surgiu uma discussão entre dois empregados, a qual tomou o rumo de uma aposta. O primeiro afirmava que já havia comido estrume de vaca, verdinho e fresquinho. O segundo, indignado com essa história, disse que não acreditava, que isto era a maior lorota que já havia ouvido nos últimos anos. Então, o primeiro resolveu desafiá-lo, propondo uma aposta, mas ele estava com segundas intenções, pois estava de olho no relógio de pulso que o segundo havia acabado de comprar. Mas, como o segundo não acreditava que ficaria sem o relógio, aceitou.

Estavam todos no horário de almoço e naquele instante acabava de passar uma vaca deixando seu montinho fresquinho próximo deles. Sem pestanejar, o colega partiu quente pra cima do monte e saboreou como se fosse um suflê de espinafre; ao terminar, chegou a lamber os beiços. Mas na verdade a lambida era pelo relógio que acabava de ganhar. Triste, o outro colega tirou do pulso o relógio que acabara de comprar, para pagar a aposta feita. Final da história: o colega ganhou o relógio que pretendeu, mas acabou perdendo o emprego, porque, logo que o assunto chegou aos ouvidos do chefe, este na mesma hora despediu o ganhador da aposta.

Cotia¹

Irio Bruzzeguez

Quem costuma passar pela matinha após a refeição do meio-dia, principalmente, se ficar atento vai notar diversos tipos de árvores e seus frutos, plantadas com carinho por empregados da antiga Fazenda Experimental de Água Limpa, hoje CECP. Jambosa, eugênia, azedinha, sapucaia, cacau e a mais conhecida: cotia, ou “humbrigueiro-de-cavalo”, que foi protagonista de uma cena histórica e hilariante.

A cotia é uma árvore de porte alto e seu fruto grande é revestido por uma casca grossa, escura que, caindo no chão, abre-se com o tempo, deixando à mostra uma castanha amarelada, do tamanho de uma bola de tênis. No interior desta castanha, pequena amêndoa, de cor branca. É um santo remédio para provocar

¹ Fez parte de “Um pouco da nossa história”, publicado nos vinte anos da Embrapa Gado de Leite.

uma violenta diarreia, mesmo se ingerida em pequena quantidade. Não sei ao certo o porquê do nome “humbrigueiro” para cavalo.

Corria o ano de 79 e o Centro estava sendo estruturado, ajeitando empregados em seus respectivos locais e funções.

Na recepção atendia uma simpática colega que hoje ocupa um cargo de destaque, devido a sua capacidade de trabalho e aqui fez carreira, bem merecida. Um pesquisador que gostava do mal feito, resolveu aprontar com aquela empregada. Cortou a amêndoa em pequenos pedaços e fingiu que estava comendo-os, chamou outro colega para cúmplice e juntos aproximaram-se da mesa de recepção.

– O que vocês estão comendo? – perguntou a colega e naquele momento aproximou-se sua amiga, que também ficou curiosa.

– É uma amêndoa gostosa que tem ali na matinha, de sabor igual ao de coco!

– Posso experimentar?

– Claro! Aceita também? Aqui estão dois pedacinhos para vocês. Se gostarem, traremos mais.

E as duas saborearam a amêndoa. Furtivamente os dois se mandaram e, de longe, ficaram à espreita. Num prazo de 15 minutos, a amêndoa começou a surtir o efeito esperado. As duas passaram a subir e a descer as escadas que levava ao toalete. E assim foi a tarde toda.

Dois dias se passaram e nada das colegas. No terceiro dia apareceram. Olhos fundos, pálidos, nitidamente com alguns quilinhos a menos. No sorriso sarcástico dos responsáveis pela diabrura, uma ponta de arrependimento ante o deplorável estado das colegas, que, pela gula, sentiram os efeitos da cotia, o “humbrigueiro-dos-cavalos”. Imagine se tivessem comido a amêndoa inteira!

Descobrimo talentos¹

Fábio Cordeiro de Souza

Desde as nossas primeiras participações com os embrapianos, realizadas na praça de esportes, começamos a nos preocupar com um aspecto que poderia contribuir para melhor formação dos adolescentes, filhos dos empregados da Embrapa, residentes na área do CCEP. Com uma experiência anteriormente adquirida, pensamos em um grupo de teatro, composto pela “prata da casa”. Falamos a algumas pessoas e pedimos que falassem a outras, que falassem a outras, que falassem a outras...

¹ Fez parte de “Um pouco da nossa história”, publicado nos vinte anos da Embrapa Gado de Leite.

Não tardou muito, e fomos cobrados a iniciar o movimento. Com o apoio e o entusiasmo do nosso colega Beto (Roberto Martins Duarte), hoje empregado da Epamig, convidamos a todos os interessados para uma “palestra” no salão de reuniões do Laboratório Central. Num sábado à tarde, com uma presença de mais de trinta jovens, expusemos nossa idéia da formação de um grupo de teatro, que teria o caráter experimental e que, se vingasse, poderia tornar-se um grande aliado, tanto para os jovens quanto para toda a comunidade ali residente, pois o grupo, após um período de amadurecimento, dramatizaria suas próprias inquietações, escrevendo os textos e, conseqüentemente, repassaria aos familiares a responsabilidade de discutir e resolver, eles mesmos, os seus problemas.

Poucos eram entre os presentes os que já haviam assistido a um espetáculo teatral. Alguns não tinham a menor idéia. A arte de representar parecia coisa de especialistas, gente diferente, que se distanciava muito da realidade deles. E, em parte, tinham razão, já que tudo que se tinha visto até então eram apresentações escolares, em datas específicas, como Dia das Mães, Natal, Semana da Pátria etc., despreziosas e com um tom excessivamente amadorístico. Nossa proposta era de fazer teatro. Amador, sim, mas com a responsabilidade dos profissionais.

Para que pudéssemos nivelar o conhecimento, propusemo-nos a voltar no sábado seguinte e, dependendo do interesse, quantos mais fossem necessários, até que houvesse o interesse real. E assim foi feito: todo sábado à tarde, com informações sobre a origem e a evolução do teatro – um apanhado desde o século 111 a.C. até o Teatro Novo – falávamos “até babar na gravata”. Muitos não suportaram e foram, aos poucos, abandonando o movimento. O grupo, reduzido a sete ou oito pessoas, queria demonstrar que havia assimilado a teoria e já podia passar à parte prática. Com textos gentilmente cedidos pelo José Luiz Ribeiro, diretor do Centro de Estudos Teatrais – Grupo Divulgação, começamos a fazer leitura, com o objetivo de descobrir o potencial e distribuir os papéis conforme o talento de cada um.



À medida que o interesse crescia, era necessário intensificar os encontros e recorremos à chefia da Embrapa Gado de Leite, na pessoa do Dr. Roberto Pereira de Mello. Foi então autorizado pelo chefe que, nos dias de ensaio, o carro destinado ao plantão nos levasse a Juiz de Fora, o que ocorria sempre após as 21 horas. Outro problema era o local para os ensaios. Um contato com a diretora da Escola Estadual Sargento José Manoel de Oliveira, e tudo resolvido. Podíamos usar as instalações da escola.



Como os textos cedidos pelo Grupo Divulgação eram destinados a atores experientes, textos antológicos, como “O Auto da Compadecida”, sabíamos da impossibilidade da montagem de uma daquelas peças. Mas valia o exercício.



Quando foi aberto o concurso para admissão de pessoal no quadro efetivo da Embrapa, em julho de 1979, o Gado de Leite e o grupo de teatro experimental foram privilegiados. Entre os empregados admitidos no mês seguinte ao do concurso, estava a nossa colega Maria Elisa Monteiro – a



Elisa, que, além de uma invejável experiência profissional, trazia consigo uma vivência do movimento Bandeirantes, onde trabalhou sob a liderança de Maria Clara Machado, a consagrada autora de teatro infantil. Poucos meses depois, o grupo já contava com a colaboração da Elisa que, além de incorporar seus dotes artísticos ao grupo, trazia também alguns textos, dos quais foi selecionado um de acordo com os recursos disponíveis, ou seja: que tivesse um número de personagens igual ao número de atores de que dispúnhamos, e cuja produção tivesse o menor custo possível.

Para fazer frente às primeiras despesas, foi elaborada uma “ação entre amigos”, em que se sorteava uma calculadora. Para as demais, o grupo montou uma barraca na festa junina, com um bingo que premiava aos ganhadores com brindes oferecidos por colaboradores.

Além dos ensaios, que adquiriram caráter intensivo, a produção contou com a participação efetiva de todos do grupo e com a colaboração dos colegas da carpintaria, dos pedreiros, dos eletricitistas e de muitos outros.

O salão da escola, antes destinado a reuniões, festas e atividades específicas, recebeu a montagem de cortina com roldanas, palco com carpete (para encobrir as emendas das aparas de tábuas) e placas laterais de compensado, que permitiam modificar o cenário.

Os problemas – que poderiam receber um capítulo à parte – foram superados pelo entusiasmo, pelo esforço e, sobretudo, pelo carinho com que cada elemento do grupo se dedicou à construção do evento.

A recompensa veio na estréia, no dia 19 de julho de 1980. Casa cheia de adultos e de crianças, a expectativa transbordava nos olhares cintilantes.

E a platéia assistiu e aplaudiu a montagem de “O Rapto das Cebolinhas”, de Maria Clara Machado, pelo Grupo de Teatro Experimental.

Como que aprovando a iniciativa, também presente à estréia o diretor do Grupo Divulgação, professor José Luiz Ribeiro.

Houve outras apresentações, incluindo uma na Fazenda Santa Mônica, em Baão de Juparaná, além da montagem de outra peça.

Mas esses fatos contam outros contos.

O limão assassino

Eduardo Castor

Se você estivesse comendo alguma coisa, ele estendia a mão e pedia um pedaço. Se você estivesse usando um casaco diferente, ele pedia emprestado. Ele não podia ver um telefone e queria telefonar. Esse era o nosso amigo Pascoal, daquele tempo do suporte de datilografia da Embrapa Gado de Leite.

Um dia, durante o horário de almoço, eu estava batendo um papo com o Elyverto, o Jorge Pereira e o José Vicente. Este último me deu um limãozinho, o qual fui descascando como se fosse uma mexerica, enquanto conversávamos. Neste ínterim, aproximou-se o Pascoal e estendeu a mão, pedindo um pedaço, o que fiz prontamente, continuando o papo com os três amigos. Antes que eu pudesse falar qualquer coisa, Pascoal jogou aqueles gomos na boca e mordeu com tanta avidez, que a sua garganta, com a acidez do limão, teve uma contração. A cena que se seguiu, para nós que conhecíamos o jeito pândego dele, foi tão cômica, que disparamos a rir, principalmente pelos seus pulinhos e batidas no peito, com os olhos estatelados. Ainda ríamos, quando o Jorge desconfiou que o nosso amigo realmente estava em apuros (ele estava ficando roxo); por isso, chegou-se a ele e deu-lhe um tapa nas costas com tanta força, que a “mardita frutinha” foi parar longe, para o alívio do nosso amigo Pascoal. Daí pudemos continuar com nossas gargalhadas, ainda mais por vê-lo perplexo e vermelho.

Muito obrigado, Sr. José Augusto!

José Roberto Ferreira e Rosimeire A. C. Dornelas

Aqueles com um pouco mais de tempo de Embrapa, certamente, o conheceram: o Sr. José Augusto. Já falecido, trabalhou no Laboratório por muitos anos, tendo se aposentado e retornado para sua cidade de Sete Lagoas. E este caso gira em torno dele.

Todos os dias, era costume da Turma do Laboratório, como eram chamados aqueles que trabalhavam no Setor, se reunir no início da manhã e no meio da tarde para tomar um café. Uns traziam umas guloseimas para degustar, outros iam no cafezinho puro mesmo ou com aquele leite gostoso da roça, preparados pelo saudoso Sr. Garibaldi.

O José Augusto tinha sempre escondido, e muito bem escondido, um biscoito para comer na hora do café. Oferecia (por educação) os seus biscoitos aos colegas, mas gostava de contar vantagem de seus petiscos, dizia que estava muito bom, que era biscoito de primeira, só para deixar os demais com água na boca.

Certo dia, o Leopoldo Henrique e o José Miguel descobriram o esconderijo do biscoito. Sorrateiramente, foram até lá e comeram os biscoitos, desses recheados, que vêm embalados na forma de um cilindro. Depois de saborearem, encheram a embalagem de papel, de forma que ela parecia ainda conter os deliciosos biscoitos. Hora do cafezinho, lá vem o Zé Augusto pelo corredor, com seu andar característico, pisando um pouco para dentro, acreditando estar carregando aquelas maravilhas de biscoitos. Chegou, serviu-se de café, pingou um pouco de leite, sentou-se

no degrau da escada do laboratório e começou a desembulhar o pacote de biscoitos. Surpresa!!! Só havia papel e um bilheteinho por cima escrito: "Muito obrigado, Sr. José Augusto!" O rosto do Zé Augusto foi ficando vermelho de raiva e, de sobressalto, foi tentar achar os autores daquela façanha. Mas, lógico, os culpados não se manifestaram e todos deram gargalhadas e por muito tempo aquela frase foi lembrada, sempre acompanhada de boas risadas.

O Cameleão Alfaca em Juparaná¹

Fábio Cordeiro de Souza

A chamada família embrapiana já viveu seus melhores dias de fraternidade, companheirismo e solidariedade. Os eventos realizados no Centro Nacional de Pesquisa de Gado de Leite, em Coronel Pacheco (MG), sempre foram partilhados com os companheiros de Barão de Juparaná (RJ), na Fazenda Santa Mônica, ou vice-versa.

E foi assim com o Grupo de Teatro Experimental. Logo depois das apresentações de "O Rapto das Cebolinhas" no salão preparado na Escola Estadual Sargento José Manoel de Oliveira, no Campo Experimental de Coronel Pacheco, a notícia se espalhou e, com isso, gerou o interesse de uma apresentação da peça em Santa Mônica.



Para um grupo de amadores, com poucos recursos materiais e humanos, além da falta de flexibilidade de horário, era um tanto difícil. Por isso, mais uma vez tivemos de recorrer à chefia para estudar a viabilidade de levar o grupo para uma apresentação em Juparaná. O Dr. Roberto Pereira de Mello não só autorizou, como fez, do próprio punho, um bilhete ao Dr. Aloísio Torres de Campos, na época chefe do CESM, pedindo-lhe que fosse dada toda a atenção e o apoio necessários para a realização do evento.

O primeiro passo fora dado sem maiores problemas. Fomos a Santa Mônica, conversamos com o Dr. Aloísio e com ele saímos em campo para descobrir um local onde pudesse ser montada a peça. Galpão da oficina, estábulos, pátios e salas da sede da fazenda foram sondados. Nada que agradasse. Faltava, então, o casarão que fora destinado à residência do Duque de Caxias. Aliás, conforme inscrição na placa que homenageava o dito cujo, do ínclito Caxias.

Com suas dependências muito espaçosas, o casarão foi eleito como o local ideal. Mas não todo; apenas um dos salões.

Após discutidas todas as necessidades, o Dr. Aloísio mandou que se fizesse uma limpeza no local e que fosse montado o palco. O trabalho dos nossos colegas

¹ Fez parte de "Um pouco da nossa história", publicado nos vinte anos da Embrapa Gado de Leite.

da fazenda foi digno de elogios. A madeira utilizada foi cortada com precisão, e com muita habilidade foram-se encaixando cantoneiras, travas, mãos francesas e tudo mais, ficando para o grupo apenas a instalação elétrica, que iria permitir os efeitos de luz e sombra, fundamentais para o entendimento da peça. E como o grupo já tinha a experiência de Coronel Pacheco, poderia ficar para o próprio dia da apresentação, desde que chegássemos com algumas horas de antecedência.

O transporte do material – cenário, roupas, fios, refletores e demais bugigangas cenográficas – teria de ser feito em caminhão. Sem problemas.

Elisa e eu nos dispusemos a ir juntos, no mesmo caminhão. Facilitaria, pois bem cedo começaríamos a montagem, e quando, mais tarde, chegasse o restante do elenco, seria completado o trabalho.

Mas, nem tudo são flores na vida artística. Parece até que os espinhos se multiplicam.

Saímos bem cedo, com o nosso colega José Sell no comando da Mercedinha 608, lonada porque a natureza ameaçava chorar. E choveu. E talvez a chuva tenha confundido o nosso experiente piloto que, embora sempre afirmando que conhecia a estrada como a palma da mão, errou o caminho.

À medida que íamos nos embrenhando por terras (alagadas) nunca dantes percorridas, sentíamos a sensação de que, a qualquer momento, poderia ocorrer uma pane no motor do caminhão e não chegaríamos a tempo de montar e apresentar o espetáculo.

Depois de quase cinco horas de viagem, chegamos.

Enfim, salvos! Para trás ficaram rastros nas estradas e ruas sem asfalto nem calçamento, de municípios que nem imaginávamos existir: Pedro do Rio, Secretário, entre outros, nas imediações de Itaipava e Petrópolis (RJ).

“O Rapto das Cebolinhas” contava a história do Coronel Felício, que vivia com seus netos Lúcia e Maneco e os animais de estimação: Simeão – o burro, Gaspar – o cão e Florípedes – a gata, em sua bem-sucedida propriedade.

Visando à sua longevidade, o Coronel Felício havia importado da Índia três mudas de cebolinhas que tinham a propriedade de rejuvenescer. Com os cuidados que devem ser dedicados ao mais sofisticado projeto de pesquisa, foram plantadas e eram sempre regadas e observadas.

Como a notícia se espalhou, não tardou para que alguém, sorrateiramente, furtasse uma das cebolinhas. E a trama se desenrola com o desespero de todos, sendo montado um forte esquema de vigilância para evitar o desaparecimento das demais cebolinhas. Com os rumores, surge um detetive – com diploma e tudo – que promete prender o meliante e fazer voltar a paz na propriedade do coronel.

O detetive era interpretado pelo colega do Setor de Laboratório, Celso de Castro Perobelli, e respondia pelo nome de Camaleão Alface. Como um grande investigador, que detinha várias medalhas de honra ao mérito, distintivo de xerife etc. e tal, Camaleão Alface precisava conquistar a confiança de todos da casa, principalmente dos animais, porque, muito coincidentemente, era ele próprio o ladrão.

Essa situação, imaginada pela autora, Maria Clara Machado, induzia o personagem a ter muitos diálogos, forçando “uma grande amizade”, a ponto de quase se transformar em alguém acima de qualquer suspeita.

Mas, quem se lembra do Celso?

No palco, sempre muito responsável, vibrava com a arte de representar. Na vida real, sempre que oportuno, lá estava ele com um copo de cerveja na mão, a tagarelar anedotas e pilhérias, quando não falava de sua grande paixão, alguém que também trabalhava no grupo. Só que o amor nunca foi declarado.

A recomendação era para que não bebesse, pois com o Sistema Nervoso Central alterado poderia esquecer o texto. Isso levaria a pelo menos duas situações: ou provocaria uma lacuna, prejudicando aos outros atores, ou poderia se trair, num improvisado pouco elaborado, mudando a “cara” do espetáculo.

A marcação era cerrada com o Celso. Sua vontade de colaborar, porém, superava qualquer indisposição com o grupo.

Por causa da aventura nas curvas da estrada de Secretário e o conseqüente atraso, a vigilância foi, involuntariamente, afrouxada. E lá foi o Celso para os botecos de Barão de Juparaná, deixando a todos mortos de preocupação.

Pouco tempo antes da hora do início, o Celso chegou. O rubor das faces, a voz tendendo a pastosa e a empáfia dos “albertos robertos”, ao ser repreendido, indicavam claramente que havia bebido. E a apreensão: vai errar!

Não deu outra. Errou. E errou várias vezes. Mas improvisou, e tudo bem.

Entretanto, em um dos vários momentos de crise na peça, em que o Camaleão Alface já havia se tornado suspeito, e discutia com a neta do coronel, na tentativa de jogá-la contra seu irmão Maneco, o fim de sua fala era “... e o Maneco está furioso com você!”

Silêncio profundo no salão que abrigava, além dos empregados, familiares e gente da comunidade, uma turminha muito especial: cerca de 60 crianças do Patronato de menores Asilo Agrícola Santa Isabel, que haviam sido convidadas desde que ficou decidida a apresentação.

Em cena, Gaspar, Florípedes e Simeão tentavam transmitir à Lúcia o que já sabiam; Camaleão Alface gritava com a Lúcia, tentando intimidá-la. No final, gaguejante como os que se esquecem, soltou: “... e o Maneco está... e o Maneco está... e o Maneco está muito puto com você!”

Isso foi em 1981. Os tempos eram outros e a moral impunha limites mais rígidos. Houve um choque e, depois, algumas broncas.

Durante muito tempo, mesmo depois de sua morte, o grupo se lembrou do ocorrido, mas jamais guardou rancor do Celsinho. Tanto que a peça seguinte, “O Mistério das Três Horas”, foi dedicada a ele.

E esta história também.

Mula 29 – a boa de serviço

Fernando Luiz Ferreira

Os colegas Esmeraldo, Moacyr e Amilton contam que, por volta dos anos 80, no Campo Experimental Santa Mônica, Unidade da Embrapa Gado de Leite que está situada em Valença, no Rio de Janeiro, existia uma mula de nome 29. A danada era boa de serviço, ou, em outras palavras, “pau-pra-toda-obra”.

Naquela época existia em torno de 20 campeiros. Quem estava sempre de escala de serviço é que tinha que ir buscar a mula no Pasto 2, conhecido como Papa-vento. Saía dia, entrava dia, alguns campeiros começaram a ter dificuldades em buscar a mula no pasto e trazê-la para o serviço. Ela corria para o barranco e empacava, ninguém conseguia tirá-la, nem com reza brava. Apenas um campeiro que conseguia esta façanha. Os outros colegas, intrigados em saber o que o referido colega fazia, resolveram ir atrás dele para saber o que acontecia, e qual o manejo que ele utilizava para atrair a 29 para seu comando. A mula 29 só obedecia depois do manejo carinhoso que ela recebia. Os colegas, escondidos, acharam graça e resolveram não fazer nenhum comentário. Quando chegava a vez de cada um, nenhum estava tendo mais dificuldades em trazer a dita cuja para o serviço. Muitos gostaram da idéia e começaram a fazer o mesmo, deixando a mula cada vez mais mal acostumada com tanto carinho.

Anos passaram. Resolveram fazer um leilão de animais no CESM e a dita cuja estava encabeçando a listagem. Com o passar dos anos, a idade foi pesando e o serviço já não era como antes. Apesar de a mula ser um patrimônio da Empresa, parecia que ela tinha vários donos. Quando os campeiros tomaram conhecimento do leilão, foi uma tremenda revolta, o amor pela bichinha era tanto que alguns chegaram a adoecer, faltavam ao serviço, nos finais de semana afogavam suas mágoas na “mardita” cachaça. Quase foi o fim dos serviços no CESM. Eis algumas lamúrias testemunhadas por alguns colegas:

- Como vou viver sem a minha bichinha?
- Quem vai preencher o vazio que está ficando dentro de mim?
- Pra onde ela for, eu vou atrás.

O responsável pelo CESM, na época, não entendeu o que estava acontecendo com os empregados. Como o leilão estava com data marcada, no dia exato, a mula 29 saiu num lance com outros animais no lote. A tristeza pairou durante alguns dias, mas felizmente tudo voltou ao normal.

Pena que não conseguimos saber quem foi o primeiro adestrador da 29!



O poeta e o professor¹

Newton Luís de Almeida

Em 1979, quando comecei a trabalhar como datilógrafo no Centro Nacional de Pesquisa de Gado de Leite, Unidade da Embrapa em Coronel Pacheco, o chefe era o Dr. Roberto Pereira de Mello.

Trabalhei por uns tempos no Setor de Almoxarifado, até que o Chefe me transferiu para o Setor de Protocolo, como auxiliar administrativo. Como sou formado em Letras, ele resolvera me passar uns trabalhos de pesquisa para que eu fizesse a revisão lingüística. E, com isso, foram aparecendo mais e mais trabalhos para eu corrigir. Achei muito bom porque, afinal, eu estava fazendo um serviço que estava ligado à minha formação. Eu me formara em 1978 e relutava em dar aula, por causa da minha timidez.

Coincidiu estar programado um curso de treinamento em Brasília sobre comunicações administrativas. Fiz a inscrição. Lembro-me que o Wilson, a quem substituí, porque quis trabalhar no Setor de Zootecnia, falou que eu tinha muita sorte.

– Eu estava esperando há bem tempo sair esse curso. Sempre quis viajar de avião e conhecer Brasília.

– Pois eu prefiro viajar de ônibus... falei com ele.

O fato é que o curso foi em Belo Horizonte, na sede da Epamig. Fiquei uma semana lá. Conheci colegas de outras Unidades. Visitamos as instalações da Epamig, a Fazenda Santa Rita, onde o Paulo Piau nos mostrou experimentos. Até a inseminação artificial eu assisti. Fomos ao Centro Nacional de Pesquisa de Milho e Sorgo, em Sete Lagoas, onde vimos muitas coisas, inclusive um biodigestor, no qual o biogás era produzido pela fermentação do bagaço de cana. O Setor de Protocolo de lá estava mais “adiantado” do que o nosso. O curso foi ótimo. Quando retornei ao serviço, fiz um baita relatório para o Chefe. E logo logo o Setor mudou de sala e passou a se chamar NDCA, ganhou um balcão, para que não houvesse trânsito de pessoas (“O NDCA é um setor de sigilo.”); ganhou máquina de franquear (imagine como era selar um montão de cartas!); ganhou um telex (tive até de fazer um curso na Embratel). Apresentei normas de tudo quanto era jeito. Só sei que até serviço de reembolso postal eu “implantei” no Setor.

Mudou de chefe e continuei corrigindo trabalhos. Meu nome começou a aparecer no verso das folhas de rosto das publicações. Aconteceu uma coisa interessante: comecei a comprar livros, estudar e pesquisar. Percebi que naquele momento eu estava dando continuidade aos meus estudos e me atualizando, aprendendo

¹ Fez parte de “Um pouco da nossa história”, publicado nos vinte anos da Embrapa Gado de Leite.

mais do que nunca. Quanto mais estudava, mais precisava estudar. A maneira de se corrigir um texto muda sempre: a visão de hoje não é a mesma da de ontem, nem da de amanhã.



Quando alguém sugeriu que eu deveria ir para o Setor de Difusão, um dos chefes rebateu:

– Não! Ele tem que ficar é no Protocolo! No Protocolo ele é um e meio!

Fiquei de boca aberta... Quer dizer que o meu serviço de revisão só valia *meio*? E quanto ao salário, onde estava o *meio* que eu não estava recebendo?

Certa vez houve uma “caravana do delírio” para vermos o biodigestor que o Dr. José de Alencar, responsável pelo projeto de energia alternativa, instalara no Centro. Fiquei maravilhado em ver como funcionava o biogás, que era produzido pela fermentação de dejetos de animais colocados em proporções com água. Acionar motores, aquecer água de chuveiro, de torneira, acender fogão, lampião... Achei tão interessante, que, mais tarde, eu fizera uma crônica a respeito do biogás, a qual foi publicada pela Revista dos Criadores.

Mas, antes desse fato, ainda no NDCA, o Dr. Alencar um dia apareceu com um papel na mão, vermelho, nervoso, querendo saber porque no trabalho dele eu havia mudado a frase “visando o desenvolvimento...” para “visando ao desenvolvimento...” Eu, com o meu jeito acanhado, senti-me aquele aluno que fez alguma insubordinação.

– Não, professor Alencar (como eu o chamava), o Sr. pode olhar no dicionário! É porque o verbo visar, neste caso, é transitivo indireto!

Ele foi à Biblioteca e, quando voltou, estava mais bravo ainda. E veio com o dicionário na mão, dizendo que do jeito que ele colocara estava certo. Ele estava vermelho de raiva e eu de vergonha. Com a calma que me é característica, falei com ele:

– Professor Alencar, o Sr. só está lendo o começo. O verbo visar, no sentido de mirar, dar visto em, é transitivo direto, mas quando tem o sentido de ter em vista ou ter por objetivo, é transitivo indireto, e, nesse caso, vem acompanhado da preposição a.

Ele leu de novo o dicionário, pôs a mão direita na cabeça e disse:

– Me perdoa, meu filho, você tem toda razão. Eu havia mesmo só lido o começo!

Passado um tempo, eu havia tirado o primeiro lugar no Primeiro Concurso de Contos de Juiz de Fora e o Professor Alencar, no refeitório, levantou-se, bateu palmas para chamar atenção do pessoal que almoçava e perguntou:

– Vocês sabiam que temos aqui um colega que é poeta? que ele tirou o primeiro lugar no concurso de contos?



Ele expressou sua emoção dizendo que meu conto fez ele relembrar o seu tempo de menino. Depois pediu a todos que dessem uma salva de palmas para mim. Não que me envaidecesse por receber aplausos, mas percebi nesse gesto dele um sinal de amizade e mais tarde de confiança.

Toda vez que passava por mim, dava-me um tapinha nas costas e me perguntava:

– Olá, poeta, escreveu mais alguma história?

Cabeça mais dura que um capacete

Fernando Luiz Ferreira

Segundo nos conta Maurício Gomes de Souza, empregado do CESM, a cada chefia que passa pela nossa Empresa, sempre surgem novas idéias e normas no intuito de melhorar o bom andamento dos serviços e a segurança de trabalho para os empregados.

Diz ele que, certa vez, veio uma ordem da direção pela qual todos os empregados dos Campos Experimentais deveriam usar capacete de proteção. Acostumados com o tradicional boné, custaram a aderir às novas normas. A relutância foi tanta que designaram um técnico de segurança de fora da Empresa para explicar sobre a importância, a utilidade e a resistência dos capacetes. Com medo da repressão, os empregados resolveram aderir.

Num belo dia, quando retornavam do campo onde estavam trabalhando, Osvaldo, passando próximo da carpintaria, resolveu chamar o Tião, e, ao entrar no local, observou que este estava parado, de olho no capacete. Intrigado, ele perguntou:

– Cumpadre Tião, o que tanto ocê olha pra este capacete?

– Ora, cumpadre Osvaldo, tô olhando este capacete aqui mas não aquerdito que este bicho tenha tanta dureza assim. Gostaria de fazê um teste, estou pensando num negócio e vamos ver no que dá!

– E o que é que ocê tá pensando fazê?

– Cumpadre Osvaldo, eu vou colocar o capacete na minha cabeça e ocê vai ali naquele canto e pega aquela marreta de dois quilos e dá uma marretada na minha cabeça. Vamos ver se é bom mesmo esse tar de capacete!

Assustado com a idéia, Osvaldo rejeitou o pedido, mas, devido à insistência do Tião, resolveu atender. Ele fechou os olhos e mandou marretada na cabeça do Tião. Assustado com a marretada que deu, Osvaldo abriu os olhos imediatamente e ficou espantado de ver o capacete enfiado na cabeça do Tião, e logo perguntou:

– Cumpadre Tião, ocê tá bem?

– Tô sim, cumpadre, mas tô meio tonto. Mas eu não disse a ocê? Minha dúvida se confirmou. Aquele tar técnico de segurança mentiu pra nós, porque minha cabeça tá inteira, mas o capacete tá quebrado!

No final da história, apesar do risco que correram os dois empregados, um podendo morrer com a marretada e o outro ser considerado como assassino e ser preso, acabou tudo bem.

Passe muito bem!

Newton Luís de Almeida

No tempo que o Guimarães era responsável pela Área de Operações Administrativas (AOA), ele recebia e colecionava em pastas um informativo com assuntos jurídicos e de comunicações gerais. Num desses informativos havia um anúncio a respeito de cursos. Interessou-me um sobre comunicação. Enviei carta pelos Correios, pedindo mais informações.



Dias depois, quando eu estava no refeitório, almoçando, obviamente, um dos colegas que trabalhava na cozinha me chamou para atender ao telefone. “Quem será?” – pensei. Eu nunca tivera sido interrompido em meu almoço por causa de telefone. Pelo menos não me lembrava de nenhuma vez. A contragosto levantei-me e fui atender.

- Alô!
- Alô! Bom dia! Estou falando com o Sr. Newton Luís de Almeida?
- Sim, sou eu mesmo!
- Sr. Newton, você escreveu para nós, pedindo informações sobre o curso... Eu queria conversar com você pessoalmente a respeito e marcar o dia que você pode me receber.
- O Sr. está falando de onde?
- De São Paulo...
- Eu trabalho no Centro Nacional de Pesquisa de Gado de Leite, em Coronel Pacheco. É longe...
- Eu sei, mas não tem problema; eu vou aí para falar com você a respeito do curso!
- Não precisa, não, moço; basta me enviar as informações pelos Correios...
- Não! Eu prefiro ir aí conversar com você pessoalmente. Tem uns detalhes que eu gostaria de explicar, levar algum material...
- Não, Senhor! O Senhor não precisa vir aqui por causa disso, não...
- O Senhor não está interessado no curso?

- Estou, mas gostaria de ver antes as informações...
- Pois, então! Eu vou aí conversar com você...
- Moço, eu estou almoçando, quer dizer, estou em horário de trabalho!
- Eu vou em sua casa depois do expediente...
- Não! Não precisa. Eu moro em outra cidade...
- Qual cidade?
- Em Juiz de Fora...
- Não tem problema, eu vou lá, para conversar com você...
- Não, moço, não precisa; é só mandar as informações pelos Correios...
- Afinal, você está interessado ou não no curso?
- Olha, moço, quer saber de uma coisa? Eu não estou interessado em ... nenhuma!
- Ahh é... Pois então passe muito bem!
- O Senhor também passe muito bem!



O pé de anjo

Fernando Luiz Ferreira

Maurício Gomes de Souza conta que, certa vez, com as mudanças do Ministério, foi designado um chefe para administrar o Campo Experimental Santa Mônica. Sua primeira medida foi dizer que não queria ver um empregado de pé no chão, por isto mandaria comprar sapatos pra todos. Tinha um, de nome Profeta, que teve muita dificuldade de encontrar um sapato que coubesse no seu “delicado pezinho”. Tanto tempo trabalhando de pé no chão, o pé abriu igual a um leque. Ciente da dificuldade, o chefe pediu a um motorista que levasse o Sr. Profeta a um sapateiro que fizesse o par de sapatos para ele. Chegando lá, Profeta falou: “Ó doutô, vim aqui mode o sinhô fazê um sapato pra mim, mas tem qui sê rápido, porque sinão o meu chefe me põe nu olho da rua!” Assustado com o tamanho do pé, o sapateiro perguntou ao Profeta qual o número do sapato dele, ao que o Profeta respondeu: “Sei não, doutô, não tô encontrando nada pronto que sirva no meu pé, por isto istou aqui. MEU PÉ TÁ AÍ, DOUTÔ, QUÉ MEDI, MIDA!”.

O leilão e o frango do leilão'

Fábio Cordeiro de Souza

A Associação dos Empregados da Embrapa Gado de Leite (AEE/GL) vivia os seus primeiros e inseguros dias de existência. O que pegava mais era a falta de recursos financeiros. Por outro lado, o número de associados com espírito altruístico e festivo era enorme. Bastava anunciar que se pretendia realizar uma festa e muitos voluntários se apresentavam. Alguns, com autorização expressa da chefia, cortavam bambus, bananeiras e preparavam a infra-estrutura para a montagem da festa. Ao final do expediente, um mutirão se apresentava para o trabalho, e com pouco tempo já estavam prontos: a quadra, onde seria dançada a quadrilha; o altar para a realização do casamento na roça; as barracas, com finalidades diversas; o equipamento de som; as bandeirinhas e a estrutura de madeira entrelaçada, uma verdadeira torre, que iria se tornar a atração maior na noite fria de junho: a fogueira.

Enquanto isso, uma outra equipe se desdobrava para angariar donativos e brinde e comprar, com um mínimo de dinheiro, as prendas que seriam leiloadas entre os participantes.

Naquele ano, foram adquiridas utilidades domésticas, garrafas de vinho (ainda não se tinha notícia do vinho da Embrapa) e muitos frangos assados. E mais frangos por mais de uma razão: primeiro, porque tinha um baixo custo e no leilão poderia sair por um preço razoável, o que reforçaria o caixa da AEE; segundo, porque era uma boa opção para quem estivesse há tempos na festa, bebericando um delicioso quentão ou qualquer outra bebida que estivesse sendo servida.

Dois ônibus da empresa foram colocados à disposição de empregados e familiares, com saída de Juiz de Fora às 16h, passando por Coronel Pacheco. Por volta das 17h chegaram.

Um clima de alegria e descontração se espalhava pelo ambiente. Aos poucos iam chegando pessoas da vizinhança, e em pouco tempo já havia uma movimentação muito grande no local, fazendo funcionar as barracas de pescaria, de “derrubalata”, de bingo, de canjica, de quentão, de churrasquinho etc.

Logo depois da cerimônia de casamento, realizada pelo “padre” Beto (Roberto Martins Duarte), assessorado pelo “sacristão” Geraldo Peão, o mestre José Miguel fez desfilar pela quadra os pares a caráter, ao som da sanfona e do pandeiro, e comandou a sensacional quadrilha.

Sempre empolgado e sorridente, surgia no meio dos grupinhos que se formavam, e dizia: “Oh! Oh! amigo velho, vamos ou não vamos? Como vai essa força?”

¹ Fez parte de “Um pouco da nossa história”, publicado nos vinte anos da Embrapa Gado de Leite.

Um papinho aqui, outro ali, e lá ia o Pereira, praticando a sua arte de fazer amigos e influenciar pessoas. Se desse trela, já já iria ouvir mais uma do Brizola, de quem era eleitor “de carteirinha”.

O leiloeiro se cansou, pois gritava muito e quase não era ouvido. O som da festa era mais alto. Foi aí que o Pereira foi acionado para colaborar no leilão. E inovou. Como não se fazia ouvir, gritando de cima do palanque, resolveu caminhar entre o povo, com a prenda na mão, oferecendo uma espécie de leilão a domicílio.

Os frangos foram artística e carinhosamente embalados: em um prato de papelão, envolto com celofane, laços de fitas de várias cores, lá estava o frango, enfeitado com folhas de alface e de salsa e com azeitonas verdes e pretas incrustadas com recursos culinários.

Erguendo na mão esquerda o ornamentado prato, com a mão direita acenava, e, às vezes, tocava o ombro das pessoas para chamar-lhes a atenção e gritava: “Quanto me dão pelo frango? Uma delícia de frango!”

Uma oferta aqui, outra ali, e... “dou-lhe uma, dou-lhe duas e dou-lhe três”. E acompanhava o cliente até ao caixa e só depois de paga é que a prenda era entregue.

Lá pelas tantas, depois de vários frangos leiloados nesse sistema, o tumulto. “Cadê o Pereira? O meu frango falta uma coxa” – dizia um. “O meu faltam as duas” – esbravejava o outro.

De repente, lá de cima do palanque, passando a língua pelos lábios, sorriso aberto de menino travesso, exclama o Pereira: “Ora, ora, meu jovem, o frango não estava mesmo uma delícia?!”

Palestrando por aí...

Rui da Silva Verneque

Certo dia, se não me engano em 1984, o nosso colega da Embrapa Gado de Corte, Luiz Otávio, convidou-me (com carta para a Chefia e tudo mais) para apresentar uma palestra em Maringá – PR, por ocasião da Semana de Zootecnia promovida pelo Departamento de Zootecnia da Universidade Estadual de Maringá. Fui autorizado a preparar o material e dirigir-me àquela cidade. Perguntei qual a duração da palestra e foi-me informado que seria de 40 a 45 minutos. Assim, preparei, como de costume, o material (transparências e outras coisas), e o nobre colega telefonou-me informando que iríamos de carro (um Prêmio CS vermelho, novinho em folha). Para mim, tudo bem. Vamos lá!

Fomos a Maringá. Viagem longa, cansativa. Saímos às cinco da manhã e lá chegamos por volta das dezenove horas.

Na hora de proferir a palestra, tamanha foi a minha surpresa quando Cláudio, da Embrapa Suínos e Aves, Hermes, da Embrapa Sede, Paulo Roberto e Luiz Otávio, ambos da Embrapa Gado de Corte, estavam lá também para fazer a mesma apresentação.

Vocês podem imaginar o nível de conflito: cinco pesquisadores tentando fazer, cada um em 45 minutos, a mesma apresentação, sem deixar transparecer aos ouvintes que cada um de nós queríamos engolir vivo o nosso colega que nos “fez de palhaço”.

Arlindotur¹

Newton Luís de Almeida

Quando me lembro do Sr. Arlindo, vejo-o diante da máquina de escrever FACIT, sempre às voltas com formulários de controle de bens da Embrapa. Ele trabalhava no Setor de Patrimônio.



De tempo em tempo, o Sr. Arlindo aparecia nas salas para conferir e registrar bens. Era só haver mudança, compra ou troca, lá ia ele com a furadeira na mão, para pregar a plaquinha de patrimônio. Por muito tempo andou também colando uma etiqueta redonda do DRM. Fosse uma mesa de madeira, cadeira, armário ou estante de aço, qualquer máquina ou equipamento, lá estava ele com a máquina de furar na mão. Em qualquer lugar onde houvesse um bem da Empresa precisando ser registrado, lá ia ele, com sua bicicleta velha, pesada, antiga.

Mas não é só de trabalho que vive o homem. Também é preciso se divertir, ter seus momentos de lazer. E o Sr. Arlindo, além de um funcionário muito dedicado à Embrapa, soube nos proporcionar momentos de alegria e diversão. É que ele tinha o costume de organizar excursões. Datilografava uns cartõezinhos e distribuía-os entre os colegas.

– Você vai na excursão do Sr. Arlindo em Aparecida?

– Não, lá eu já fui; estou pretendendo ir na que vai ao Rio de Janeiro, na passagem de ano!

Só sei que por muito tempo eu e a minha família – até a sogra – viajamos em excursão a vários lugares.

O Sr. Arlindo, acostumado que estava a fazer controle de material, também não ficava atrás na organização das viagens. Já tivéramos visto oferendas a lemanjá e as cachoeiras de fogos de artifícios que desciam de edifícios de Copacabana, na

¹ Fez parte de “Um pouco da nossa história”, publicado nos vinte anos da Embrapa Gado de Leite.

passagem de ano. A visita à Basílica de Nossa Senhora Aparecida também foi ótima.

Mas o que mais gostávamos eram as excursões de praia. Éramos farofeiros mesmo! Fazíamos valer o pensamento de não sei quem: “A praia é dos mineiros.” O ônibus ia carregado de latas de refrigerantes, cervejas e tudo quanto era coisa de farofeiro.

Lembranças boas de Cabo Frio, Copacabana, Recreio dos Bandeirantes, Barra da Tijuca. Fotos com a família, com os colegas da Embrapa. Passeios de barco. Barca Rio–Niterói. Quinta da Boa Vista. Praia. Areia. Mar. Cerveja. Peixe. Tantas lembranças boas. Mas um dia o Sr. Arlindo não quis mais saber de excursão.

É que uma vez lotamos um ônibus e fomos à praia da Barra. Dentro do ônibus era só alegria. Surpresa de ver colegas que ainda não tinham viajado com a gente. E aquela impaciência geral de não ver a hora de pôr os pés na areia da praia. Só que, ao chegarmos lá, o ônibus ficou estacionado debaixo do viaduto e sabem o que aconteceu? Chovia, ventava e fazia frio! Não era aquela chuva de verão, não! Se fosse uma pancada boa, não havia problema, mas era aquela chuvinha fininha, tão fininha, que ela não caía na vertical, não: caía na horizontal, empurrada pelo vento frio, que doía nas costas da gente. O Sr. Arlindo, esfregando as mãos, com ar de mineiro, reclamava: “É gente, tá danado!...”

A gente olhava para fora, quase que não via nada. Parecia estarmos numa casinha na roça olhando a noite pela janela.

Teve um rapaz dentro do ônibus que, de sunga, assomou diante de todos. “Esse cara é doido!”. Ele saiu dizendo que não ia perder o dinheiro da viagem, não! Sumiu em direção à praia, que, do ônibus, parecia estar distante dali. Não demorou muito e lá veio o rapaz, todo “afrangalhado” (xii o dicionário não tem essa palavra! Eu ia escrever pinto pelado, todo molhado, caiu no melado...).

Eu e a minha esposa estávamos encolhidos na poltrona do ônibus. Lá fora um homem fritava sardinhas, a fumaça se espalhava ao vento e o cheiro chegava ao meu nariz. Minha esposa não quis sair do ônibus, eu fui sozinho.

– Moço, me vê uma dose de pinga e um peixe. – pedi.

Vendo que não tinha jeito mesmo, o Sr. Arlindo perguntou se a gente queria ir ver o aeroporto do Galeão. Vamos, dissemos. Lá, até que o tempo deu um ar de melhora, mas o vento estava tão forte e frio, que estava cada um mais encolhido do que o outro.

– Esse vento vai me carregar! – brinquei.

Não teve jeito: fomos embora.

Em outras vezes, pelejamos para que o Sr. Arlindo organizasse outras excursões à praia, mas ele sempre dizia que não dava, que não estava mais querendo mexer com excursão. A gente falava com ele: Ah, seu Arlindo, essas coisas acontecem!

Mas, que pena! Nunca mais houve aquelas excursões...

Formigueiro

Fernando Luiz Ferreira

Alguns colegas contam que os pesquisadores Álvaro e Roberto, do CEFSM, num desses dias de muito serviço, foram fazer uma cirurgia em um bovino. Como o bicho estava muito inquieto, os pesquisadores pediram ao Afonso, que estava dando apoio, que buscasse a formiga, para ver se o bicho ficava quieto. Passou meia hora, uma hora, os pesquisadores estavam parados esperando a tal formiga chegar para dar prosseguimento aos trabalhos, e nada. Já quase uma hora e meia, eis quem surge? O Sr. Afonso, cansado com aquela cara de mais inocente impossível. Segurando uma pá cheia de terra com formigas lava-pés, ele diz: “Ó doutores, desculpem a demora, mas tava difícil encontrar um formigueiro de lava-pés, e a picada deste bichinho dói muito, talvez aquietasse o bicho pra os senhores poderem continuar a cirurgia”. Álvaro e Roberto surpresos com a atitude do Afonso, caíram na risada, mas depois explicaram para ele que a formiga que eles queriam era um aparelho que prende o nariz do animal para ele dar sossego.

Solícito até demais¹

Fábio Cordeiro de Souza

Foi na década de 80, tempo em que havia maior grau de confraternização entre os embrapianos gadoleitenses, e sempre havia motivo para uma comemoração.

O motivo deve ter sido uma comemoração do “Dia do Trabalho”, ou coisa parecida. Seguindo a praxe, foram formados vários times de futebol: os veteranos, o famoso primeiro quadro (naquele tempo ainda não tinham formado o time feminino), e o time misto, formado pelos que não tinham muita intimidade com a bola. Um dos nossos colegas (que preferimos seja identificado pelo leitor gadoleitense), com suas características de grande companheirismo, sempre muito solícito, mormente se o obséquio era direcionado a alguém hierarquicamente superior – tratou logo de escalar o time, com o devido cuidado de se escalar também do mesmo lado em que jogaria o chefe adjunto administrativo.

Os atletas – com todo respeito aos que realmente o são – não tinham lá esse preparo físico. Dez minutos de jogo, e muitos já estavam com a boca aberta, a língua pra fora, e aquela barriga já quase precisava ser amparada com as mãos.

¹ Fez parte de “Um pouco da nossa história”, publicado nos vinte anos da Embrapa Gado de Leite.

Como o tempo ia-se esgotando e o nosso querido chefe não havia marcado nem um gol, o nosso herói, digo, o nosso colega, reuniu toda sua força e habilidade, correu para a defesa, recebeu a bola do goleiro, deu um passe para o meio de campo e como sabia que não havia ninguém lá, partiu como um raio e, sensacionalmente, dominou a bola, fez embaixadas, matou no peito, pôs no terreno, com cuidado olhou para os lados e, identificando o parceiro ideal, apontou, esticando o braço esquerdo, a posição que queria que o artilheiro estivesse. Antes mesmo que fosse admoestado pelos adversários, empreendeu uma corrida, fintando a tantos quantos surgiam à sua frente e sempre acenando – agora com o sinal de “vem comigo!” Já na entrada da grande área, talvez pelo afã de ver seu sonho realizado, escorregou e caiu pela grama áspera, recentemente aparada para o evento. Rapidamente se levantou, titubeante, mas continuou, enquanto o goleiro adversário, antevendo a tragédia, esbravejava: “Segura o homem! Segura o homem!” Nosso craque, na mesma linha do parceiro se prepara para a proeza final e desabafa: “Vai tô lobato! Vai tô lobato!” E passa a bola “redondinha”. O Dr. Lobato só teve o trabalho de encostar, de leve, o pé direito na “gorduchinha” e... goleiro pra um lado e bola pro outro. A vibração foi geral e, logo logo, o árbitro decretou o final da partida. Vitória! Vitória! Todo esforço recompensado, e o artilheiro, além de só não ser carregado no ombro do co-artilheiro por absoluta falta de resistência, foi brindado com vários copos de cerveja geladinha, ao som da badalada: “É big, é big é big é big, é big; é hora, é hora, é hora, é hora, é hora, é hora; ra-ti-bum, Lo-ba-tô, Lo-ba-tô!”

Redonda é que não era...

Ademir de Moraes Ferreira

Desde jovem apresentava problemas visuais e tive de usar óculos. Como quase sempre acontece, com o decorrer dos anos, a cada exame oftalmológico a nova receita mostrava aumentos de 0,5 grau. Com isso, a acuidade visual foi piorando e, sem o uso de óculos, não mais podia fazer aquilo de que mais gostava em termos de lazer: jogar futebol.

A situação chegou ao ponto de me ver numa encruzilhada: de óculos, não podia jogar, pelo risco de ter uma lente ou armação quebrada e afetar meus olhos; enquanto, sem os óculos, não tinha como jogar, por não conseguir reconhecer a meio metro de distância se aquele vulto percebido era de meu companheiro de time ou de um adversário. A solução encontrada, para não parar definitivamente de praticar o esporte de que mais gostava, foi a lente de contato. A partir daí o problema passou a ser colocar nos olhos as malditas lentes, pois a demora era tanta que, quando conseguia, a pelada já estava terminando.

Com isso, fui desanimando e parando, até que certo dia teve uma festa na Embrapa, em Coronel Pacheco, e me “intimaram” a fazer parte de um dos vários

times que seriam formados para a disputa de um torneio durante os festejos. Não resisti à tentação de voltar aos gramados e lá fui eu. Um pouco antes de começar o jogo, dirigimo-nos ao vestiário para colocarmos o uniforme do time. Chegou então a hora de colocar as lentes de contato, quando então percebi que não havia disponível um espelho para que eu pudesse me orientar, como normalmente fazia em casa antes de ir para os jogos no clube. Não desanimei e como já estava empolgado em voltar a jogar, pensei: agora coloco as lentes de qualquer jeito. Comecei a operação e consegui colocar a lente no olho direito, com muito sacrifício. Quando fui colocar a lente no olho esquerdo, de repente não mais pude localizá-la e logo imaginei que havia caído no chão. Veio então a solidariedade de meus companheiros de equipe e todos se puseram a procurar a maldita lente, que teimava em não aparecer ou ser localizada naquele chão escuro de cimento. Chegou um momento em que agradei a todos e desisti de encontrá-la. Imaginei: já que coloquei uma lente, essa deve ser suficiente para enxergar a bola e saber quais os jogadores que são do meu lado. “Vamos em frente, é o quanto basta!” – falei com os colegas.

O jogo mal havia começado e comecei a sentir uma coceira ou ardume (até hoje não sei bem qual dos dois) no olho em que não havia colocado a lente, e logo pensei que poderia estar forçando a vista. De tanto esfregar o olho, acabei sentindo alguma coisa embolada embaixo da pálpebra superior. Retirei-me de campo e pedi ajuda para ver do que se tratava, e só então o companheiro que me socorreu retirou debaixo das pálpebras que ardiam nada menos do que a maldita lente, supostamente perdida no vestiário.

A partir daí, a desistência pelo esporte querido foi definitiva. Interessante é que, ao jogar com lente em uma só vista, até hoje não me lembro bem do formato que ficou a bola, mas posso garantir uma coisa: redonda é que não era...

O segredo da chave

Newton Luís de Almeida

No ônibus que nos levava à Embrapa, em Coronel Pacheco, às vezes eu escolhia uma poltrona vazia, outras vezes, eu sentava perto de algum colega.

Certa vez, quando me assentei perto do Enéas, percebi que ele estava com uma cara esquisita. Até parecia estar com “mau-olhado”, de tanto que abria a boca. Antes que eu lhe perguntasse se estava passando mal, ele me disse que estava com enjôo. Perguntei-lhe se era por causa da viagem, porque, na verdade, todo santo dia, de Juiz de Fora a Coronel Pacheco, de Coronel Pacheco a Juiz de Fora;



podia ser que ele estivesse enjoado. Eu até que gostava. Ia vendo pela janela a paisagem. Algumas quedas d'água, uma subida monótona de serra, uma descida acentuada, bananeiral. Sempre parecia haver uma coisa diferente. Alguns colegas iam cochilando, outros, lendo, conversando, ouvindo música, ou apenas concentrados em seus pensamentos. "O meu enjoô é por causa da enxaqueca". Eu nem sabia direito o que era enxaqueca; sabia que se tratava de um mal-estar. "Muitas vezes tive de pedir ao motorista que parasse o ônibus para eu sair e vomitar lá fora".

No outro dia ele estava com o mesmo problema. Ele disse que costumava ficar com isso por uns três dias seguidos. Naquele dia ele estava com jeito de que ia pedir ao motorista para parar. Perguntei-lhe se tomava algum remédio; ele disse que sim mas que não resolvia muito. Fiquei pensando no que eu poderia fazer para ajudá-lo. Lembrei-me de uma coisa e tirei o chaveiro que estava no meu bolso da calça. "Enéas, experimente apertar este chaveiro na sua mão. Vai segurando ele até chegar na Embrapa". Ele achou estranho. Falei que era uma "simpatia" para não vomitar. Ele foi segurando o chaveiro. Quando chegamos, ele me disse: "Newton, valeu!" No dia seguinte, a primeira coisa que ele falou foi me pedir o chaveiro emprestado. Ele arranjou um chaveiro e passou a viajar segurando-o na mão.

Passado algum tempo, sentado perto de mim, ele falou que não viajava mais sem estar com o chaveiro na mão. Às vezes dava uma apertadinha na mão para confirmar a presença do chaveiro. Falou que nunca mais teve vontade de vomitar, mas queria saber qual era o segredo daquela "simpatia". "Bem, Enéas, isso aí foi o seguinte: quando a minha esposa ficou grávida, pela primeira vez, ela não podia comer nada, que vomitava. Uma vez ela sentiu desejo de comer abacaxi, sentou num canto e devorou o abacaxi todo, mas não demorou muito e o abacaxi veio todo de volta. Uma colega dela é que sugeriu que ela apertasse uma chave na mão – era uma "simpatia" para quando a pessoa estivesse com enjoô e vontade de vomitar. "Era batata": a pessoa não vomitava.

Eu só não contei ao Enéas que com ela a coisa não surtiu efeito ...

Mês com mais de trinta e um dias

Fernando Luiz Ferreira

Maurício Gomes também conta que no CESM sempre teve um empregado responsável para fazer todo o controle de leite utilizado na creche. No final de cada mês esses dados eram repassados para o responsável pelo Campo Experimental. Este controle foi feito pelo empregado José Matos, mais conhecido como Baiano. Dr. Rogério, responsável pela fazenda na época, ao receber as informações já com

certo atraso, assustou-se ao verificar que constavam na relação mais de 31 dias no mês. Mandou chamar José Matos para mostrar-lhe toda a situação e pedir a ele que tomasse mais cuidado com as anotações, uma vez que ele era novo no serviço.

Chegando o Baiano à sala, Dr. Rogério logo perguntou:

– Baiano, o que aconteceu aqui nestas anotações que me passou? O mês tem 31 dias e as anotações que fez deram uma seqüência de 32, 33, 34, 35 e 36. Não estou entendendo nada. O senhor poderia me explicar?

Na maior inocência, o Baiano respondeu:

– Dr. Rogério, sei não! O senhor que estudou, tem todo esse doutorado, não está entendendo, imagine eu. Também não sei não, senhor! (Detalhe: o Baiano era fanhoso).

Olha a cobra!!!

José Roberto Ferreira

Por volta de 1986, numa bela tarde ensolarada, eu e o Leopoldo Henrique fomos conversando pela matinha, eu, pedalando uma bicicleta azul pertencente ao Laboratório, nosso local de trabalho, e ele a pé. Enquanto caminhávamos bem descontraídos rumo ao prédio da Administração, observávamos os raios solares se infiltrando pelas portentosas árvores e clareando o solo por onde passávamos.



O Leo, como é conhecido pelos colegas, com os seus mais ou menos um metro e noventa de altura, magro, trabalhava na determinação de proteína. Filho da Fazenda Experimental Água Limpa, tendo seu pai, Sr. Leopoldo, já falecido, também trabalhado na Embrapa. O Leo dizia conhecer tudo no Campo Experimental e ter as malícias da gente da roça. De fato, conhecia sim. Era só dizer a fruta da época, que ele sabia onde tinha um pé e lá íamos nós, nos intervalos do almoço, encher nossas sacolas.



Já pelo meio do caminho, de repente, o nosso colega, que mais parecia uma vareta de bambu, começou a sapatear no chão, querendo correr, mas não saía do lugar, e gritou: “Olha a cobra!!!” De pele escura, ficou branco. Eu, sem saber o que estava acontecendo direito, levei um susto danado, quase me desequilibrei da bicicleta. Nesse momento, o Leopoldo veio para o meu lado, tentando se esconder atrás da bicicleta e, por pouco, não me derruba no chão. Quando recuperamos o fôlego, tratamos de pegar um pedaço de pau, para sacrificar a peçonhenta. Qual foi a minha surpresa: a tal cobra não passava de uma cobrinha, de um 15 cm, inofen-

siva, daquelas que conhecemos como cobra-de-vidro. Neste instante, só me restou dar boas gargalhadas. Vejam só! Aquele homem, daquele tamanho, cheio de malícia do mato, fazendo um estardalhaço danado, com medo daquela pobre bichinha!

Não convidem para a mesma mesa...!

Maria Elisa Monteiro

No ano de 1986, a Embrapa Gado de Leite completou o seu décimo aniversário e, naquele ano, o jornalista Renato Cruz Silva chegava ao Centro para coordenar a Difusão de Tecnologia. Boa pinta, simpático, experiente, superprofissional, carismático, logo conquistou a todos, não só da Difusão como também da Unidade. Mineiramente carioca, chegou sem muito estardalhaço (se bem que sua chegada propriamente dita, em Coronel Pacheco, merecia um outro conto).

Logo tratou de “viver” a Unidade: entrou para o time de futebol da AEE (dizem que sua “bola” não era lá essas coisas); inaugurou a era das excursões internas, ou “caravanas do delírio”, pois descobriu que a maioria dos empregados da Unidade não a conhecia, apesar dos “trocentos” anos de casa; colocou o nome da Unidade junto à mídia da cidade e região; programou e participou de montagens dos estandes da Embrapa em feiras e exposições (“pagando alguns micos”, diga-se de passagem); organizou simpósios e seminários; assessorou a chefia (Dr. Airdem Assis); instituiu o informativo “Em Mãos”; recepcionou ministros, chefes de Unidades, políticos; promoveu reuniões sociais e institucionais; brincou, paquerou e foi paquerado pelas “moçoilas” das redondezas, enfim...

Em outubro daquele ano, elaboramos uma programação “porreta” para a comemoração dos dez anos: celebração eucarística na capelinha atrás do laboratório, com a presença dos ex-chefes e esposas; execução do hino nacional e de um fundo musical com grupo de música antiga do “Conservatório Aydeé França Americano”, com a participação do colega Marne Sidney de Paula, com sua flauta; vários painéis com fotografias da Unidade desde a inauguração, com a inestimável colaboração do arquivo do Eduardo Castor – o Dudu; e placas homenageando os “parceiros” do Centro, incluindo ex-chefes, empregados, lideranças políticas, institucionais, profissionais etc., num total de 30 homenageados. Um sucesso!

Com a simpatia que lhe é peculiar, fez-se mestre de cerimônia (daí talvez tenha surgido sua veia artística para as apresentações das atuais teleconferências) na dita cerimônia. Muitos convidados, muitos empregados; enfim, a festa estava uma beleza!

¹ Fez parte de “Um pouco da nossa história”, publicado nos vinte anos da Embrapa Gado de Leite.

O que é imprescindível relatar é que, embora sejamos uma grande família, que convive uma média de onze horas diárias, temos entre vários de nós algumas pequenas diferenças. Quer sejam em nível pessoal, quer sejam em nível profissional. Afinal, não somos “anjos de candura”. Alguns de nós, educadamente, fica apenas nos cumprimentos, mas, por favor, não nos convidem para a mesma mesa! E foi o que, dentro da ingenuidade de quem acaba de chegar e não conhece as “diferenças palacianas”, fez o Renato. Na hora da entrega das placas, pedia que alguns empregados as entregassem aos homenageados que não se “sentavam à mesma mesa”. Foi um ti-ti-ti. Por dentro, eu ria a não mais poder. Ele, aéreo, sem saber o que acontecia, prosseguia com a cerimônia na maior seriedade.

No final, tudo acabou super bem. Vencidos o susto e a tremedeira iniciais, passamos para o encerramento da cerimônia, que culminou com um almoço caprichado no refeitório da Unidade. Quando contei a ele o que havia acontecido, riu demais. Mas me disse, entre sério e brincalhão, que faria tudo de novo!

Mas... será o Benedito?

Newton Luís de Almeida

Em 86, a proprietária do “meu apartamento” pediu-me “amigavelmente” as chaves, no “término” do contrato, por “motivo de reforma”.

Foi quando eu saí por aí “procurando casa” e descobri uma coisa fantástica: eu estava ganhando pouco, tão pouco, que eu tinha a impressão de estar participando

de uma corrida, em último lugar, ou tentando alcançar o trem que partiu da estação dos aflitos. Engraçado é que a proprietária queria que eu mudasse e eu, mais do que nunca, queria mudar, mas ela “não estava nem aí” para entender isso. “Tem que mudar, tem que mudar, tem que mudar” – buzina nos meus ouvidos todas as vezes que eu ia pagar o aluguel. “Vou requerer ordem de despejo, o juiz vai colocar os móveis na rua, os móveis vão ser penhorados, vou cobrar multa dos fiadores...” E tantas outras ameaças e falações, que acabei ficando estressado. Eu, que gosto de escrever, nem tinha ânimo; ler, nem conseguia me concentrar. E eu tinha de corrigir trabalhos técnico-científicos, escritos pelos pesquisadores da Embrapa Gado de Leite; é o meu ofício.



de uma corrida, em último lugar, ou tentando alcançar o trem que partiu da estação dos aflitos. Engraçado é que a proprietária queria que eu mudasse e eu, mais do que nunca, queria mudar, mas ela “não estava nem aí” para entender isso. “Tem que mudar, tem que mudar, tem que mudar” – buzina nos meus ouvidos todas as vezes que eu ia pagar o aluguel. “Vou requerer ordem de despejo, o juiz vai colocar os móveis na rua, os móveis vão ser penhorados, vou cobrar multa dos fiadores...” E tantas outras ameaças e falações, que acabei ficando estressado. Eu, que gosto de escrever, nem tinha ânimo; ler, nem conseguia me concentrar. E eu tinha de corrigir trabalhos técnico-científicos, escritos pelos pesquisadores da Embrapa Gado de Leite; é o meu ofício.

Nunca poderia imaginar que estaria um dia às voltas com advogado, justiça; pensava que isso fosse coisa de gente rica, ou de assaltantes, corruptos, crimino-

sos, subversivos, políticos... Mas a proprietária “me deu ordem de despejo”. No “embola-bola” com vizinhos que também estavam na minha situação, consegui uma advogada, que pegou a nossa causa com coração e fez um preço camarada. E a coisa foi indo...

Toda vez que eu ia pagar o aluguel, diretamente à proprietária, era aquela dor de cabeça. Tinha que levar testemunha. O Ivon mesmo já foi comigo. Às vezes ele brincava: “Se a dona soltar os cachorros, eu te ajudo a correr...” Percebi que dias antes de pagar aluguel eu ficava com dor de barriga. Fiquei sabendo de pessoas que haviam morrido de aborrecimento. Muitas pessoas estavam naquela: “se correr, o bicho pega; se ficar, o bicho come” Eu ficava nervoso, irritado. Tudo isso somado a outros problemas. Sempre soube que a vida não é um “mar de rosas”, mas também não esperava fosse uma “selva de espinhos”. Sei que há pessoas estúpidas, ríspidas, difíceis e que não adianta querer usar a linguagem delas. Há mais egoísmo do que gentileza de coração. Com certeza nunca leram “O Pequeno Príncipe”, de Antoine de Saint-Exupéry. Só pensam em arrancar o olho do próximo. Escondem os defeitos atrás da impaciência, da prepotência, da omissão, da indiferença, da simulação. São artistas, muitas vezes, em “roda de amigos”, dando a impressão que são o par ideal, mas, no dia-a-dia, nem é preciso “pisar nos calos” deles...

A dona queria que eu desocupasse o imóvel dela, mas de que jeito? Eu estava ganhando Cz2.700,00 (Dois mil e setecentos cruzados) e os aluguéis, dentro do meu padrão de vida, estavam na base de Cz2.500,00. Pessoas de olho-grande achavam que eu devia estar ganhando bem. “Você trabalha na Embrapa? A Embrapa é do governo?” Com certeza deviam ter aquela mentalidade de que funcionário público não faz nada e ganha muito. Eu nem sei que espécie de funcionário público nós somos, se somos regidos pela CLT.

No ônibus da Embrapa, algumas vezes, eu ia conversando com o Dr. Aroeira. Na maioria das vezes falávamos sobre livros, viagens e coisas da natureza. Ele parecia saber de tudo. Às vezes ele me pegava lendo um livro e queria saber o título dele. Como tenho uma estante enorme, cheia de livros clássicos, eu pensava comigo mesmo: “Tenho de ler esses livros, enquanto tenho olhos e cabeça para lê-los”. Falei com ele que estava lendo a “Odisséia”, de Homero, mas a narrativa, cheia de parágrafos longos, estava muito cansativa. Falei com ele que não gostava de ler livros longos e complicados. Perguntou-me que livros eu tinha na minha estante. Eram tantos, mas fui falando dos que me vinham à cabeça, inclusive um de 1884 sobre astronomia, escrito em francês. Falei que tinha vontade de ler “Ulisses”, de James Joyce, porque este autor é o precursor do romance moderno, mas o livro é muito volumoso, falei com ele. Ele deu-me a entender que lia livros volumosos numa boa. Pediu-me que trouxesse para ele ler. Fiquei surpreso quando, em poucos dias, ele me pediu para trazer outros.

Ele demonstrava estar preocupado com o meu problema. Pedia que explicasse a ele. Falei que, em 27 de março de 1986, recebemos carta da proprietária, infor-

mando que não iria renovar o contrato, por motivo de reformas. O congelamento começou em fevereiro de 86. O advogado da prefeitura mandou ignorar a carta, dizendo que a maioria dos proprietários estava fazendo isso, para conseguir alugar o imóvel por um preço maior. Ela começou a pressionar, dizendo que daria ordem de despejo, cobraria dos fiadores, iria penhorar os móveis... O advogado disse que ela não podia fazer nada disso e se movesse alguma ação de despejo era só "dar o conteste" com um advogado.

Em agosto, eu e vários inquilinos recebemos ordem de despejo. Arranjamos uma advogada, que cobrou Cz2.500,00 (podendo pagar aos poucos). Ela providenciou tudo. Arrumou o processo de cada um, com provas, inclusive de má fé da proprietária, e a advogada disse que a audiência não seria tão cedo. O Dr. Aroeira sempre me perguntava; queria estar a par dos acontecimentos.

Eu tinha uma prova muito poderosa. Um casal que morava em um outro bloco de apartamentos pertencente à dona, tinha recebido ordem de despejo primeiro do que eu. Quando o casal mudou, sabe o que a dona fez? Simplesmente pintou o imóvel e o alugou por um preço maior. Tanto o marido quanto a mulher se dispuseram a ser minhas testemunhas quando houvesse a audiência.

Neca de audiência. De vez em quando a proprietária implicava com alguma coisa; dizia que os apartamentos estavam caindo, que precisavam ser reformados, que iria cobrar os prejuízos. Esse tempo todo nós ficamos por conta da expectativa do final do congelamento.

Da última vez que fui pagar o aluguel, ela me perguntou se eu havia procurado casa para mudar. Eu disse a ela que o aumento do gatilho foi pouco, que estava difícil encontrar casa ou apartamento com as minhas condições de salário. Ela dizia que não tinha nada com isso e que em março seria liberado (findando o congelamento) o aluguel, que ela iria cobrar 3 mil de aluguel, para descontar os prejuízos e que, caso os inquilinos não pudessem pagar, ela cobraria dos fiadores, penhoraria os móveis.



Agora, esses dias, a gente tem ouvido falar que em março, apesar do suposto fim do congelamento, os aluguéis não estarão liberados; serão cobrados de acordo com a OTN e que os proprietários não poderão mexer com "ordens de despejo", senão em casos clássicos, como venda do imóvel, morar o ascendente ou o descendente, mesmo assim, em casos de sinceridade do proprietário; nos casos simulados, poderá haver sanções contra ele. Creio que, com isso, ela esteja, mais uma vez, querendo pressionar e, desta vez, em cima dos fiadores, já que ela está vendo que em março os aluguéis não serão liberados.

A minha advogada escreveu uma carta para os meus fiadores, procurando tranquilizá-los. "Como o plano governamental procurou impedir os constantes abusos dos proprietários dos imóveis, que, sem piedade, aumentavam os aluguéis a todo instante, os ditos proprietários têm, desesperadamente, tentado tirar seus inquilinos

nos. Para isso, agem de formas das mais sujas possíveis, incomodando os fiadores dos locatários, que não têm nada com isso. Teriam, caso os locatários atrasassem no pagamento dos alugueis. Não é o caso do Sr. Newton, que sempre se mostrou fiel à confiança que nele depositam. Assim, quero tranquilizar os senhores. Não têm que dar satisfações a ninguém. O processo de despejo para reforma do imóvel está em andamento. Nada no momento pode obrigar o meu cliente a sair do imóvel. As ações não tiveram soluções e como não há atraso no pagamento, não tem como despejá-lo”.

Foi indo, até que, em abril de 87, consegui dar alguns passos a frente, já no Setor de Difusão. Tive um aumento, quando eu já me via atolado na areia movediça do custo de vida. Mas os gatilhos continuavam, as conversões (tabelas). Havia termos estranhos, como compulsórios, indexação...

Em outubro de 87, em audiência, acabei entrando em acordo com a proprietária, mas, por exigência da minha advogada, ela teria de tirar os dois processos que movera contra mim (havia um que ela moveu por causa de “revisional” que ela havia pedido) e teria de me dar um prazo suficiente para que eu encontrasse um outro imóvel para alugar e mudar. Tive de dar a minha palavra que mudaria até outubro de 88. Quando foi em abril, aproveitando minhas férias, eu mudei para a casa onde minha mãe morava de aluguel. Ela fora morar com a minha irmã. O lugar era pequeno; os móveis ficaram apertados, mas cumpri a minha palavra e finalmente, graças a Deus, fiquei livre da dona.

Quando foi em novembro de 88, consegui alugar um apartamento melhor no Morro da Glória. O Ivon e o Dr. Aroeira foram meus fiadores.

Mas, dessas coisas todas que aconteceram, boas ou más, uma me marcou e eu não poderia deixar passar em branco. Comovido com a situação em que me encontrava, o Dr. Aroeira me fez uma proposta. Ele havia pedido para se transferir para outra Unidade da Embrapa, se não me engano, em Campo Grande, e me perguntou se eu gostaria de tomar conta da casa dele, na Rua Almirante Barroso. Eu e minha esposa ficamos deslumbrados, porque a casa dele era uma senhora casa, casa de gente rica. “Você, que gosta de plantar, pode fazer os seus canteiros no quintal; só não dá para plantar árvores. Tem uma máquina para aparar a grama do jardim da frente da casa, quando for preciso”. Fez várias outras recomendações e uma muito especial: “Cuidem do Roberval!” – um fox paulistinha. Às vezes fomos visitá-los. Eles eram muito atenciosos, o Dr. Aroeira e a Dona Heloase. Em outras vezes, passávamos pela rua deles e ficávamos namorando a casa.

A transferência do Dr. Aroeira para o Gado de Corte fora cancelada. Mas as coisas acabaram se resolvendo conforme a vontade de Deus.



Tem que consultar as bases!

Maria Elisa Monteiro

Naquele dia, estávamos apreensivos. Ivon, nosso bom e saudoso Ivon Mendes Louzada, no seu canto, resmungava: “Tem que consultar as bases, tem que consultar as bases...” Eu, meio que sossegada, aguardava a bomba estourar. Afinal, nosso papel na Difusão era o de providenciar tudo para ontem. De tudo e para todos. Mas, pelo alerta sinalizado pelo pessoal do Setor, seria difícil agradá-los, tamanha a expectativa dos *masters of masters* do melhoramento genético animal do Gado de Leite. Pelo que soubemos, via corredor (daí o receio do Ivon), aquele simpósio seria de arromba: internacional, fenomenal, “escambau de madureira”...

Procurávamos, em nosso cantinho de criatividade, um espaço para tirar alguma coisa que encantasse aos nossos exigentes “clientes”. *Folder*, cartaz, anais, crachá, pasta, blocos de notas, certificados, tudo, enfim. E a marca? Qual poderia ser? Vaca teria que ter, com certeza. Mas... e melhoramento genético? Tetas? Sêmen? O que, meu bom Deus?

Ficamos nesta luta por uma semana. Ivon rabiscava o dia inteiro. É bem verdade que não tínhamos muito jeito para desenhar, mas dávamos nossas idéias a um profissional e aí a coisa deslançava... Mas ninguém da organização do simpósio nos procurava com dados e informações mais precisas. E o Ivon resmungando: “Tem que consultar as bases, tem que consultar as bases...”

Até que um dia, chegaram. Belíssimos, de primeira qualidade. *Folders*, cartazes, tudo, enfim. *Made in Brasília*. A Embrapa-Sede providenciara tudo. Tudinho mesmo. Ficamos admirando o material: papel de primeira, impressão em três cores, padrão marrom, amarelo e preto. Um luxo! Texto bilíngüe. Foram trazidos pelo grande Sebastião Freitas, jornalista da sede. Ele veio exclusivamente para apresentar o material solicitado para o primeiro simpósio de grande porte organizado pela Embrapa Gado de Leite. É bem verdade que alguns exemplares já haviam ficado na sala da chefia, para examinarem o material belíssimo.

Na sua humildade, Ivon admirava o material e concordava que aquele tipo de coisa tão bonita só poderia ser providenciado pela Sede, pois, por mais que nós nos esforçássemos, não conseguiríamos chegar àquele nível de qualidade e sofisticação. Ficamos babando...

De repente, entra na sala um “touro PO” bufante de raiva. Coloca a mão na cintura e, esquecendo-se da presença do “estranho” Tião Freitas, sapeca na nossa cara, direto: “Quem foi o idiota que fez isto aqui?” E mostra o *folder* do Simpósio.

¹ Fez parte de “Um pouco da nossa história”, publicado nos vinte anos da Embrapa Gado de Leite.

Nós três, assustados, escutamos novamente a pergunta e, desta vez, o olhar gelado fixava os nossos, como que aguardando a resposta humilde. Nosso rosto pegava fogo de vergonha e susto. Nossos corações batucavam.

E o Tião, do alto do seu metro e quase outro, levanta-se, calmamente, dá um passo à frente e diz: “Fui eu, por quê?”

As desculpas apareceram num esforço de se desfazer a “mancada”. Numa outra sala, Ivon e eu, apesar do susto, ríamos a valer. Afinal, poderia ter “sobrado” pra nós! E tiveram, de uma maneira meio atrapalhada, que consultar as bases!

E agora, José?!

Newton Luís de Almeida

O Setor de Difusão de Tecnologia ficava entre o prédio da Administração e o Setor de Laboratório, antes de entrar na “matinha”, como costumávamos chamar o caminho que era ladeado por árvores de várias espécies.

Em frente ao SDT, do lado de lá da cerca de arame farpado, havia muitas árvores frutíferas. Às vezes colhíamos jabuticabas (sem falar das que chupávamos na hora), mangas, abacates, jambos (eugênia), cambucás e outras.

Um dia, o José Maria, filho do Sr. Batista (saudades...), depois do almoço, falou comigo que a “chuva de vento” tinha derrubado muitas mangas. Ele falou que iria pegar umas caixas para a gente catar as mangas que estavam no chão. Colocou o macacão e as botas que ganhara quando auxiliar rural (antes de ser transferido para a Difusão).

Diante da cerca, ele me ajudou a passar entre os arames, com todo cuidado, para que a minha roupa não fosse rasgada. Havia uns três pés de manga, mas o lugar, declivoso, de difícil acesso, tinha barro em vários pontos.

Começamos a catar mangas. De vez em quando saboreávamos uma. Que delícia! Aquelas mangas, quando colocadas na geladeira, pareciam sorvetes. O Zé Maria ia mais à vontade, de macacão e botas, e eu ia com todo o cuidado para não atolar no barro, agarrando em plantas menores para não “despencar”. Mas... havia uma manga, brasileirinha, me pedindo para pegá-la. Só que entre mim e ela havia um bom pedaço de barro. Pensei em ignorá-la. A caixa já estava bem cheia. Mas ela parecia me pedir para não deixá-la ali, perdida. O que fiz eu? Firmei o pé esquerdo e estiquei a perna direita, para não colocar o pé no barro. Quando fui abaixar para pegar a manga – *riiip*, minha calça rasgou bem debaixo dos ditos cujos... “E agora, José?” O que que eu vou fazer? O Zé caiu na gargalhada. Deixei as mangas pra lá, subi o morro, passei debaixo dos arames, agora já nem me importando com a roupa. Afé que vi que a coisa estava feia... O rombo tinha sido grande. O Zé não

parava de rir e eu queria saber o que fazer para sair daquela situação. Quando o Zé resolveu parar de rir, ele me disse: “Newton, não se preocupe, não; eu tenho aí comigo linha e agulha!” Respirei aliviado. Quebrou o galho. É que o Zé, solteirão que era, tinha o costume de costurar as roupas dele.

O fato é que fiquei meia hora no banheiro, trancado, costurando minha calça...

Uh! sujaram no mundo!

Gilda Maria Magalhães Arimathéa

Em determinado período, o refeitório da Embrapa Gado de Leite não estava nos atendendo satisfatoriamente. Então, eu, Dina e D. Ivone resolvemos que passaríamos a levar almoço. A cada semana, a tarefa seria de uma de nós. Era uma delícia. Principalmente na semana de D. Ivone, pois, como morava em área da Unidade, a sua filha Rosângela, uma cozinheira de primeira, levava almoço para nós.

Com receio de que pudéssemos causar algum problema ao aquecer nosso almoço, resolvemos que o faríamos no banheiro da Biblioteca, já que possuía duas partes: uma do box e vaso e outra da pia.

O ritual era: forrar o chão com jornal, colocar o fogareiro que era a álcool, acender, e preparar nosso rango. Enquanto uma arrumava a mesa, outra preparava um suco e a outra, o almoço. Certa vez, semana da Dina, aconteceu um fato ótimo. Resolveu minha amiga que faria omelete para nós. De posse de uma panela “enorme”, tipo assim 15 cm de diâmetro, se colocou em posição. Agachada ao chão, debruçada sobre o fogareiro, pôs-se a executar a exaustiva tarefa. Com ares de grã-chefe, tentava, e conseguia, jogar o omelete para o alto e o aparava novamente. Mas como nem tudo acontece sempre bem, num desses momentos, esbarrou no fogareiro e lá se vai álcool pelo chão com o fogo se alastrando sobre os jornais. Nós do lado de fora do banheiro, sentadas em nossas mesas, aguardando o grande banquete, só escutávamos sopapos pra lá e pra cá, numa luta corporal, Dina e o fogo. Curiosas, com aquela barulheira toda, resolvemos ver o que ocorria. Dina em apuros! Começamos então a tentativa de ajudar a debelar o fogo, e assim, com alguma luta, conseguimos. Era cinza dos jornais para todos os lados. Uma sujeira memorável. Dina então começou a dar um jeito em toda aquela bagunça. Limpa daqui, dali, passa pano, joga desinfetante, e o cheiro permanecia. Sentamos para almoçar e Dina, inquieta, ia e voltava ao banheiro dizendo: “Gente, o cheiro de queimado não acaba... Como vamos fazer? Já imaginou se o chefe aparece por aqui? Estaremos fritas!” E eu respondia de minha mesa: “Não tem mais cheiro, não! Você está impressionada!” E a Dina insistindo: “Tem sim e está cada



vez mais forte!” Então, resolvo levantar da mesa onde eu almoçava, para verificar o cheiro incessante. Quando levanto os olhos para o rosto de Dina, me deparo com um detalhe que me deixou sem fala. Não conseguia dizer uma palavra por causa da minha gargalhada e a da D. Ivone, que interceptavam minhas palavras. Com muito custo, consegui dizer: “O cheiro está vindo de você! O seu cabelo está todo enroladinho, ou melhor, mais enroladinho pelo fogo e seu nariz muito próximo dele está percebendo tudo, e você, na ânsia de eliminar a trapalhada, nem percebeu!” Dina, intrigada com o que havia dito, dirige-se ao espelho e, quando vê sua figura, não se contém. Nós três em gargalhadas inesquecíveis, não conseguíamos nem falar. Nessa altura, o almoço ficou de lado e Dina, diante do espelho, tentava eliminar as pontas dos cabelos para evitar o cheiro de queimado.

Em meio a isso tudo veio à minha mente aquela história de um português que, sujando o bigode de estrume sem saber como, por onde passava sentia que tudo estava com mau cheiro, até concluir que o mundo todo estava fedido. Dizia: “Sujaram no mundo!” Mas eis que uma pessoa se aproxima dele, ao ouvir tal frase, e lhe diz: “Senhor, não é o mundo que está sujo, são os seus bigodes!” O português, incrédulo, não entendeu até hoje o que aconteceu a seus lindos bigodes. E assim foi nossa história que teve como coadjuvante minha grande amiga Dina.

Depois dessa confusão toda, passamos a comer saladas e petiscos que não precisassem de aquecimento no fogareiro a álcool. Omelete? Nem pensar. Foi uma pena, mas o receio de que pudéssemos causar danos maiores ao nosso Setor deixou-nos uma grande lição. “Quem brinca com fogo aparece chamuscado!”

Pereira¹

Newton Luís de Almeida

Há certas coisas na vida da gente que até parecem mesmo coisas do destino. Nunca poderia imaginar que um dia fosse trabalhar no Centro Nacional de Pesquisa de Gado de Leite, em Coronel Pacheco. Agora (1997), com dezoito anos de Embrapa, a gente sente saudades de tanta coisa que já passou.

– Você trabalha na Embrapa? Então deve ser marajá...

Como as pessoas gostam de fazer mau juízo dos outros... Vê lá se marajá precisa pagar aluguel de “apartamento”, bater cartão de ponto, fazer greve por melhor salário, estar quase sempre com o cheque no vermelho e às voltas com empréstimo.

Em meio a incertezas e agruras do caminho, há os dias de sol, principalmente quando coincide com o final de semana.

¹ Fez parte de “Um pouco da nossa história”, publicado nos vinte anos da Embrapa Gado de Leite.

“Há dez anos”. Poxa, como o tempo passa depressa! Trabalhávamos até sexta-feira; sábado íamos jogar futebol de salão na Casa d’Itália.

- Você vai lá, amanhã?
- Se Deus quiser!

E lá estávamos nós, suados, com o rosto vermelho. E lá estava ele, todo sorridente. Gostava de jogar mais atrás, na defesa, de onde sempre experimentava acertar o gol. Quando conseguia, como vibrava; para ele parecia que o dia estava ganho. Alguns colegas ficavam depois do jogo para a cerveja na cantina; eu, geralmente, saía, porque tinha de buscar minha filha na casa da minha mãe. Mas, às vezes, ficava.

- Quem perder na “purrinha” paga a cerveja!

Eu não fazia parte do grupo que ficava na “cozinha do ônibus”, cantando, jogando “purrinha”, para passar o tempo da viagem de Coronel Pacheco até Juiz de Fora, principalmente às sextas-feiras. E naquele dia ele me chamou para jogar também, só que eu falei que nem sabia jogar. Mas ele, com o seu jeito democrático, me falou:

- Meu jovem, não seja por isto, pode jogar, que eu vou dando uns “pitacos” para você.

Peguei uns palitos de fósforo, quebrei-os em três pedaços e, como os demais do grupo, escondi-os nas mãos, colocando-as para trás.

- É a sua vez, dizia ele, sorridente. Antes que eu falasse um número, ele me sugeria: “Peça oito.” E assim foi. “Agora peça cinco.”

Não é que, com os “pitacos” dele, eu fiquei excluído de pagar a cerveja! E como ele ria, ria com os dentes, com aquele seu jeito cariobaiano.

Extrovertido, adorava um debate, um discurso. Estava sempre participando de alguma coisa, ora como presidente da Cipa, ora como presidente da AEE. Dificilmente deixava escapar a oportunidade de pedir a palavra, fosse uma simples reunião, uma assembléia, uma confraternização em dia de Natal, ou a fala de um diretor da Embrapa. Quando não levantava a mão alguma vez, os colegas ficavam olhando para ele como a perguntar o que houve. Ele punha as mãos nos bolsos da calça, sorria e logo fazia uma pergunta. Será que as mãos dele ficavam suadas, diante da possibilidade de falar em público? Será que o coração dele ficava trêmulo e a mente bloqueada, tentando estruturar uma pergunta? Os colegas ficavam olhando para ele, esperando a pergunta dele. Sabia que olhavam para ele. Muitas vezes, ficava comepetrado, ouvindo, com as mãos no queixo. Em algumas reuniões, quando o palestrante perguntava se havia mais alguma pergunta, se ele levantava a mão, o pessoal colocava as mãos na cabeça. É que o pessoal, às vezes, estava doido para terminar a reunião porque já passava da hora do almoço.

Às vezes, ele aparecia de terno, todo sorriso. Alguns colegas faziam gozação com ele porque todo ano, no dia do aniversário dele, ele colocava o terno do casamento.



Num sábado, eu não pude jogar bola com o pessoal. Ele estava lá, todo feliz porque o time dele estava ganhando. Na arquibancada de cimento, ele, sentado, vibrava. Mas, de repente, ele começou a cuspir no chão; acharam estranha a atitude dele. Perguntaram o que houve, ele falou que sentia dor no coração e começou a enrolar a língua, a trincar os dentes. Os colegas acudiram, levaram-no de carro à Cotrel, mas o médico não pôde fazer nada. Quarenta e dois anos... Disseram que era estresse.

Eu o vi pela última vez no Parque da Saudade. As pessoas cantavam: "Segura na mão de Deus e vai..."

Ele se foi, mas me ficaram essas lembranças dele.

José do Burro¹

Vânia Maria de Oliveira Veiga

Desde que a Embrapa Gado de Leite foi criada, é costume alguns agricultores virem pedir ajuda para resolver vários tipos de problema ou dúvida que aparecem em suas propriedades. Alguns problemas são relacionados com alimentação de seus animais, sejam eles gatos, porcos, cabras ou vacas; ou com alguma enfermidade, seja de cachorros, coelhos, tartarugas, patos, papagaios etc. Desta vez o problema foi com um burro.

Aconteceu em uma destas tardes ensolaradas, quando a gente sente prazer em trabalhar no Centro. Chegou um senhor, desesperado da vida porque seu único meio de transporte, um burro de estimação, com nome de Zé, que transportava a família e o leite, machucara a junta da pata traseira e não conseguia mais se locomover; por isso, o tal senhor acabou ficando conhecido como "José do Burro".

Assim que o José do Burro chegou, encaminharam-no para a Sanidade e lá se desenrolou o seguinte fato:

- Preciso falá cum o veterinário!
- Pois não, vou chamá-lo! – disse o funcionário.

Aparece a veterinária. No momento era a única pessoa que entendia de doença de animais, que se encontrava na Unidade.

- Em que posso ajudá-lo, senhor?
- A senhora, em nada. Pedí pra chamá o veterinárioo.
- Mas no momento o veterinário clínico não se encontra aqui, só virá amanhã. Sou veterinária e gostaria de ajudá-lo.

¹ Fez parte de "Um pouco da nossa história", publicado nos vinte anos da Embrapa Gado de Leite.

– Ó Dona, nem vô falá cum a sinhora. Pedi pra chamá o Veterinário Home, entendeu? Manhã, quando o Veterinárioo chegá, eu falo cum ele.

– Tudo bem, por favor, volte amanhã!

– Qui vortá manhã nada! Vou isperá aqui mermo!

Deram 16:45 horas e o José do Burro continuava sentado no mesmo lugar. A veterinária e um funcionário da Sanidade, preocupados, se aproximaram dele.

– Sr. José, deixe-nos ajudá-lo! O rapaz aqui também entende de animal. Poderemos ir até sua propriedade e tentar curar seu burro.

– Ó Dona, nunca vi muié mexê cum burro animar, só cum burro home. Inda mais a sinhora, pequena deste jeito... Invés da sinhora derrubá o burro, ele qui vai derrubá a sinhora! Nem fala mais nada, Dona, tô muito nervoso. Meu bicho não pode morrê, senão eu é qui vou puxá o leite nas costa!

Como já se aproximava o fim do expediente, o funcionário e a veterinária foram embora.

No dia seguinte, o Sr. José do Burro encontrava-se no mesmo lugar. Tinha dormido na varanda do escritório da Sanidade, segundo o rondante. Os funcionários da Sanidade, preocupados, procuraram pelo veterinário, que, por estar com problemas em casa, não poderia vir trabalhar também naquele dia. A veterinária resolveu enfrentar mais uma vez o Sr. José do Burro.

– Sei que não vai ficar satisfeito, mas o veterinário não pode vir hoje também. Sei da gravidade do seu problema e se esperar mais não vai ser possível salvar seu animal. Vamos até sua propriedade, e faço até cirurgia no burro, se precisar!

José do Burro colocou as mãos na cabeça e começou a falar desenfreadamente:

– Ai meu Deus do céu! Lá vem a Dona pititinha, que cismô que güenta o burro! Óia, Dona, perfiro qui morra o burro qui a sinhora. Já falei que o negócio dele é nos pé e nunca vi muié virá burro de cabeça pra baixo!

A veterinária, desanimada, liga para a casa do seu colega. Ele pede que chame o Sr. José do Burro ao telefone. Conversa com ele. Ao desligar o telefone, José do Burro parece muito mais aliviado.

– Agora, sim, o Dotô falô, tá falado! É home intendido mermo! Num falei, Dona, que Veterinário home é qui sabi das coisa? Nem viu o animar e já sabi o qui ele tem, e ainda me explicô direitinho. Bom, fiz o que pude, mas se não dá, não dá, o home falô. Coitado do Zé e de mim.

– Então, Sr. José do Burro, o que o bicho tem? – perguntou a veterinária.

– Num tem é jeito! O Dotô disse qui é pra deixá o cuitado discansá em paiz! Vô levá ele pro açogue, pra num sofrê mais...

Ciente de que fez o que pôde pelo burro, saiu até satisfeito, mas resmungando: “... e a Doninha quereno operá o cuitado...”

Tampa!...

Newton Luís de Almeida

Não sei de onde o Limírio tirou essa expressão... Quando alguém faz alguma “cagada”, ele costuma dizer: “Tampa!” Isto me faz lembrar dum caso que aconteceu naquele ano em que a Embrapa Gado de Leite parecia estar a todo vapor.

Em 1987, para nós, eu, o Alex, a Maria Helena e o Ivon, o Centro era um lugar cheio de novidades, mesmo porque ficávamos a maior parte do tempo dentro das salas, às voltas com máquinas datilográficas e papéis. Acho que nos sentíamos mais confinados do que as próprias vaquinhas... Antes, até o cafezinho era servido na sala. E como era esperado... A dona Ilza era sempre bem-vinda; ou a dona Ivone. Às vezes, dávamos um “fugidinha” da sala, mas sempre aproveitando para resolver algum outro problema. Mas tínhamos uma hora para o nosso sagrado almoço. Íamos para o refeitório a pé, saindo uns dez minutos antes. Ficávamos “doidos” para tomar sol, principalmente na época do frio. Depois do almoço sempre gostávamos de visitar alguns lugares. Já fazíamos a nossa “Caravana do Delírio”, que o Renato Cruz institucionalizou justamente para oferecer aos gadoleitenses a oportunidade de conhecer ou rever lugares como o Biogás, os sistemas de gado bovino, o Laboratório, os experimentos e outros lugares.



Certa vez, eu e meus inesquecíveis colegas nos reunimos para a nossa caminhada. A Maria Helena tinha trazido uma máquina fotográfica e resolvemos fotografar alguns lugares depois do almoço. Passamos perto da casa do Laércio e fotografamos o pé-de-ípe-amarelo todo exuberante. Tínhamos por ele uma admiração muito grande porque a maior parte do tempo ele ficava sumido, mas em dias algentes ele aparecia de repente, como se a sua floração fosse num rebentar de pipocas. Mas a sua aparição era efêmera; de repente ele sumia. Por isso, quisemos fotografá-lo. Fotografamos também a árvore que chamávamos de bico-de-papagaio, que ficava perto da oficina. Ora um batia, ora outro batia, de forma que pudéssemos sair quase todos juntos nas fotos. Tiramos fotos de vacas e campos. Focalizamos os *flamboyants* vermelhinhos e os ipês-roxo. Passamos pelo Laboratório, onde encontramos nossos amigos Fábio, Carlão, Leopoldo Henrique, Garibaldi, Marli, Nilva e até o Sr. Gomes estava lá naquele dia, ele que costumava caminhar também com a gente.

Quando voltávamos para as salas, a Maria Helena pôs a mão na cabeça, com uma cara de reprovação. “Que foi?” – perguntamos. Ela respondeu: “Esquecemos de tirar a tampa da máquina...”



Quem plantou abobrinhas?

Gilda Maria Magalhães Arimathéa e Esmeraldina Gouvea de Mello

Durante longo período dentro da Embrapa Gado de Leite, eu e minha amiga Dina estivemos sempre em cena.

Tínhamos um colega, de nome João Mendes, que comandava a limpeza. Ele levava marmita e logo após a refeição se dedicava a plantar: mamão, mandioca, taioba e abóboras, em uma área perto do prédio da Administração, sentido prédio dos Laboratórios. Eu e Dina, volta e meia, ficávamos a curtir suas abobrinhas.

Até que um dia os “Diabinhos” começaram a cochichar em nossos ouvidos, enquanto fazíamos a sesta, na Biblioteca, após voltarmos do refeitório. Disse Dina: “Vamos catar umas abobrinhas para fazermos batidinha?” E eu, como amiga pra toda hora, de pronto aceitei o convite, e lá fomos nós sorrateiramente surrupiar as pobres abobrinhas.

Supondo que o Sr. João estivesse longe da redondeza, nos embrenhamos mato a dentro à caça das ditas cujas. Calmamente, abaixadas ao chão, buscávamos encontrar “as famosas” e, de relance, de vez em quando, dávamos uma olhadinha para ver se não havia ninguém por perto. Iniciamos a colheita tão esperada. Uma, duas, três e já se via a quarta, quando caminhando em nossa direção aparece, ao longe, o dono das “meninas”, vislumbrando movimentação em seu território. Ao percebermos o que poderia acontecer, começamos a recolocar as abobrinhas, já em nossas mãos, próximas das ramas de onde não deveriam ter saído. O Sr. João se aproximando e nós duas ali paradas, “feito dois de paus”, não sabíamos o que fazer e dizer.

De pronto ele pergunta: “Vocês estão querendo abóboras? Não precisam pegar, quando estiverem boas dou-as a vocês”. E nós, como que sem saber de nada, retrucamos: “Só estamos vendo como estão belas!” (conscientes de que estávamos fazendo uma bela arte). O Sr. João não arredava pé, e nós, com as abobrinhas escondidas no chão, permanecíamos por ali. E o tempo passa, e o tempo voa, termina o horário do almoço e tivemos que voltar ao Setor.

Como faríamos para catar as abobrinhas do chão, já que o Sr. João, desconfiado, vira e mexe, rondava o pedaço? E nós sem terminar a tarefa iniciada. Ai combinamos. Uma sairia à cata do Sr. João e a outra à cata das abobrinhas.

Já quase hora de encerrar o expediente, pusemos o plano a funcionar. Enquanto eu distraía o proprietário das abobrinhas, Dina correu para pegá-las. Quando retornei à Biblioteca, Dina, com as pernas ainda bambas, já nem sabia mais o que fazer com as “meninas”, mesmo assim levou-as para casa e executou um guisado com elas. Eu nem abobrinhas quis.

Foi uma situação, apesar de cômica, pelo aperto, um tanto desagradável. E não é que o Sr. João, algum tempo depois, levou algumas para nós! Foi um tapa de luvas e uma bela lição.

“Causículos”

Newton Luís de Almeida

Às vezes, quando um colega traz um texto pequeno para eu corrigir, ele diz, brincando: “Estou trazendo um ‘textículo’ para você dar uma olhada”. Lembrando disso é que coloquei o título acima.

“Macho-man”

Nas caminhadas pós-almoço ou mesmo nos “cafezinhos”, eu e o Enéas gostávamos de fazer alguns trocadilhos com palavras e contar alguns “causos” (às vezes até verdadeiros). Ríamos até pelas coisas bobas que inventávamos, que, muitas vezes, não tinham nada a ver. Mas engraçado mesmo foi o seguinte caso que ele me contou:

O Laércio, do Setor Financeiro, certa vez, recebeu uma correspondência datilografada da Sede, em Brasília, na qual estava escrito: “Dr. Laércio Gomes ‘Machudo’”. O Laércio, todo eufórico, dizia: “Tá vendô! Até na Sede eles sabem que eu sou macho”. Passados alguns dias, apareceu outra correspondência para ele: “Laércio Gomes ‘Michado’”.

Taturana

Mas o Enéas, por algum tempo andou caminhando descalço por recomendação médica. Por causa do problema da enxaqueca, ele ficava nervoso. “O contato com o solo era uma maneira de liberar energia não-me-lembro-o-quê” – dizia. De repente, ele parou de caminhar descalço. “O que que houve, Enéas, cansou de andar descalço?” – perguntei. “Não! O problema é que, quando eu caminhava pela ‘matinha’, pisei numa taturana!...”



Sirva-se à vontade!

Uma colega nossa conta que achou muito engraçado um episódio que aconteceu com dois colegas nossos que certa vez viajaram a serviço e ficaram hospedados num hotel da Capital. Isso foi há muito tempo, logo quando estava no início o sistema de *self-service* nos restaurantes. Foi quando houve um “ligeiro” problema com os nossos amigos. No horário do almoço, ele foram para o restaurante do hotel e ficaram aguardando o garçon atendê-los à mesa. Diante deles estava toda a comidaria, cheirando e soltando fumaça, e eles aguardando o atendente, que nunca aparecia por perto. Até que um deles resolveu se levantar e ir ao encontro de alguém que estava arrumando alguma coisa e dizer-lhe que estavam querendo almoçar. A pessoa mostrou os pratos empilhados para eles e falou para usarem o *self-service*. Pegaram os pratos mas continuaram parados, esperando. Só quando o empregado do hotel falou: “Podem se servir à vontade!” – é que eles começaram a colocar a comida no prato.

As aparências enganam!...

Ninguém deve esquecer daquela festa em que houve um desfile lá no galpão da AEE de "casais trocados". Os homens se vestiam de mulher e as mulheres se vestiam de homem. Cada um procurava ser o mais autêntico possível. O casal que achei mais engraçado foi Mary/Werneck. O Werneck representava a mulher do malandro, mas parecia uma zinha de truz, com "bolsinha giratória" e tudo. O vestido vermelho, curto, agarra-lhe ao corpo, e "ela" não conseguia se firmar nos sapatos altos, que não paravam nos pés. Ele se desequilibrava todo. E a Mary? Parecia o próprio malandro! Chapéu, bigode, óculos escuros, calça e paletó... Os dois desfiliavam aos risos e aplausos da galera.

Depois do desfile, conversando com a Mary, falei com ela que havia uma coisa estranha no bolso da calça dela. "Engraçadinho... o que você pensa que é?" Ela enfiou a mão no bolso e tirou um lenço dobrado...

Segura, peão!...

Alguns colegas contam que, certa vez, o Marruco (Geraldo Guimarães Lúcio), que trabalhava com o Dr. Henrique Bruschi, estava às voltas com um touro, ali onde era o "hospital" ou fábrica de ração, sei lá, tentando derrubá-lo. Ele insistia, insistia, mas o touro se esquivava, empinava, até que, com a força que Deus lhe deu, o Marruco finalmente conseguiu jogá-lo ao chão. Ofegante, ele olhou para o touro e disse: "Você pode ser mais inteligente do que eu, mas mais forte do que eu você não é!"

Red Bull te dá asas!...

Esse caso não é do Pato, não!

Numa das festas do Gado de Leite, houve uns colegas que andaram "tomando todas". Não sei se foi o caso do Werneck e do Marruco. Só sei que ambos estavam num bate-boca danado por causa de não sei o quê. Eles pareciam "estar altos", porque, de repente, o Werneck deu um salto esquisito; parecia que ia "bater um pênalti; não sei se não tomou a distância ideal; ele jogou as duas pernas para o alto com o corpo e tudo e pimba! Caiu feito uma jaca madura! Antes de o Marruco partir pra cima dele, a turma do deixa-disso segurou-o e convenceram ao Werneck "refrescar a cabeça". Ele espanou a calça com as mãos, acendeu um cigarro e foi "molhar a goela". Foi quando ouvi um colega conversando com ele dizer: "Afinal, Werneck, o que você pretendia com aquele pulo maluco que você deu? Ninguém entendeu nada!" Ele respondeu: "Ele pode ser mais forte do que eu, mas ele ia ver uma coisa, se eu tivesse conseguido dar uma tesoura-voadora nele!..."



"Me vê um Derby!"

Uma vez o Clebinho chegou na cantina e disse: "Carlinhos, me vê um Derby". Eu, que estava perto tomando o meu cafezinho, disse-lhe: "Clebinho, você não 'derbi' ficar fumando essas coisas, não..." Ele me respondeu: "Ah, Newton, eu sou um 'derbi' mental..."

O protesto

José Roberto Ferreira

Tempos bons aqueles em que o pessoal da Embrapa costumava se reunir depois do expediente em Coronel Pacheco ou em Juiz de Fora para uma festa ou um *happy hour*. Eram bons momentos de descontração, rolava assunto de todo tipo: piadas, casos, causos e até assunto de trabalho. A participação dos colegas era grande.

Numa dessas oportunidades, um bom número de pessoas se reuniu e os rituais começaram: bate-papos, piadas, o que aconteceu na novela no dia anterior, um joguinho de “purrinha” (que nunca faltava) e por aí – tudo isso, claro, acompanhado de uma cervejinha bem gelada e, meio-camuflada, de uma boa “branquinha” da roça.

No bar, onde todos estavam, um toca-discos (naquela época, muito novo) começou a tocar músicas e os pares foram se formando e a turma começou a dançar. Acabava uma música, os pares eram mudados e a dança continuava. As horas foram passando, cerveja e cachaça sendo consumidas e, é lógico, o estado natural das pessoas se alterando. Já muito tarde, a música ainda rolando, dois colegas, já um pouco mais alterados pelo efeito do “mé”, começaram a convidar as damas, nossas colegas embrapianas, para uma dança. Dado o estado dos dois, a resposta era sempre a mesma, um sonoro “Não!”. De tanto escutarem as recusas, os dois resolveram fazer um protesto e começaram a dançar juntos pelo salão do bar e como a cabeça já não comandava muito bem as pernas, o quadro ficou muito engraçado. No outro dia, muito envergonhados, se negavam a confirmar o fato ocorrido, mas que o protesto foi feito isso foi, que o digam as testemunhas que lá estiveram.

Sebo nas canelas!

Newton Luís de Almeida

Quando assisti ao filme “Carruagens de Fogo”, lembrei-me de que, quando criança, eu gostava de correr e, às vezes, tinha a sensação de poder levantar vôo. Sentia-me leve e, correndo, dava pequenos saltos, simulando um bater de asas. Se isso era um sinal de que eu poderia vir a ser um corredor, não o sei eu... Mas esses eflúvios quenianos foram se diluindo nas peladas dos campinhos e se perderam no tempo.

E lembro-me agora que uma vez, quando o Almojarifado do Centro (1979) fazia o inventário, eu, o Valdir, o Afonsinho, o Sr. Arlindo e um rapaz que não me lembro quem, estávamos a datilografar naquelas pesadas máquinas FACIT. Quan-

do encerrou o expediente, tínhamos de bater o cartão de ponto no relógio da Oficina. Foi quando o tal rapaz perguntou quem queria apostar uma corrida com ele até o relógio de ponto. Eu aceitei e cheguei na frente dele. Ele ficou surpreso e me disse que já foi campeão de corrida.

Mas o que quero contar é outra história.

Uma vez eu falei com o Ivon que eu gostava de correr (ele vivia participando de corridas – da “Fogueira” e até da de São Silvestre). Com isso, ele já me convidara várias vezes para correr, mas eu sempre dava uma desculpa. “Eu não agüento essas maratonas, não, Ivon; elas exigem resistência a longo prazo; eu sou mais de corridas de cem metros, mas se eu correr agora boto os bofes pra fora!” De vez em quando eu o via correndo pelas ruas. Saía lá do Mundo Novo e ia parar lá na Universidade, depois descia o Morro do Cristo. Tinha também um pessoal do Gado de Leite, filhos de empregados do Centro, residentes nas dependências da Embrapa ou em Coronel Pacheco (na cidade), que costumava correr. Diz a Rosângela, filha da Dona Ivone, que uma vez ela, a Vera (esposa do Edmar Barros) e o Eliéverson resolveram disputar uma corrida até o trevo (Coronel Pacheco) e voltar. Diz ela que depois da corrida eles tiveram que tomar banho de água com sal grosso, na banheira!

Mas por causa desse negócio de maratona, uma vez acabei “pagando um mico”.

Estávamos naqueles dias de confraternização. Nem me lembro qual foi o ano. Só sei que já havia o Galpão da AEE, a quadra de futsal, o campo de futsete. Vários colegas já tinham dado o nome para participar de alguma modalidade esportiva. Eu bobeei e não me inscrevi em nada que tivesse bola. Tinha peteca mas não me apetecia. O recurso foi inscrever-me na maratona.

Havia uns dias antes para treinar, mas onde eu ia treinar? Não “esqueitei muito a cabeça”, e deixei o dia chegar.

E chegou. A Embrapa Gado de Leite estava em festa! Acho até que houve aquelas brincadeiras de acertar a moringa dependurada. A pessoa tinha de ficar com os olhos vendados, girar em torno de si mesma e, terminada a contagem, ir em direção à moringa e tentar acertá-la com um pau. A maioria ficava desnorreada e ia de encontro ao chão.

Chegou a hora da corrida. A largada seria em frente à guarita que aponta para o caminho até o Laboratório, depois os corredores teriam de embrenhar a matinha, passar pelo prédio da Administração e chegar ao portão da praça de esportes da AEE.

Os atletas ficaram aguardando o sinal de largada, inclusive eu. Foi dada a largada! Eu parti que nem cavalo que recebeu um tabefe na poupança! Deixei todos para trás, mas quando cheguei perto do Laboratório, “o gás acabou” e comecei a diminuir meu ritmo. Daí a pouco os outros corredores foram me passando a frente, até sumirem da minha vista. Eu estava na matinha cercado de árvores, e só. Nem sinal da turma.



Por uns momentos lembrei-me de uma vez que me colocaram para jogar bola no campo grande com um pessoal que tinha o costume de brincar lá. Todos estávamos descalços. Os meus pés doíam nos gravetos dos eucaliptos. E onde o pessoal estava eu não estava, ou em outras palavras, onde a bola estava eu não estava.

la devagar quase parando, pensando nessas coisas, já me aproximando da Administração, quando percebi que havia um corredor a poucos metros na minha frente. Logo me veio à cabeça: “Eu... chegar em último lugar...?” Tratei de “passar sebo nas canelas” e mais uma vez saí em disparada; passei na frente do corredor... Aí é que percebi a gafe... Era uma mulher! Tarde demais para ser cavalheiro... Fui chegando embalado ao portão, com *flashes* de máquinas fotográficas e a ovação dos colegas “gozadores”...

O mel do “Belha”

Gilda Maria Magalhães Arimathéa e Esmeraldina Gouvea de Mello

Na Embrapa Gado de Leite havia um chefe administrativo que, embora competente, amigo, dedicado, adorava nos colocar em situações embaraçosas. Na época, o famoso “Comunicado de Ocorrência de Ponto” teria que ser abonado por ele, mas que tragédia chegar perto dele, pois já sabíamos que, mesmo antes de ouvir nossas justificativas, diria um “não”, colocando uma série de obstáculos. E só depois de muita insistência conseguia achar nossos argumentos justos. Era desgastante. Não fazia por maldade, mas era sua forma de administrar. Chegamos a apelidá-lo de “Chefe-Não”. Após alguns anos na Chefia de Apoio, como “tudo na vida é passageiro, menos o cobrador e o motorista”, ele voltou a ocupar seu antigo cargo na área de pesquisa.

Não sendo mais Chefe, passou a dividir com os demais funcionários o coletivo que nos levava ao Gado de Leite. Logicamente, só viajava no primeiro banco, mais precisamente na poltrona 4.

Na ocasião, havia muita oferta de produtos comerciais, e nós como boas compradoras, sempre voltávamos para casa trazendo: frutas, verduras, leite, carne etc., e nosso colega sempre fazendo piadinhas com as “madames sacolinhas”.

Um dia o ex-chefe resolveu nos imitar e comprou dois litros de mel. Para não usar nenhuma sacola, achou por bem transportá-los sobre os joelhos segurando cada litro com as mãos. A viagem transcorria tranqüila quando, por alguma razão, o motorista do ônibus dá uma freada brusca, e lá se vão os litros a se baterem. Não deu outra. Partiu-se o vidro, derramou-se o mel. O coitado do ex-chefe, desavisadamente, só sentia mel escorrer por todo o seu corpo, mãos, braços, barriga, pernas, pés etc. Enfim, ficou todo meloso, um doce!

Só viemos a constatar o fato, quando chegou nossa hora de deixar o ônibus, e ele, literalmente melado, sorria amarelo, talvez pelo efeito do mel!

Dina, vindo logo atrás de mim, pra variar, com suas sacolas, não se conteve ao ver o “chefe doce”. Iniciou uma sessão de risos, que quase não consegue descer do ônibus, imaginando como ele estaria se sentindo, assim todo meladinho. E ria! ria! ria! O pobre colega, sem saber como chegar em casa naquele estado, só balançava a cabeça. Começou-se então a preparação de um esquema para o pobre coitado poder chegar até o prédio de luxo em que morava. O ônibus iria até o ponto final e por último deixaria o “meloso”, e assim foi feito.

“Direto para o chuveiro!” – disse-nos ele, no dia seguinte, que passara umas duas horas para retirar todo o mel do corpo, e que ainda assim por muito tempo ficaria docinho! Mas fez um propósito para si mesmo: jamais comprar mel em vidro, e nunca, em hipótese alguma, transportá-lo sobre os joelhos. Isso “NÃO”!

“Meu Aurélio!”

Newton Luís de Almeida

A Nancy, secretária da chefia, na época, tinha o costume de me chamar de “meu Aurélio”. Ela, assim como muitos colegas, quando têm alguma dúvida quanto à grafia de uma palavra, sempre me perguntam por telefone. Uma vez ela me perguntou: “Newton, você tem acento?” Brincando com ela, respondi: “Eu tenho e você também. Ela riu e falou: “É, Aurélio, você não tem jeito mesmo, hein!”



Uma vez, quando fiz aniversário, ela me cumprimentou e falou que não ia me desejar “muito juízo”, não. “Juízo você tem até demais. Você está precisando é perdê-lo um pouco...”

Mas o que mais marcou foi quando ela me pediu para escrever para ela um trabalho para participar do concurso dos dez anos da Revista Nova (“Como ‘Nova’ ajudou você nos últimos dez anos?”). “Newton, você escreve como se fosse eu que estivesse escrevendo. É só falar o que pensa da mulher moderna, os tabus, essas coisas...” “Mas, Nancy, como vou escrever pensando o que você pensa? E eu nunca li essa revista!” “Newton, o primeiro prêmio é um carro zero-quilômetro, o segundo ..., e do sexto ao centésimo lugar ganha uma caixa com doze champagnes da marca *De Gréville*. Se eu ganhar qualquer um dos prêmios, eu lhe dou a metade. Eu vou fazer o seguinte: eu lhe empresto algumas revistas, você as lê, tira umas idéias, e depois escreve”. Datilografei duas laudas, seguindo as normas do concurso, e mostrei a ela. Ela achou que “estava jóia” e enviou pelos Correios. Passado algum tempo, apareceu ela toda eufórica. “Niltinho, querido, nós ganha-

mos!" Fiquei com o coração batendo. O que seria? Um carro? Uma televisão 29 polegadas? Um microondas? Bem, não custa nada sonhar, n'ê? Mas o certo é que ela me passou seis garrafas de *champagne De Gréville* (com supervisão francesa). Por alguns tempos, andei dando algumas de presente, mas deixei uma guardada, com a seguinte promessa: o dia que eu ganhar na loteria, vou tomá-la. Quem não acreditar na história pode ir lá em casa, mas ela está bem guardada, e o texto do concurso também...

O toco

Rosimeire A. C. Dornelas

Em 1989, logo que comecei a trabalhar na Embrapa, em Coronel Pacheco, o meu amigo Tião Moura me contou que estava fazendo a sua ronda noturna no caminho da matinha, que ia do Setor de Laboratório à Administração, quando, de repente, ouviu um barulho estranho, mas não sabia de onde vinha. Estava muito escuro, mas notou que havia um toco à sua frente. Resolveu subir nele para ver se avistava melhor alguma coisa. Tal foi seu espanto quando o toco começou a mexer e o carregou a um bom pedaço. Todo arrepiado, ele tratou de se afastar dali, mas, curioso, queria saber o que era. Direcionou a lanterna para iluminar aquela coisa esquisita. Quase morreu de susto quando viu que era uma cobra enorme, toda enrolada. Ele ficou com os olhos vidrados nela, quando ela começou a se desenrolar. A cobra olhou para ele, que estava boquiaberto e inerte, mas vagarosamente foi embora.

Tá tudo bem por aí?!

Newton Luís de Almeida

Naquele tempo em que a Sede da Embrapa Gado de Leite era em Coronel Pacheco, dependíamos da telefonista para ligações interurbanas.

Pegávamos o "ônibus da Embrapa" (se não me engano, os ônibus eram aqueles vermelho-branco da Viação Rio Preto – tempo dos contratos) em Juiz de Fora. Quando chegávamos na Unidade, quase sempre um pouco antes das oito, fomos direto para o relógio de ponto – "bater cartão". Depois fomos para a sala, ou para a cantina, quando não dava tempo de tomar café em casa.

Uma vez, quando cheguei na minha sala, o telefone tocou. Era o guarda da guarita (antes das oito e em dias não-úteis, as ligações eram centralizadas no telefone da guarita), que me informou ter recebido recado dizendo que a minha tia

estava internada no CTI. O telefone parecia ter me dado um choque com aquela notícia. Mas logo pedi à telefonista que fizesse uma ligação para a casa da minha tia. A minha tia era como se fosse a minha segunda mãe. Sempre me orientou em meus caminhos. Sabia que eu gostava de escrever, por isso sempre me incentivava. O conselho que ela dava valia ouro. Muita gente ia visitá-la, às vezes até para levar uma alegria para ela e a pessoa é que saía alegre, porque ela transmitia força positiva.

Mas o fato é que era segunda-feira e eu estivera no domingo em casa da minha tia, e ela estava bem. Apesar da doença crônica dela: artrite reumatóide, que lhe deformara mãos, joelhos e pés e lhe fizera ficar em cadeira de rodas, ela estava como sempre estava, ou seja, sem outros problemas mais sérios.

Eu estava na sala, andando para lá e para cá, dessa vez não corrigindo textos, mas nervoso, esperando a ligação. “Newton, pra você.” Peguei o telefone e uma voz falou: “Newton, é você?” Era a minha tia. Fui logo perguntando: “Tia, a Senhora está bem?” “Estou bem, graças a Deus; a gente vai pelejando, n’ê? E você? Escreveu mais alguma poesia?” “Não, mas a Senhora está bem mesmo? Tá tudo bem por aí?” “Tá, tá tudo bem!” Eu não queria falar com ela a respeito do telefonema que recebi, mas queria constatar que não havia nada de mal com ela. Depois de mais uns minutos de conversa, desligamos o telefone. Mas fiquei com a pulga atrás da orelha. Logo fui saber que o problema havia acontecido com a tia de um dos nossos colegas de serviço, que, por acaso, tem o nome parecido com o meu.

– Este negócio de nome parecido é um “causo” sério!...

Os caçadores

Rosimeire A. C. Dornelas

Antes mesmo de trabalhar na Embrapa Gado de Leite, eu já morava com meus pais numa das casas pertencentes à Embrapa, em Coronel Pacheco. Estudava em Juiz de Fora e retornava no último ônibus que fazia a linha Juiz de Fora a Piau – ônibus dos estudantes, como era conhecido. Havia pessoas que desciam no ponto em frente à primeira guarita e pessoas que desciam na segunda.

Uma vez eu e um conhecido, que também morava na Jaguará, descemos do ônibus e fomos andando rapidamente, porque aquele silêncio noturno nos deixava temerosos. Depois de termos passado pela Oficina, já na primeira curva do bambuzal, ouvimos um barulho de galope muito forte e ficamos assustados. Embora morando no meio de vacas e cavalos, sempre tive medo de qualquer quadrúpede. De repente, apareceu na nossa frente dezenas de cavaleiros em franco galope. Parecia que vinham em cima de nós. Meu coração disparou. Usavam capas de chuva, chapelões,

Encostamos no barranco para eles passarem e, mesmo, com medo, resolvi cumprimentá-los com um boa-noite. Não sei o que deu em nossas cabeças, começamos a correr até chegar em casa. Quando contei a meu pai que eu tinha visto mais de vinte cavaleiros que mais pareciam capitães-do-mato, ele riu e disse que eles sempre passavam por ali, mas, na verdade, eram caçadores de tatu.

Deixa, que nós vamos é a pé mesmo – duvidam?!

José Roberto Ferreira

Este caso aconteceu pouco tempo antes de a Sede da Embrapa Gado de Leite ser transferida para Juiz de Fora. Vou contá-lo, omitindo o nome dos envolvidos, pois quase todos já estavam com alguns graus de álcool circulando pelo sangue.

Era um sábado, dia de festa organizada pela AEEGL, em sua Sede Social e Esportiva, no Campo Experimental de Coronel Pacheco. Muitas programações durante o dia, muitos participantes, tendo sido alugado um carro Van para transportar o pessoal que mora em Juiz de Fora. Fim de festa, tem sempre aqueles que ficam agarrados até o último instante. Começou a rolar um jogo de “purrinha”. “Me dá cinco... três na sua mão... nove... é meu!” “Êta unzinho no pé, sô!” – seguia o ritual. Já era noite e alguns dos que iriam embora na Van davam sinal de que queriam seguir de volta para casa. Outros, continuavam agarrados no jogo, que não perdia seu ritmo. Os que estavam a fim de ir embora começaram a rodear a mesa da “purrinha” e a jogar algumas frases soltas, do tipo: “Vamos embora! Tá na hora!”. Os ânimos começaram a se exaltar um pouco. Foi quando alguém da mesa da “purrinha” soltou: “Nós vamos ficar mais um pouco, quem quiser ir que vá a pé!”

Dito e feito, dois colegas resolveram levar o negócio a sério e disseram: “Nós vamos mesmo, duvidam?!” “Duvidamos! – disseram outros. E os dois colegas se puseram então a caminho, a pé, rumo a Juiz de Fora, 30 quilômetros a serem vencidos. Nestas alturas, já se passavam das nove ou dez da noite. Sumiram os dois pela escuridão.

Terminado o jogo, fim de festa, vamos embora, disseram. Entraram, então, na Van e seguiram caminho de volta. Passaram o trevo de Coronel Pacheco e nada dos nossos dois colegas. No meio da chamada Serra da Banana, avistaram os dois, indo pelo acostamento, a passos altos para vencerem o mato crescido.

“Pára! Pára!” – gritou alguém de dentro da Van. “Que pára nada! Não quiseram vir a pé, agora terminem!” – disse outro. Mas, em meio à discussão, o motorista parou. Abre-se a porta da Van, mas ouve-se o brado: “Aqui eles não entram!”

“Que isso! Deixa disso! Deixa os caras entrarem, são nossos colegas!” De fora, um falou: “Eu disse que ia a pé e vou mesmo, tchau!” Conversam daqui, discutem dali, chegaram a um acordo: os dois entraram e seguiram viagem com os outros, mas a discussão foi continuando até Juiz de Fora e foi acabar com mais um chopinho, na madrugada, no Calçadão da Rua Halfeld, todos se abraçando e brindando a mais valiosa amizade.

Pé de pimenta, pede...

Newton Luis de Almeida

Mas, voltando à vaca-fria, a novidade mesmo era um pé de pimenta cujo nome desconheço. Tinha a forma de um balãozinho alaranjado. Essa pimenta, eu tivera trazido do Calir/Emater-ES, onde ficávamos hospedados quando em excursões a praias capixabas com o Padre Faria. Em casa, peguei uma pimenta, coloquei-a na mesa e fui tirando as sementes (iguais às de pimentão). Mas passei um aperto danado porque os meus dedos e o nariz ficaram fogueando e nem água resolvia. Quando num saco plástico uma muda atingiu mais ou menos quinze centímetros, levei-a para o meu setor de trabalho e plantei-a num dos canteiros do “quintal” do SDT.

Passado um tempo, havia um pessoal que tinha o costume de pegar algumas. O pé, carregadinho de pimenta, era até ornamental. Tinha gente até que a levava em vidro com água para o refeitório.

Um dia, apareceu um colega do campo querendo pegar algumas pimentas, que, por sinal, estavam fazendo o maior sucesso. Eu estava ocupado datilografando cartas e falei com ele para pegar lá no quintal.

Mais tarde, esse colega apareceu e me disse que aquela pimenta que dei para ele não valia nada, que até uma criancinha podia comê-la. Achei muito estranho ele dizer isso. Chamei-o ao quintal para me mostrar onde tinha apanhado as pimentas. Ele me mostrou o pé de acerola. Achei graça mas expliquei a ele que o pé de pimenta era outro, e apontei com o dedo indicador. Ele ainda assim duvidou, mas quando ele pegou uma pimenta e deu uma dentada... Pra quê? Ele ficou desesperado. Parecia aquelas personagens de desenhos animados. Não sabia se bebia água ou se corria.

Só sei que nunca mais ele quis saber de pimenta. E o pé de pimenta, coitado, até secou...



A corrida dos "Dotô"

Gilda Maria Magalhães Arimathéa e Esmeraldina Gouvea de Mello

Todos os dias, impreterivelmente, saíamos da Biblioteca, por volta de 11h50min, com destino ao refeitório. Íamos caminhando, contando "causos" e aproveitando para tomar um solzinho.

À beira do asfalto, na área da Embrapa Gado de Leite, sempre havia uma cultura de milho para a alimentação do gado. Na ausência das chuvas, colocava-se em ação um irrigador mecânico, que girava fazendo um círculo e deixava suas gotinhas sobre o milho, que sorria todo feliz. Esse irrigador, dependendo da posição, atingia o asfalto e também a estrada que levava ao antigo laboratório, tal era o alcance do jato de água. Nós, como sempre, ficávamos de olho para poder passar rapidamente e evitar que a água nos atingisse. Mas nem todos estavam atentos ao lance de água do irrigador.

Certo dia, saíamos do refeitório e, como era de nosso costume fazer, voltávamos a pé, aproveitando o horário do almoço. Despreocupadamente, iam à nossa frente, a uma certa distância, Dr. Fernando Monteiro e Dr. Carlos Alberto dos Santos, numa conversa deslumbrante. E o irrigador, executando sua tarefa, caminhava, e eles conversando. E nós ligadonas ao fato, de longe, tomando conta. E o irrigador vinha, e eles conversando animadamente iam. Eis que, de repente, um alerta! Dr. Fernando olha para trás e, imaginando o que poderia acontecer, puxa pelo braço o Dr. Carlos Alberto, que sem entender nada fica perplexo. Ir para onde? Voltar? Mas não dava. Parar? Pior ainda. Só restava então correr. E aí deram a partida. Só víamos as perninhas deles balançando, parecendo duas lebres. Eles na frente e o irrigador atrás. E nós, como boas espectadoras, só observando e, às gargalhadas, vendo nossos colegas naquele aperto. Conseguiram então se safar, levando apenas uns respingos daquela água branquinha, feito garapa, que era extraída do córrego que corta o Campo Experimental. E nós, de longe, delirando com o acontecido.

Que nos perdoem nossos amigos, mas, realmente, foi uma das situações mais engraçadas assistidas por nós na Unidade, e que ficou em nossas memórias até os dias de hoje.

Doação de sangue, solidariedade e sorrisos

Marne Sidney de Paula Moreira

O acontecido se deu em um dos muitos dissídios coletivos ocorridos entre o Sindicato e a Embrapa. O pensamento era o seguinte: como protestar, chamar a atenção da população e não chegar ao extremo da greve? Simples, vamos organizar um manifesto, porém mostrando que em vez da paralisação doaremos o nosso sangue, porque o nosso trabalho e suor já foram doados demais para a Empresa. Dessa maneira estaríamos ajudando uma entidade que estava à beira do caos pelo estoque baixo de sangue e ao mesmo tempo faríamos o nosso desagravo às autoridades, nos vestindo de preto em protesto aos baixos salários.

A notícia logo se espalhou e foi com grande satisfação que vimos a maioria dos empregados da Embrapa aderir à proposta. O evento foi um sucesso, repercussão na mídia, solidariedade geral dos funcionários, porém nem todos com muita coragem.

Lá pelos lados de Piau, tem um companheiro, chamado José Bárbara, que trabalhava na turma do Moreira. Um negro forte, de um metro e oitenta e tantos, cabra macho, sorridente e feliz, que também quis ser solidário. Mas ficava indagando: "Como é que se doa sangue, gente? Será que o trem dói? A agulha é grande ou pequena?" E assim ele assuntou durante toda a parte da manhã, no trabalho, porque a doação seria feita na parte da tarde, logo após o almoço. Um gaiato disse ao referido doador que a simplicidade do ato era tanta, que bastava cortar a veia no braço e colocar um tubo de PVC lá dentro e pronto. O cabra já ficou desconfiado, meio com a pulga atrás da orelha.

Logo após o almoço, nosso colega se dirigiu ao local de doação, com um amigo, o Antônio Primo Calicio, um cabra também macho, barbudo, de um metro e quase oitenta, que também era da turma, mas que, apesar do firme caminhar, tentava a todo custo disfarçar uma certa ponta de medo ou, quem sabe, receio.

Quando o Zé chegou ao galpão e viu todo mundo deitado, ele quis ir embora. "Que história é essa? Não vou deixar me furar de jeito nenhum!" O amigo Calicio, calado, olhou para um lado, depois para o outro, e, meio sem graça, perguntou para a enfermeira como que se fazia a doação do sangue. Ela explicou que, primeiramente, fazia-se um exame médico, depois era só coletar um tubo, e mostrou a ele um de uns 15 cm, e em seguida a bolsa que era para a doação. Calicio, meio cabreiro, mais uma vez se calou e foi sentar num canto. Seu pensamento era um só: não levar agulhada nenhuma. "Mas também não vou trabalhar! Eu sozinho é que não vou trabalhar mesmo!"

O Zé Bárbara, depois de muito relutar, entrou na fila do exame médico, foi aprovado e já estava pronto para fazer a sua doação. Mas não é que o caboclo passou zunindo que nem uma bala pela enfermeira! Os colegas de trabalho caçoa-

vam, o pessoal do sindicato incentivava, mas ele continuava na dúvida. O tempo foi passando e os dois nada de se decidirem.

Quando chegou perto das 15 horas, o Zé se encheu de coragem, deixou o medo de lado e enfrentou o seu destino. É certo que o rosto ficou virado o tempo todo e o sujeito estava pálido que nem uma cera. A turma estava toda conversando, caçoando, jogando conversa fora, afinal ninguém estava trabalhando. O Calício continuava sentado no canto, calado, dando nó, só espiando. Observava tudo. Percebeu que, quando as pessoas acabavam de doar sangue, a enfermeira colocava um pedaço de esparadrapo no braço e estas mantinham o braço encolhido por um certo tempo. Quando o movimento já estava fraco no galpão, eis que surgem os chefes em exercício, Dr. Luciano e Dr. Duarte, para fazerem suas doações. Quando o Calício viu os dois chefes entrando no galpão, ele não se fez de rogado, deu um salto e ficou de pé, encolheu o braço na posição em que os doadores faziam e de sobra ainda saiu mancando, arrastando mesmo a perna, como se a doação tivesse sido feita pela canela também. Tudo isso para deleite da turma que sabia o que estava acontecendo.

Até hoje, quando o companheiro Calício me vê, ele encolhe o braço e sai mancando. E o Zé Bárbara acabou se tornando um doador freqüente do Hemominas, entidade que na época foi escolhida para o evento. Mas, segundo as más línguas, dizem que a coragem acabou novamente.

“Irmão Otto” x Jô

Írio Bruzzeguez

Era de praxe, toda semana nosso colega Otto, protestante convicto, distribuía para os colegas de Difusão seus famosos “santinhos”, pequenos folhetos com passagens da Bíblia. Além disso, se havia tempo, uma pequena preleção sobre o conteúdo deles. Daí veio o apelido de “Irmão Otto”. E aí dele se perdia a calma ou ameaçava alterar a voz ensaiando um palavão! Nossa reação era imediata: “E os “santinhos” não valem para nada? Olha lá o que vai dizer...” E assim era a nossa convivência, onde fazíamos do ambiente de trabalho momentos felizes e descontraídos, que, por certo, perduram até hoje.

Certa vez, numa época de intenso calor, lá pelos meados de março, dos anos de 91, quando a Difusão era do outro lado do Refeitório, onde hoje é o consultório médico, resolvemos testar a paciência do “Irmão Otto”.

Imagine o calor de verão, sala sem ar-condicionado e ainda convivendo com a invasão de mosquitos, que vinham de todos os lados. Era entrar na sala, para fazermos outra tarefa, ou seja, tentar expulsar os incômodos invasores. Diziam que

eles estavam sendo criados nos montes de estercos, distribuídos nas várzeas ao lado da rodovia. Podia até ser, mas a época e o ambiente contribuíam para o aparecimento deles. Na mesma sala ficávamos eu, o Eberth Alvarenga e o “irmão Otto”. Naquele dia, que para nós era o mais quente, “Irmão Otto” foi atender, após o almoço, um grupo de produtores, lá no experimento de capim-elefante.

Aproveitando sua ausência, esvaziamos sua mesa, deixando à amostra somente o vidro que cobria toda sua extensão. Em seguida, fizemos uma mistura de água com bastante açúcar e lambuzamos todo o vidro. Em poucos minutos, quase não se via a mesa, por causa da quantidade de mosquitos, atraídos pela doce mistura, e mais outro tanto sobrevoando a sala, à espera de uma vaga para “pousar”. Não satisfeitos com a arte, chamamos o chefe da Difusão, hoje o presidente da Embrapa, para testemunhar o fato. Ao deparar com aquela cena, ele deu um sorriso, balançou a cabeça de um lado e do outro e voltou para a sua sala. Até hoje não entendemos o que ele quis dizer.

Lá pelas quatro horas da tarde chega o “Irmão Otto”, esbaforido, suando e como sempre reclamando do calor. Ao abrir a porta da sala, ele parou estupefato com o que viu. Não estava acreditando. Ameaçou um palavrão, mas perfeitamente ouvimos ele dizer: “Quem foi o moleque que fez isso?” Sem dizer mais nada, ele tirou a camisa, entrou na sala, abriu as janelas, limpou o vidro da mesa com um pano, fechou a porta e passou a atacar os mosquitos com a única arma improvisada naquele momento: sua camisa. Do lado de fora ouvíamos o barulho das batidas nas janelas, paredes e outros móveis, e nada de palavrões. Foram uns trinta minutos de luta e nós, na expectativa do desfecho final. Abriu-se a porta e vimos um “Irmão Otto” mais ofegante ainda, todo molhado de suor e pronto para descarregar sua raiva e palavrões nos autores da brincadeira, assim pensávamos. Nosso espanto foi maior quando ele disse, num largo sorriso: “Pronto, acabei com todos os mosquitos”.

Fazendo uma comparação entre a paciência do “Irmão Otto” com a do Jó, personagem da Bíblia, e resguardando as devidas proporções sobre a situação de cada um, ele passou no teste e por isso vale até hoje o carinho-
so apelido pelo qual seus colegas de Difusão o chamam, com orgulho.



Tadinho!

Newton Luís de Almeida

Quando o Limírio assumiu a Difusão, esta foi transferida para o lugar onde era a Zootecnia. Eu, que ainda trabalhava com banco de dados (Dbase), tinha um

micro daqueles PC de tela com letras verde. Mais tarde, com outro colega, ele estava com um adesivo escrito “máquina mortífera”. Não sei se ele andou causando algum prejuízo... O Limírio é que tinha o costume de dar nomes aos computadores. O dele se chamava “pennisetum”.

Os computadores estavam chegando... não sei se do Setor de Métodos Quantitativos (SMQ), que funcionava em Juiz de Fora, nas dependências do Instituto de Laticínios Cândido Tostes. O pessoal que usava computador trabalhava lá. Cada nome esquisito... Fortran... Cobra... sei lá. As máquinas datilográficas estavam com os dias contados, ou os meses ou os anos, dependia das condições de cada área.

O Limírio chamou a Mary para trabalhar na Difusão. A Elisa, que editorava os trabalhos técnico-científicos na *Edit*, uma *composer* com disco de memória, passou a Editoração para a Mary. Como o Limírio havia pedido uns computadores para a Difusão, a Mary teve que passar a usar micro para editar trabalhos, o que não foi uma tarefa muito fácil naqueles começos de editoração e uso de computador. Estávamos lá pelejando com o “Tadeu” e com o “Tadando”. Como os serviços só aumentavam, resolvemos pedir mais um micro. “Ele já está vindo.” – disse o Limírio. Curiosos, quisemos saber qual o nome que o Limírio daria a ele. Ele nos respondeu: “Tadinho”.

Casamento do Pato

Antonio Carlos Cóser

Já passados dez anos, lembro-me bem, um grande amigo e sempre alegre colega da Embrapa resolveu contrair núpcias, mais precisamente no dia 6 de julho de 1991. Trata-se de indivíduo cuja maior característica é ser rubro-negro por convicção. Assaz companheiro, amigo de verdade, responsável, está sempre pronto para o que der e vier. Iria se casar “contra” sua namorada, hoje esposa, Mônica. Naquela época, praticamente todos os embrapianos estavam voltados para esse acontecimento e pensando acerca da mensagem a ser dirigida ao jovem casal de pombinhos, ou melhor, de palmípedes emplumados. Eu não queria, em hipótese alguma, deixar passar em branco essa data sem que formulasse uma mensagem alusiva ao dia, pois é caso raro podermos assistir a um casamento de patos, ou não seria esse o termo, pois pato não casa, acasala. Lembrei-me, então, de que seria de bom alvitre o envio de uma correspondência, felicitando-os pelo enlace matrimonial.

Lembro, ainda, que, por compromisso assumido anteriormente, não poderíamos, minha família e eu, participar desse ato. Assim sendo, fui aos Correios para encaminhar minha mensagem de carinho para os jovens casadoiros, fato que acon-

teceu logo em seguida. Chegando lá, solicitei à atendente um formulário de telegrama e pus-me a imaginar o que poderia ser aí escrito. Uma idéia luminosa apoderouse de minha mente, e qual não foi o meu espanto, pois, mesmo querendo escrever algo mais sério, não consegui. O fato é que a frase que ficou para ser endereçada ao casal Éder e Mônica foi a seguinte: "Aos jovens patinhos nubentes desejamos uma lagoa de felicidades – Cóser e Família". Coloquei-a no papel e entreguei-a à atendente que, com um ar de surpresa, leu demoradamente o que estava escrito e me perguntou, meio desconcertada: "É isso mesmo que o senhor vai encaminhar ao casal? Por acaso o senhor conhece bem essas pessoas, para estar enviando essa mensagem?" Antes que eu respondesse, ela me disse que há pessoas que não gostariam de receber nada parecido, pois ficariam muito aborrecidas com esse tipo de mensagem. Olhando para ela, disse-lhe: "Trata-se de um grande amigo nosso, pessoa por todos admirada e que acharia até engraçado ser lembrado dessa maneira carinhosa pelos seus amigos e colegas de trabalho." Nesse momento, a atendente me respondeu: "Se é assim, tudo bem".

Passados uns dez dias do casamento, encontrei-me com o casal. Logo que me avistou, nosso colega foi dizendo: "É a vó! E a vó, vai bem, n'ê, colega?" Respon-di-lhe imediatamente: "Mas até agora eu não disse nada!" Retrucando, respondeu-me: "Não falou, mas escreveu! Isso vou guardar comigo, pois achei interessante a mensagem contida no seu telegrama!"

Devo dizer que, quando o vejo, lembro-me dessa passagem, a qual passei adiante, inclusive para o Salvati, que sempre o indaga de coisas relativas a vó, chuva, água, lagoa, entre outras, pois é disso que pato gosta, diz ele.

Diário de uma copa

Newton Luís de Almeida

01/07/94

Na sala vizinha o rádio está tocando *My Sweet Lord*. Das outras salas vêm o som de vozes e de máquinas elétricas.

Enquanto faço a revisão lingüística de um trabalho que deverá ser publicado, admiro as minhas primeiras notas e moedas de reais, em cima da mesa. Como são lindas! Dá até vontade de guardá-las nas folhas do livro, em vez de usá-las. A partir de hoje nosso dinheiro é o REAL. As pessoas estão indo aos bancos para trocar cruzeiro real por real. O cálculo está sendo feito tendo como base a URV (Unidade Real de Valor) do dia 30 de junho: CR\$ 2.750,00. Até ontem, um dólar estava valendo 2.600 cruzeiros reais; hoje, está valendo um pouco menos de R\$ 1,00 (um real).

Os jornais só falam nas mudanças da moeda e na XV Copa do Mundo realizada nos Estados Unidos. Ontem a Argentina perdeu para a Bulgária, de 2 a 0 (no grupo D), mas está classificada para as oitavas-de-final porque ganhou da Grécia (4 x 0) e da Nigéria (2 x 1). Só a Grécia, nesse grupo, volta mais cedo para casa, com dez gols na sacola. No grupo (B) do Brasil, a Rússia goleou os Camarões (6 x 1), mas ambos não se classificaram. O assunto do dia foi o *doping* de Maradona, que foi afastado do futebol por tempo indeterminado. Naquele jogo com a Nigéria, ao fazer um gol, ele comemorou com uma expressão tão estranha... (engraçado... sempre que eu tenho alguma impressão de algo ou de alguém, acontece alguma coisa...). É como se ele quisesse dizer que ainda é o Maradona. Ele disse em entrevista que não se dopou para jogar bola. Ele já havia antecedentes. Tinha ficado muito tempo sem jogar por causa de cocaína.

A primeira fase da Copa terminou. O Brasil jogou contra Rússia (2 x 0), Camarões (3 x 0), em São Francisco, e Suécia (1 x 1), em Detroit. Nas oitavas-de-final, o Brasil vai jogar em São Francisco, com os Estados Unidos (grupo A), dia 4 de julho, no dia da independência deles. A Colômbia, que parecia estar com uma seleção bem entrosada, não conseguiu se classificar. A Argentina, que jogaria com a Itália, se tivesse ficado em primeiro lugar no grupo dela, por ter ficado em terceiro, vai jogar com a Romênia e talvez ainda chegue a enfrentar o Brasil nas quartas-de-final.

Na Embrapa Gado de Leite, temos parado o expediente às 14 horas, para ver o Brasil jogar às 17 horas. Há bandeirinhas verde-amarelo colocadas por toda parte. Cada rua mais bonita do que a outra. A meninada andou arrecadando dinheiro de casa em casa, para comprar tinta, papel.

04/07/94

O pessoal está agitado. O Brasil joga hoje às 16:30 contra os Estados Unidos. Meus pensamentos estão mais turbulentos do que a algaravia que vem da cantina.

Estou atarefado com um serviço que preciso fazer até o final da semana, mas não vejo a hora de sair às 14 horas.

Preciso fazer um lanche. Não tem almoço hoje.

Imagino como devem estar os americanos, não pelo futebol, porque eles gostam mais é de basquete, mas pelo Dia da Independência. Hoje é o Sete de Setembro deles. Ainda bem que eles não são tão fanáticos por futebol, porque o Brasil poderá dar a eles um "presente de grego", mas sei que também não vai ser tão fácil. Eles aprenderam muita coisa de bola com o Pelé.

Neste sábado e domingo houve muitos gols. A Alemanha ganhou de 3 a 2 da Bélgica, a Espanha deu de 3 a 0 na Suíça, a Suécia, de 3 a 1 na Arábia Saudita, e a Argentina perdeu de 2 a 3 da Romênia, que "jogou um bolão". Eu, sinceramente, fiquei triste com este resultado. Eu já estava prevendo, porque o fato ocorrido com

Maradona deixou os argentinos muito abatidos. E a seleção ainda jogou sem Caniggia, que estava machucado.

Nos conflitos deve-se sempre lembrar que a moeda tem dois lados. Fico a pensar se nas circunstâncias Maradona foi o prejudicado, com reflexo na seleção argentina, ou se a seleção argentina foi prejudicada, nas circunstâncias que envolvem Maradona.

No caso da seleção brasileira, o técnico Parreira mantém Ronaldo, Viola e Cafu no banco dos reservas e insiste com Raí, Mazinho e Zinho, que constantemente cometem erros. Os jogadores se enrolam no meio do campo e Romário fica esperando a bola chegar. Bebeto vai buscar a jogada, mas tem perdido muito gol. Nas pesquisas de rua, a maioria tem pedido Ronaldo, Viola. "Eu colocaria o Ronaldo e o Viola e tiraria o Raí, o Zinho e o Parreira..." Mas o Parreira não dá o braço a torcer. Ele quer ser tetracampeão com o esquema dele. Até a mãe dele, que foi entrevistada, quer ver o Ronaldo jogar. O Ronaldo é o mais novo da seleção (17 anos). No Cruzeiro era o artilheiro. Ele é um jogador que vence obstáculos, que carrega a bola. Garanto que ele encheria Romário e Bebeto de bolas. Será imaginação vê-lo como um Pelé? Vejo as outras seleções dando oportunidade aos reservas, quando estão vencendo. Tiram os artilheiros, pois sabem que estes atletas precisam ser poupados para o próximo jogo e também sabem que os reservas precisam "enfrentar a onça", para não acontecer de no "pega-para-capar" ficarem intimidados.

De Coronel Pacheco a Juiz de Fora, a viagem de ônibus foi tranqüila, mas o olhar de cada um estava colorido de verde-amarelo x vermelho-azul. O branco era o cochilo de alguém que, de repente, se viu tomado de todas as cores.

No calçadão da Rua Halfeld os sentidos estavam ativados. Cores, sons, agitação. Todos queriam ir para casa, até aqueles que dormem nas calçadas, mas encontram uma televisão ligada numa lanchonete.

Eu tinha deixado duas cervejas na geladeira, mas quando cheguei em casa a sogra estava deitada na poltrona. Fiquei sem jeito de tomar cerveja, mas também não estava com espírito para tomar cerveja gelada. O tempo estava frio e sentia-me trêmulo e nervoso.

Sofremos até aos 28 minutos do segundo tempo, até que Bebeto fez o gol e ganhamos de 1 a 0.



16/07/94

Estou muito contente, porque amanhã o Brasil vai disputar a final com a Itália. Depois dos Estados Unidos, o Brasil passou pela Holanda (quartas-final) e pela Suécia (semifinal), e amanhã, se ganhar, vai ser tetracampeão. Vamos nessa, Brasil!

Na televisão está passando o último capítulo da novela "Fera Ferida". Às dez horas, como sempre faço, darei a mamadeira à Bianca; ela mama dormindo.

No Jornal Nacional, o repórter noticiou que um cometa enorme iria se chocar contra o planeta Júpiter. O impacto seria como a explosão de milhões de bombas atômicas. Disse que já caíram alguns pedaços e que quarta-feira cairá a parte maior. O Pelé apareceu sendo homenageado pelo segundo presidente dos Estados Unidos.

Que pena! A Copa terminará amanhã, mas “haja coração”, como diz o Galvão Bueno, que está mais “doido” do que ninguém para gritar “TETRACAMPEÃO!”

Hoje a Suécia, que perdeu da Itália, ganhou da Bulgária de 4 a 0 e ficou em terceiro lugar.

Eu quis tomar aquelas cervejas na geladeira, pelo menos uma, mas não sei por que, peguei como simpatia deixá-las lá, passar sem elas durante os jogos do Brasil. Amanhã, se o Brasil ganhar, vou fritar peró e tomar as cervejas, para comemorar.

17/07/94

Que maravilha! O Brasil é tetracampeão!

Pô, mas que sofrimento! Você viu? Quase que a defesa entregou o ouro! O Baggio chutou e Taffarel salvou a Pátria! Que sufoco! Primeiro tempo e nada de gol! Eu nunca vi uma seleção perder tantos gols! Domina o jogo todinho e na hora de chutar, chuta na rede pelo lado de fora, cabeceia a bola em cima do goleiro! Que sofrimento! O jogo foi para a prorrogação. Mais trinta minutos com o corpo gelado, com as pernas trêmulas. Os italianos pediam um hospital, *per amore de Dio*. Baggio estava com um curativo na coxa, *ma tutto bene*. Pior era o Baresi, que gritava de dor por causa de câimbras e teve de ser levado no carrinho, para ser atendido fora de campo. Na disputa de pênaltis, o Baresi foi o primeiro a bater. Que gritaria! Ele chutou e jogou a bola lá nas nuvens! Mas o Márcio Santos cobrou mal e o goleiro italiano pegou a bola. *Maledetto!* Haja coração! – dizia o Galvão. Mas aí o Romário fez o dele, o Branco e o Dunga (um gigante em campo), e, para desespero dos italianos, o Taffarel pegou a bola chutada pelo Massaro, e o Baggio chutou para cima. Tinha de ser com sofrimento! Como o brasileiro sofre! O americano gosta mais de basquetebol. Não sei qual a impressão que eles tiveram ao verem os jogadores cansados, ponto a língua para fora, os italianos com câimbras e os brasileiros firmes, mostrando garra, suando a camisa, como o Dunga, Aldair, Bebeto, Branco. Sem falar do Taffarel (“Vai, que é sua, Taffarel”) e do Romário, da esper-teza dele, que ficava como quem não queria nada e de repente estava lá a bola na rede dos italianos.

Como eu lamentei o Parreira não ter dado oportunidade a Ronaldo! Foi uma covardia! Mesmo que o Parreira dissesse: “Ele é novo; tem muitas copas pela frente!” A próxima copa é daqui a quatro anos. E até lá muitas bolas vão rolar por estes Brasis afora. Se bem que o jogador brasileiro acaba vestindo camisa estrangeira e a seleção do Brasil depois custa a encontrar entrosamento.

Ainda bem que o Brasil tem garra, está sempre presente, com jogadores que sabem administrar o jogo. E você, Parreira, agora está com a bola toda! Pouco importa se a Nigéria teve um bom futebol, a Romênia e até mesmo a Coreia do Sul; pouco importa se a Argentina esteve do lado de lá, a Alemanha; pouco importa se o México bobeou, se a Bulgária surpreendeu e se a Suécia quase chegou lá... A Colômbia, coitada, ficou agarrada na mascação de chicletes. A Bolívia estreou contra a Alemanha e ficou agarrada com a derrota de 1 a 0. E a Itália? Será que a cartilha do técnico italiano é a mesma sua, Parreira, que ensina sobre o “futebol de resultados”? Na verdade, “futebol é bola na rede”. Ganha quem faz gol. O empate é um resultado provisório. Ele só ajuda na classificação, dependendo de outros resultados. Um placar magro também não significa “jogo feio”, a não ser que o adversário seja “um timinho”, mas hoje em dia os times estão “ficando escolados”, “não tem frescor”, não! Esse negócio de “futebol-arte” não existe mais. Existem, sim, jogadas bonitas de um time bem entrosado e jogadores que têm bom controle de bola. Se a seleção conta com bons jogadores e cada um tem a sua função definida dentro do campo, se houver coesão entre os componentes, é claro, a bola vai rolar redondinha... Nas outras seleções, esse processo também ocorre, e, muitas vezes, precisamos contar com fator sorte, considerar a atuação do juiz e até aquela simpatia que a gente faz para amarrar o outro time, sem falar daquela corrente pra frente... Na Copa do Mundo, os jogadores são como aqueles guerreiros, gladiadores na arena. A despeito do estilo de cada um, o imperador dizia: “Que vença o melhor!” Mas, para vencer em conjunto, é preciso muito mais do que simples treinamento; é preciso ter disciplina, garra, determinação e vontade de chegar lá...

18/07/94

Eu vim trabalhar hoje sem saber se o Presidente Itamar havia ou não decretado feriado nacional. Antes eu não tivesse vindo, porque a maioria não veio. Aqui a gente fica quase desligado dos acontecimentos, embora haja jornais do dia, rádio e até televisão na cantina. Mas a gente só vai mesmo ver as repercussões no Jornal Nacional, à noite. A gente sempre fica com aquela curiosidade para saber o que os estrangeiros estão dizendo a respeito da vitória do Brasil. No Refeitório houve poucas pessoas, mas o bife com fritas estava enorme! Comi a terça parte e levei para casa o outro pedaço. Ah se todos pudessem comer um bife como aquele!



19/07/94

Romário foi eleito o craque da Copa 94. Ele mereceu porque, graças aos seus gols decisivos, o Brasil chegou lá. Eu gostei mais dele quando, naquele jogo com

os EUA, ele percebeu que não adiantava ficar esperando a bola chegar aos seus pés e resolveu ir buscar jogo. Foi quando fez uma jogada e passou a bola para o Bebeto, que fez o gol da vitória. A combinação Bebeto e Romário funcionou bem, mas eu via mais o Bebeto buscando jogo. Talvez seja por isso que eu imaginava o Ronaldo fazendo jogadas no meio de campo, driblando, avançando e distribuindo bolas para Bebeto e Romário, ora pelo meio, ora pelas laterais. Acho que o ponto forte da seleção foi a defesa. A defesa não foi Parreira, foi “barreira”, rimando. E brincando: Parreira gostava do esquema *-inho*: Jorginho, Mazinho, Zinho. Havia o Ronaldão e o Ronaldo; se houvesse o Ronaldinho, talvez tivesse jogado também. Bem, isso é brincadeira de torcedor. Não quero tirar os méritos do Parreira. Quase todo torcedor é um técnico. Criticar é fácil; na hora de executar é que se vê que a coisa não é tão fácil assim.

Os jogadores foram recebidos em Recife, com um mundaréu de gente enfeitada, pintada com as cores do Brasil. Em Brasília, receberam medalhas das mãos do Presidente Itamar Franco. Dunga ergueu a taça, simbolizando que ela é do povo. No Rio, o povo se concentrava na Cinelândia, aguardando a chegada da Seleção Tetracampeã. Em São Paulo, o povo ficou magoado em saber que a Seleção não iria passar por lá.

20/07/94

Algumas músicas me vêm diretamente aos ouvidos, como essa que vem do rádio da sala vizinha. Não me lembra o nome. Sei que é de um filme. *I love you baby... I love you baby...* Gosto do ritmo dela.

Tanta coisa estranha acontece com a gente! Ninguém nunca pode entender o que se passa por trás dos nossos olhos. Ninguém é capaz de retratar, exatamente, a alma humana. Nem um artista, nem um psicólogo, nem a nossa vã filosofia. Quando eu era mais novo andava a ler Schopenhauer. Eu era tímido, arredio, ensimesmado, buscando o meu próprio eu. Não me sentia pessimista, mas achava estranha a maneira de ser de Schopenhauer. Não queria me deixar influenciar pelas coisas que ele diz. Eu me agarrava de tal forma à minha espiritualidade cristã, que consegui ficar surpreso quando Schopenhauer dizia que só a dor é positiva. Cheguei a sentir pena dele quando em um dos seus livros afrontou Deus, dizendo: “Que Deus é este, que criou um ser cheio de defeitos?” E apontou tantos defeitos do ser humano...

Os jogadores foram muito homenageados. Como é linda aquela música que eles tocam no “Show dos Esportes”. Mas a música do Ayrton Sena me deu um nó na garganta, igual quando o Tancredo Neves morreu (mas também aquela música do Milton Nascimento...). O Ayrton morreu no dia primeiro de maio, um dia depois da morte da minha tia. Ele também me causou uma impressão estranha antes da sua última corrida. A expressão dele era a de uma pessoa contrariada. Acredito que muita gente teve essa mesma impressão. Ele foi muito homenageado. Não cheguei

a chorar mas a musiquinha provoca... Estou falando essas coisas, mas não estou triste, não; estou apenas confabulando com os meus botões, enquanto como peroá com germe de trigo (farinha) e bebo aquelas cervejas geladíssimas...



Da pá virada

Jorge Luiz Pereira

Eu sempre fui uma pessoa brincalhona, mas muitos me acham incoseqüente e até mesmo irresponsável, só porque, às vezes, as minhas brincadeiras são muito loucas, dessas que se faz quando se extrapola na bebida. É o que faço “socialmente”. Mas eu não preciso estar sob o efeito da “manguaça” para “ficar doidão”. Muitas brincadeiras me causaram problemas, mas eu nem ligava, ao contrário, me divertia. Só que uma dessas brincadeiras me causou um problemão, que me fez mudar de comportamento. É o que dizem.

No percurso Juiz de Fora–Coronel Pacheco, indo para o nosso local de trabalho, na Embrapa Gado de Leite, alguns colegas costumam cantar ou contar piadas ou jogar “purrinha”, para quebrar a monotonia da viagem, enquanto outros detestam a farra porque preferem o silêncio, muitos, talvez, porque acham melhor dormir. Considero uma coisa normal essa farrinha da turma de trás, dos fundos ou da cozinha ou do banheiro, como acharem melhor. Às vezes, é claro, dependendo das circunstâncias, o melhor mesmo é o silêncio, até mesmo aquele silêncio que zumba aos ouvidos, que a gente fica tão absorto, que, de repente, não sabemos se estamos indo ou voltando. Fora isso, sempre gostei é de “ir pra galera”, mesmo que fosse uma “farrinha particular”, se é possível assim dizer. Mas foi numa dessas que me “estrepei”. Senta que lá vem a história verdadeira, não é causo, não!

Já depois de tantas maluquices que eu tivera feito, estávamos nós lá no ônibus da Embrapa, indo para o trabalho em Coronel Pacheco. Ainda no centro de Juiz de Fora, o ônibus da Embrapa parou no sinal ao lado de um caminhão que carregava na carroceria vários equipamentos de construção civil, como carrinho-de-mão, betoneira, enxada, pá etc. Não sei o que me deu na cabeça, por uma questão de segundos, abri a janela, estiquei a mão e peguei uma pá. Quando tentei retorná-la ao caminhão, “a Inez é morta”, o sinal abriu e eu me deparei com a pá na mão. Por um momento fiquei sem saber o que fazer, mas o recurso foi trazer a pá pela janela para dentro do ônibus. Mal sabia eu o que me aguardava. Mais para frente a bomba estourou, ou seja, fomos parados em uma *blitz* da polícia, feita só para o ônibus da Embrapa. Eu fui dedurado por um policial que estava em outro ônibus e ia para o

posto policial existente no percurso. Quando vi o que estava acontecendo, comecei a suar frio. “Tô no ferro...” – pensei. Sabe como é, perder o emprego num momento de crise em que o País atravessa, nem pensar. Logo me identifiquei como o autor da façanha e fui me explicar com o policial que não se tratava de roubo, que foi apenas uma brincadeira, mas estava difícil o entendimento. No Centro, já se acionavam advogado, colegas e meios de comunicação, para que solicitassem a não-publicação do ocorrido. Quando eu dizia ao policial que não se tratava de roubo e que faria qualquer coisa para reparar essa brincadeira idiota, ele, de repente, falou que estava se lembrando de mim, que já havíamos tomado umas lá no nosso bairro. Eu estava apreensivo, com receio de ser aprisionado, mas ele me tranquilizou. Só que teria de fazer a ocorrência porque se tratava de denúncia do colega dele. E logo fui liberado.

Mas quando cheguei no Gado de Leite, fui convocado para uma reunião. Todos me olhavam e sussurravam entre si. Terminada a reunião, o chefe me chamou e me perguntou: “O que é que aconteceu, Jorge?” Respondi a ele: “Doutor, fiz uma brincadeira e estou preparado para receber desde uma advertência até demissão, por ter sido incoseqüente”. Depois que relatei o fato ao chefe, ele me disse que só me puniria quem não me conhecesse bem. Quando ele me disse para voltar ao trabalho e esquecer, agradei a ele e fui para o meu serviço.

No final da tarde, vi que a coisa foi bem diferente do que eu pensava. Fui chamado pela secretária da chefia para assinar um documento que determinava a minha suspensão por 15 dias, condenava o meu ato e avisava que eu seria despedido em qualquer outro ato desabonador. Enfiei a viola no saco e durante dois anos não pude concorrer a nenhum tipo de promoção ou premiação.

É por isso que se diz: “O crime não compensa”.

“É a vó!”¹

Newton Luís de Almeida

O nosso amigo Éder Sebastião dos Reis é uma das figuras mais populares do Gado de Leite, tanto pelo fato de ser um empregado sempre participativo, quanto pela sua maneira de ser. Já foi membro da Cipa, da AEE, do Sindicato. Sempre presente em comissões, em reuniões. Em festas, dificilmente deixa de ir. Em “bota-fora” de estagiários ele sempre arranja um jeito de comparecer. Aliás, é uma pessoa muito querida dos estagiários, porque é sempre atencioso, gentil e trata a todos

¹ Fez parte de “Um pouco da nossa história”, publicado nos vinte anos da Embrapa Gado de Leite.

com simplicidade. Ele é uma pessoa muito animada. Sua simplicidade não o inibe de pegar um microfone para falar ou cantar em público.

Mas há um fato que o faz ser ainda mais popular. É que ele herdou do pai o apelido de pato, e, tal qual o pai, leva as brincadeiras na esportiva, tanto que isso faz com que ele seja uma pessoa muito querida de todos. E o mais engraçado é que, quando o chamam pelo apelido, ele sempre responde: “É a vó!”

Os colegas inventam as coisas mais engraçadas que dão a idéia denotativa do pato, ou seja, a ave da ordem dos anseriformes, da família dos anatídeos. Na brincadeira, vale também o sentido conotativo. Qualquer coisa que lembre o pato, até mesmo o radical grego *páthos*, em coisa que não tem nada a ver com pato, o animal de duas patas. O mais interessante é a paciência dele diante do apelido, coisa que muita gente não tem. E ele sabe que apelido é uma coisa que com o tempo some quando não se lhe dá muita importância, quando deixa entrar por um ouvido e sair pelo outro. Mas existe algo de homérico, não, de panglossiano, não, sei lá, só sei que, ao invés de ficar raivoso, ele se diverte também, acha engraçado, principalmente considerando a originalidade da brincadeira.

Se está chovendo, alguém logo diz a ele: “Hoje o dia está bom para você”. “É a vó!” – ele responde imediatamente.

Até desenho! Estagiários na área de desenho pintam e bordam com ele! O Luisão desenhou uma arca de Noé, cheia de bichos e o Noé na parte de cima, com uma vara de pescar, dizendo: “Só falta o pato”. E chegando um pato dentro da água, aparecendo no balãozinho cobras e lagartos e a famosa frase: “É a vó!”

Eu mesmo já brinquei com ele várias vezes. Uma vez ele veio do almoço, a pé, pela “matinha”, com um grupo de pessoas, e eu lhe disse: O que você anda a gracitar com as meninas? Ele achou graça, como se dissesse: “até você, heim?!” Falou que era a vó, mas queria saber o que era gracitar.

Se eu fosse contar todas as vezes que alguém brincou com ele por causa do apelido, eu precisaria indagar, pesquisar, coletar dados com os colegas e talvez desse para escrever um livro. Cada um tem o seu caso e até você que não o conhece já deve estar “bolando” alguma coisa para brincar com o “pato”.

Também interessante é a psicologia dessa pessoa tão querida de todos. Quando uma pessoa está feliz, “com a corda toda”, brinca com ele, ele amavelmente responde: “É a vó!”. E quando ele talvez nem alegre esteja, mas percebe que um colega está com estresse e por alguma forma brinca com ele, da mesma forma gentil ele responde: “É a vó”.

Uma vez passei por ele, não brinquei e veja o que aconteceu:

- É a vó!
- Eu não disse nada!
- Mas pensou ...



Pobre caixa d'água!

Gilda Maria Magalhães Arimathéa

A vida nos propõe desafios que nem nós mesmos conseguimos entender.

Aprendi a gostar de livros oito anos antes de entrar para a Embrapa, quando “fui jogada”, este é o termo, em uma biblioteca pública, por falta de funcionários. Mas foi o mesmo que jogar uma mosca no mel. E foi assim que me preparei para trabalhar na Embrapa Gado de Leite, em 1978, e a gostar mais e mais de livros.

A Biblioteca foi sempre para mim “O Setor” do coração, me apaixonando totalmente pelo trabalho de classificar, organizar, criar novos métodos de trabalho, aprender cada vez mais, enfim, colocar a informação dentro das normas estabelecidas pela Empresa. Passar a “vestir a camisa” da Embrapa foi para mim um pulo, sendo a Biblioteca um caso de amor muito grande. Quanto mais trabalhava e percebia as transformações ocorrendo, mais gostava. Passávamos meses e meses dentro do Setor até as 22 horas executando tarefas que o Departamento de Informação exigia. Não fazíamos com raiva, nem por obrigação, mas sim com empolgação, tendo como objetivo principal a ordem do Setor.

Foram muitas lutas, muitas brigas por mais material, por maior espaço, por melhor iluminação etc. A Biblioteca caminhava organizada, bonita, eficiente. E nós, servidoras do Setor, trabalhando com afinco, determinação, boa vontade, alegria.

Quando, em meados de 1993, não menos que de repente, sem aviso prévio, uma caixa d'água, que abastecia o prédio da Administração resolveu “dar o ar da graça”, justamente durante a noite. A bóia, já um tanto gasta, se rompeu. Com a pressão da água e posição “estratégica” da caixa, a saída foi justamente a biblioteca e toda a água despençou em cima dos livros.

Pela manhã, que cena triste! Ao entrar no salão, a água pingava do teto, feito chuva. O chão estava com vários centímetros de água e os livros e revistas, em torno de uns 40%, encharcados. Fiquei atônita, sem saber o que fazer, totalmente impotente, diante daquela realidade.

Vários colegas da Embrapa Gado de Leite se colocaram à disposição para ajudar no que fosse preciso. Mas o que faríamos? Aquele material todo danificado, folhas coladas. Meu Deus, que tragédia! No auge do meu desespero, comecei a chorar, ajudando mais e mais a encher o salão de água. Não conseguia me conter. Eram anos de trabalho, eram muitos dólares perdidos, pois o material era quase todo do exterior. Me sentia só, abandonada, no mais alto grau de solidão. Meus grandes amigos me consolavam, enquanto outros, menos sensíveis, riam de me ver chorar por causa de “uns simples livros e revistas”. Naquele momento, no alto da minha tristeza, indignada com “aqueles” colegas, me refiz do susto e, como se diz no popular, “plantei as mãos no chão” e parti pra cima, possessa. Desfilei um rosário

de verdades e pedi que se retirassem do Setor. Jamais poderia imaginar a mágoa que aqueles colegas me deixaram.

A partir daquele momento, passamos a trabalhar mais e mais, levando o material molhado, dias e dias para secar ao sol, tentando recuperá-lo. Muita coisa se perdeu, mas o importante é que, aos poucos, a biblioteca ficou novamente bonita, com tudo em seus devidos lugares, e deixando para todos a certeza de que amávamos muito aqueles livros e o Setor, como a nós mesmos.

Mudança vai... mudança vem...

Newton Luís de Almeida

Em volta do SDT instalado na “casa do médico” havia um quintal onde tínhamos o costume de fazer canteiros, para plantar verduras e outras plantas.

A maneira que eu tinha para quebrar o meu estresse era mexer com terra. Plantava mudas, sementes. Onde havia uma terrinha, eu plantava, mesmo que fosse num simples saquinho plástico ou num vaso. Sempre tive paixão pelas coisas da Natureza, que considero como obra-de-arte divina, embora tantas pessoas não dêem o valor que ela merece.

Nos canteiros havia jiló, que o Eduardo Castor comia cru, antes de tirar a sua famosa soneca pós-almoço (Eu lhe falara que jiló desmancha qualquer gordura). Havia pés de salsa, daqueles bem grandes. Um dia quase “deu zebra”... Cismei de arrancar um pé. Quando puxei com as duas mãos, uma jararaca, que, com certeza, estava também fazendo a sua sesta, acordou assustada (eu nem quis saber se era jararaca macho ou jararaca fêmea) e saiu entre as minhas pernas e ficou querendo subir o morro. Gritar eu não gritei não, mas devo ter falado alto: “Uma cobra!” Tanto que na mesma hora apareceram o Ivon, o Alex (guarda-mirim) e o Eduardo, que pegou o primeiro porrete que encontrou e acertou a cobra no meio. “Antes de acertar a cabeça, é preciso bater no meio dela!” – disse ele. Depois ele fez um buraco e enterrou a cobra, mas antes certificou-se de que ela estava morta mesmo. “Cobra é um bicho muito traçoeiro!”.

Mas a história continua. Também havia um pé de acerola, que, com suas frutas parecidas com pitanga, a Meirinha tinha curado a gripe. “Eu estava gripada há seis meses; nada curava minha gripe”. Para quem não sabe, a acerola é uma das frutas mais ricas em vitamina C. Dizem que uma frutinha equivale a cinqüenta laranjas... De tanto falar em acerola, o Luciano até me chama de Professor Acerola, mas deve ser gozação dele por causa de outra história. Na verdade, não sei se por causa da jararaca, uma vez,



quando a Difusão mudou mais uma vez (“casa da Zootecnia”), o Sr. Cornélio (“jardineiro”) meteu o machado no pé de acerola. Fiquei desconsolado. Pedi autorização ao Luciano (Chefia Adjunta Administrativa) para plantar uma muda perto da cantina. Ele autorizou e ainda mandou fazer um cercado de madeira. Mas o pé parecia uma “inconha”, não ia pra frente. Até a Geralda trouxe um preparado para adubar. Mas o pé de acerola ficou na mesma. Mudança vai, mudança vem... quando houve a transferência da Sede da Embrapa Gado de Leite para Juiz de Fora, o Luciano andou me chamando de Professor Acerola. Fiquei meio cabreiro, até que um dia fiquei sabendo o por quê. O meu pé de acerola havia sido extirpado por causa das obras do Nutre!

Difusão e percepção, transferência e responsabilidade

Marne Sidney de Paula Moreira

Comecei a trabalhar na Embrapa em 1991, período muito efervescente no País, quando se ouvia falar em abertura de mercado, estado mínimo e muitos, muitos PDVs nas empresas públicas, inclusive na Embrapa.

Logo que iniciei minhas atividades em difusão de tecnologia na Embrapa Gado de Leite, em Coronel Pacheco, um casal de Vitória – ES agendou uma visita à Unidade, querendo saber tudo sobre gado de leite. “E nós também!!!” – falei comigo mesmo.

Na data e horário combinados os visitantes chegaram, muito simpáticos, foram atendidos pelo Dr. Hermenegildo de Assis Villaça. Preencheram o questionário com o perfil dos visitantes e começaram a contar suas idéias. Tinham visto, em um programa de TV de grande audiência, uma forma fantástica de ganhar dinheiro, produzir leite com eficiência, vida saudável e grande rentabilidade num pequeno sítio. Decidiram logo, entraram no PDV do Banco do Brasil e antes de montar tudo resolveram visitar uma instituição para se informar melhor sobre como comprar vacas, produzir o leite e colocar o dinheiro no bolso. Não escondiam a ansiedade para começar logo. Pois pela primeira vez estariam tocando um negócio próprio, razão pela qual estavam procurando a Embrapa Gado de Leite.

Dr. Hermenegildo passou os olhos pelo questionário, falou pela primeira vez, perguntou se eles estavam de carro e se poderiam dar uma carona para que ele pudesse mostrar primeiro os sistemas de produção. O carro era uma bonita caminhonete cabina dupla, que tinha custado a metade do PDV, segundo os visitantes. Foram direto para o Sistema Mestiço. Chegando lá, Villaça começou a mostrar os pastos, explicar o manejo, a criação de bezerros, a criação de novilhas, o controle de carrapatos. Quando ele falou em carrapatos, a visitante se espantou e queria

saber que bicho era aquele que ela não conhecia e que, ainda por cima, adoecia os bezerros. O marido, só observando, maravilhado, no sistema intensivo ficou extasiado, tamanha a beleza de animais. “Qual era a área? Quanto produziam?” – indagava, mostrando grande interesse.

Após a visita aos sistemas, o visitante perguntou para o Dr. Hermenegildo qual era sua opinião sobre o empreendimento que pretendiam montar. Com sua característica principal, a franqueza, Dr. Hermenegildo disse: “Moço, aproveita o seu dinheiro enquanto ainda tem e vai procurar outra atividade na cidade, seja lá onde for, mas produzir leite, não! Os Senhores não têm a mínima aptidão para a atividade, pois desconhecem totalmente as práticas e pouco dinheiro dispõem para investir! (eles tinham apenas oito hectares de terra e gostariam de produzir 2.000 litros de leite, para distribuir na cidade de Vitória – ES). Doce ilusão, procurem outra atividade!” Terminada a visita, o casal agradeceu e cada um foi para suas casas, sendo aquele mais um dia de trabalho encerrado.

Passou-se aproximadamente um ano do acontecido e um dia chega, sem agendar visita, um casal procurando pelo Dr. Hermenegildo. Ele não se encontrava. Eles queriam vê-lo de qualquer forma, ir à casa dele. Expliquei-lhes que ele estava em férias, viajando pela Serra Gaúcha e que eu poderia atendê-los ou mesmo o João Eustáquio, dependendo do assunto que gostariam que fosse abordado. Foi quando, para minha surpresa, contaram que, quando visitaram o Centro de Gado de Leite, o Dr. Hermenegildo havia lhes aconselhado a não entrar na atividade leiteira. Seguiram seu conselho à risca, entraram em outro ramo e estavam muito bem, tanto financeira quanto profissionalmente. E tinham vindo agradecer de coração a franqueza com que foram atendidos por ele, que demonstrou percepção e responsabilidade ao exercer sua atividade.

Em suma, em difusão e transferência de tecnologias não é necessário somente conhecimento, mas também sensibilidade e responsabilidade.

Talharim!... macarrão!...

Newton Luís de Almeida

Já na nova Sede da Embrapa Gado de Leite, em Juiz de Fora, ainda estavam em fase de definição as áreas ligadas à Área de Comunicação e Negócios. Por isso, resolveram fazer uma reunião e em seguida uma confraternização. O lugar escolhido foi o salão de festas de uma loja maçônica.

Depois que os líderes falaram, Limírio pela ACN, Cláudio pelo SIN, Cacá pelo Nutre, Lineu pela ACE, Luciano pela ANT e outros, encerrou-se a reunião e a maioria foi para o churrasco, que, com o cheirinho, já chamava a todos.

Ficamos num lugar onde havia mesas e bancos compridos. “E pra beber, não vai nada?” Claro! O Dr. Agostinho estava ajudando a servir. Comecei um pouco acanhado, mas o meu copo estava sempre cheio. Uma remessa de pão com alho, pra começar. Oba! Uma remessa de asinha de frango. Oba! “Vai uma lingüicinha?” “Manda!” O que chegava “nóis mandava ver”. E tome cerveja.

Eu estava conversando com o Lineu, meu chefe imediato (ACE). Também perto de mim estavam o Rubens, jornalista, a Carlinha e a Tatiana, estagiárias. Também estavam presentes, em outros bancos, a Salete, a Ana, a Dulcinéia, a Angela, o Valdir, o Eliverto e outros colegas.

Em dado momento, apareceu o Limírio com uma cabacinha (coité), oferecendo uma *bicotinha* de pinga a cada um. “Quem não beber é *boiola*” – dizia ele. Cada um tirava uma provinha, mas continuava na cerveja. Mas de repente aparecia ele de novo com a cabacinha.

Passado algum tempo, o Limírio resolveu fazer uma brincadeira. Ele disse que todos tinham de fazer parte da “turma da bandinha”. Antes de separar os grupos, ele explicou o que cada grupo teria de repetir:

peru... peru... quantas penas tem seu ..! (trombone)
 .. da mãe tem dente... morde o p.. da gente! (cornetas)
 prex... de nega... tem gosto de manteiga! (sax)
 toma limonada... pra cag.. de madrugada! (tarol)
 B..DA! B..DA! B..DA! (BUMBO)
 ca..linho!... ca..lhão! (triângulo)



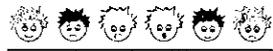
E foi falando o que cada grupo tinha de repetir. “O Rubens e o Newton: *toma limonada pra cag.. de madrugada!*; a Carlinha e a Tatiana: *ca..linho... ca..lhão!...*; o Valdir e o Elyverto: *B..DA!* Depois que todos aprenderam o que deveriam repetir, o Limírio começou a comandar a bandinha. Ora suspendia a mão, simulando o maestro, ora abaixava, para diminuir o volume. Até que foi conduzindo de forma acelerada. Eu já não agüentava mais de tanto rir. Mas o que mais estava me matando de rir era ouvir a Carlinha e a Tatiana dizerem: *canarim!... canarão!...* Se depois de “alguns” goles, eu já estava rindo, com aquela brincadeira do Limírio, eu não parava mais.

Mas como quase tudo nesta vida tem limite, pensei: tá na hora de parar. Quando o Rubens e a Ana falaram que iam embora, “aproveitei o gancho” e saí também. A Ana me perguntou se eu queria uma carona até a Avenida Rio Branco. Eu e o Rubens fomos com ela. Ainda na Avenida Independência, eu perguntei se estava na Avenida (Rio Branco). “Ih Newton! Você está ruim mesmo, hein?! – disse a Ana. “Vou deixar você na sua casa...” Ainda murmurei qualquer coisa como “Pode deixar... eu vou direitinho...” Quando entrei em casa, fiz-me de firme para ninguém desconfiar que eu estava “chumbado”. Estava na hora do pessoal dormir, fiquei

vendo televisão, até que “saí fora do ar”. Eu devia estar com cara de riso, porque a “bandinha” não saía da minha cabeça. Depois acordei meio pesado, mas passei uma água na cara, tomei água e fui dormir na cama. No outro dia, a minha cara era só riso. Por dentro, eu não conseguia parar de rir. O pessoal deve ter achado estranho, porque, geralmente, a minha cara de intelectual não é muito dada a risos. Na rua alguém deve ter pensado: “Ah coitado! Tá leve da idéia!”

Domingo, eu estava assistindo à missa das dez na Igreja da Glória, mas me sentia um profano. As pessoas do lado deviam estar pensando: este cara deve ser uma pessoa muito feliz... “A paz de Cristo...”

Segunda-feira, fui trabalhar ainda com aquela “bandinha” atrevida nos meus ouvidos. Perto da minha sala estava o Elyverto, arrumando uma fiação da rede de computadores. Cheguei perto dele para comentar a respeito do churrasco. “Pois é, o que mais achei engraçado foi ouvir a Carlinha e a Tatiana repetirem *canarim... canarão...*” – falei com ele. “Ah! Elas estavam falando assim? Ih... esta ‘bandinha’ do Limírio é antiga. Você não ficou sabendo como a Maria Helena falava, não?” – disse ele, rindo. Fiquei surpreso de ele ter falado o nome da Maria Helena, que tivera saído do Gado de Leite em 1987. “A Maria Helena? Ah! Agora estou me lembrando que uma vez a Elisa brincava com ela, chamando-a de ‘fera’, ‘tigreza do pedaço’, qualquer coisa assim”. Fiquei admirado, porque quem conheceu a Maria Helena sabe que ela era muito recatada. “Mas como é que ela dizia?” – perguntei, curioso. “Bem... para não falar *ca..lhinho!... ca..lhão!...*, ela falava *talharim!... macarrão!...*



O dia em que o chefe teve acidente¹

Írio Bruzzeguez

1º Ato: O suborno

– Ei, Sarapieira! Cá entre nós, bem no sigilo. Aquele chefe ali, quando ele chegar perto de você para disputar a bola, dê um pequeno “tranco” nele, só para ele torcer o pé ou destroncar a mão e “ficar alguns dias no estaleiro”. Combinado? Depois a gente acerta sua recompensa.

– Que que é isso? Não faço isso não!

– Que nada, negão, é só um empurrãozinho. Ele já “está mais pra lá do que pra cá”, não vai ter problema, tá? Colabore com a gente.

¹ Fez parte de “Um pouco da nossa história”, publicado nos vinte anos da Embrapa Gado de Leite.

2ª Ato: Acordo cumprido

O chefe sofre o “pequeno empurrãozinho”, e plagiando um locutor de futebol: “Está lá um corpo estendido no chão!”

3ª Ato: O socorro

– Agüenta aí, chefe, que vamos socorrê-lo. Alguém, vai chamar o médico! Vamos levantá-lo.

– Calma pessoal, estou bem, preocupa-me é que estou mexendo com os dedos da mão e não estou sentindo nada! Veja como eles estão se movimentando!

– Isto é bom, chefe. Onde dói? É aqui na clavícula?

– AAAAiii! Aí não, assim você me mata de dor! Por favor, levem-me ao médico!

– Ei, Waltinho, volta aqui com o meu guarda-chuva! O tempo está limpo! Aonde você está indo?

– Calma aí, companheiro! O Vander está pedindo urgente um guarda-chuva para proteger o rosto do chefe! Ele está conversando com os olhos fechados por causa do sol e não ficará sabendo quem está ajudando!

– E aí, chefe, está boa a sombra? Vamos para o vestiário. Agüenta firme!

– Nossa! O chefe está branco que nem o dente do Sarapieira! Está sentindo muita dor?

– Agostinho, aonde você vai ? O treino já terminou!

– Eu não jogo futebol, mas o chefe machucou e vou coordenar a operação de socorro!

4ª Ato: A decisão

– Chefe, é o seguinte: o senhor está todo sujo de grama, o corpo suado e precisamos dar-lhe um banho!

– Tudo bem, podem começar mas cuidado com meu ombro!

5ª Ato: Operação limpeza

– Osvaldo, você começa a tirar o calção do chefe! Vander, coloque-o debaixo do chuveiro! Cóser, verifique se a água está morna! Com licença, chefe, aqui no seu pescoço, nas costas e em vários lugares tem grama agarrada. Vou tirar com cuidado. Cóser, cuidado aí, deixe este outro lado para o Vander. Osvaldo, tem mais grama por aí? Pronto, chefe, agora o senhor está limpo, parcialmente. Melhorou a dor? Fernandão, arrume a toalha para enxugar o chefe!

– Eu, heim! Corta essa! É ruim, heim! Vocês começaram, agora terminem o serviço!

– Tudo bem! Cóser, já terminou aí? Passe a toalha para o Osvaldo para ele enxugar deste lado, que o Vander faz o resto! O Vander colocou a cueca do chefe

muito em cima! Capriche no visual! Cuidado com a calça, senão ele desequilibra! Segure aí, Osvaldo! Tudo bem! Até que enfim terminou, chefe! Agora o senhor vai sem camisa para não forçar o braço!

– Obrigado, colegas! Vocês fizeram um bom trabalho!

6º Ato: O visual

– Fernando, o chefe está mandando pentear o cabelo dele!

– Tudo bem, mas onde está o cabelo? Não tem nada para pentear! Em todo o caso, vou fazer o possível. Pronto, chefe, o senhor ficou legal! Agora é o sapato. Nossa! Chefe, não estou conseguindo! O seu pé está igual ao da Cinderela! Lindo! Mas este sapato, tenho certeza, não é o dele... Vou tentar mais uma vez. Se doer, avise-me! Ah! consegui! Pode caminhar, chefe! Já chegou o carro para levá-lo ao médico! Cuidado para entrar! Olha a porta. Boa sorte, chefe!

7º Ato: Após atendimento médico

– Olha lá, Vander! Eu não disse que a cueca dele ficou para cima?

– Deixa pra lá, quase ninguém está vendo!

– O caso é grave? Fraturou o braço? Tudo vai ficar bem, não é? – perguntava o chefe, mais branco ainda.

8º Ato: A despedida

– Vai com calma, Demerval! Cuidado com as curvas, para não deslocar mais o braço do chefe! Que sufoco, heim? Waltinho, já devolveu o guarda-chuva? Não invente, Osvaldo. Quem enxugou naquele lugar foi o Cóser, pois é conterrâneo dele!

9º Ato: O acerto de contas

– Pô, Sarapieira! Eu pedi um “chega pra lá” só de alguns palmos e você manda o “atleta” no alambrado! Dá próxima vez, maneira, tá?

– Mas eu só encostei nele! Não sei porque ele caiu tão longe!

Ato final

Aos personagens cujos nomes foram citados nesta pequena história verídica, parabéns pelo pronto atendimento prestado ao chefe, e que prevaleça o bom senso, considerando tudo como uma saudável gozação. Ao chefe, personagem principal, contra sua vontade e cobiça dos improvisadores “enfermeiros”, que esteja de volta em poucas semanas ou mesmo dias, no convívio de amizade e trabalho junto àqueles que estão torcendo pela sua rápida recuperação.



Coqueiro que dá coco...

Newton Luís de Almeida

Em 1979, quando fui à Bahia para assistir ao casamento do meu irmão, fiquei encantado com os coqueiros, por toda parte, carregadinhos de coco.

Ora direis: coqueiro que dá coco? Mas explico que a minha ida à Bahia, naquele ano, foi outra história. De lá eu havia trazido um coco, como semente, para o meu sogro plantar no sítio dele. Levou dez anos para atingir vinte centímetros e depois morreu.

Agora, volto com outra história de coco, se é que isso que vou contar pode ser chamado de história, talvez uma crônica ou uma mensagem qualquer.

Por coincidência, eu havia começado a trabalhar na Embrapa, em Coronel Pacheco, naquele ano, mais precisamente em 15 de março de 1979, dia em que o presidente Figueiredo tomou posse. Em 1997, a sede da Embrapa Gado de Leite foi transferida, em comodato (um terreno pertencente à UFJF), para Juiz de Fora. Morando no Morro da Glória, passei a usar o ônibus que vem do Bairro Borboleta, passa pelo Morro da Glória e vai até o Bairro Dom Bosco.

Antes, quando ia para Coronel Pacheco, do ônibus da Embrapa eu via campos, animais, algumas quedas d'água e muito verde. Com a transferência, a paisagem vista do ônibus urbano coloriu-se-me de formas mais cinzentas. Mas não se trata de criticar a mudança, porque esta, em si, foi até benéfica, tanto para a Empresa, quanto para os funcionários, uma vez que a maioria reside em Juiz de Fora, cidade que já foi a segunda mais populosa de Minas Gerais. As formas cinzentas a que me referi possibilitaram-me descobrir coisas pelo caminho que sobressaíram aos meus olhos, em meio a edifícios, asfaltos, veículos e pessoas.



Onde entra o coqueiro que dá coco nesta história? Pois é, ele entra justamente na passagem do ônibus pela Avenida Independência. Passei a observá-lo todos os dias. Devia ser um coqueiro bem antigo, pois era comprido e estava sempre carregadinho de coco. Tinha um corte na parte inferior. Talvez alguém tenha encetado cortá-lo, mas ficou com pena, por ser um coqueiro com tantos cocos. Por várias vezes me via subindo naquele coqueiro, como fazem os nordestinos, e pegar um coco e beber a água dele, e sentir talvez um lenitivo para as dores do dia-a-dia. Imaginava uma fonte para todos os males, um oásis. Imaginava uma ilha pequena e aquele coqueiro, carregadinho de coco.

Quando o ônibus parava em frente, eu ficava procurando com os olhos algum coco caído no chão. Pensava: talvez se plantasse um coco desse coqueiro, ele poderia se desenvolver bem e mais tarde ser um coqueiro que dá coco. Seria um coqueiro adaptado às condições climáticas de Juiz de Fora. Já pensou, disseminar

coqueiros que dão coco, em Juiz de Fora?

Eu sempre procurava me assentar do lado direito do ônibus, perto da janela, para poder ver o coqueiro. E toda vez que o ônibus Dom Bosco entrava na Avenida Independência, eu ficava atento para não passar sem ver o coqueiro. Uma vez resolvi ir a pé só para poder vê-lo de perto. Fiquei uns cinco minutos, no passeio, olhando para ele, admirando suas folhagens verdes e seus cachos de coco. Lembrou-me que, quando criança, gostava de desenhar árvores, principalmente coqueiros, ao lado de uma casinha com chaminé. Sempre havia um sol brilhando ao lado de algumas nuvens branquinhas, e pássaros voando. Ali, diante daquele coqueiro, fiquei divagando, imaginando um terreno meu, com tudo quanto era tipo de árvore nobre, medicinal, ornamental, frutífera, exótica; não pensava em quantidade mas em coleção de espécies diferentes. Olhando em volta, percebi que havia um coco no chão. Quis passar pela cerca e pegá-lo, mas achei que seria estranho eu fazer isso e deixei para lá.

Um dia, passando pelo coqueiro, vi que no local havia operários e máquinas. “Será que o coqueiro corre risco de ser cortado?” – pensei. Eu já tivera essa impressão. O que fazer? Queria pedir que não cortassem o coqueiro, mas pedir a quem? Queria fotografar, escrever, pegar um coco, fazer qualquer coisa. Mas não teve jeito. Dias depois, pela janela, vi os pedaços do coqueiro, empilhados, mas não vi nem um coco. Que tristeza! É ruim quando se prevê um mal e não se tem forças para evitá-lo. Mais uma vez o verde ia se tornar cinza diante dos meus olhos...

Professor Virgulino

Aloisio Teixeira Gomes

Com certeza todos que estão na Embrapa Gado de Leite, ou que por aqui passaram, conhecem o colega Newton Luís de Almeida, sempre amigo, inofensivo e pronto para servir dentro e fora de suas atribuições.

Com certeza também poucos sabem que o colega Newton foi cognominado de Professor Virgulino pelo Professor Sebastião Teixeira Gomes, logo no início do período em que foi consultor do Gado de Leite. Segundo o Professor Sebastião, o colega Newton, ao fazer suas revisões de textos, distribui vírgulas por todo lado. Um dia, tendo perguntado o por quê, Newton respondeu: “... é para o leitor não perder o fôlego na leitura!”

Feita esta introdução sobre o Professor Virgulino, vamos ao fato ocorrido entre nós, há algum tempo.

Quando numa das muitas vezes que a ele recorri para orientar-me quanto ao português correto, eu lhe perguntei, na costumeira forma incisiva: “Professor Virgulino, como deverei escrever no meu texto, dentre as seguintes alternativas:

- (1) 1,5 salário mínimo;
- (2) 1,5 salários mínimo; ou
- (3) 1,5 salários mínimos?”

Ele pediu-me para repetir e eu o fiz, pausadamente. Após alguns segundos, pensando e balbuciando “é... é... é...”, ele me respondeu: “Escreva o seguinte: um salário mínimo e meio”.

Eu achei tão engraçada a saída estratégica do Professor Virgulino, que divido com vocês esta história.

Dona Vaca...

Newton Luís de Almeida

A colega Fernanda contou que, quando foi fazer sua matrícula no Centro de Ensino Superior, deparou com a coordenadora do Curso de Letras, que lhe fez uma série de perguntas.

- Qual o seu nome, queridinha?
- Meu nome é Fernanda Maria Jardim.
- É, pelo visto, você está cursando Letras.
- Sim, estou cursando Letras e estagiando.
- Em qual colégio você está estagiando?
- Estou estagiando na Embrapa Gado de Leite.

– Minha filha, o que você está arrumando na Embrapa, se o seu curso não tem nenhuma convergência com o assunto tratado? A não ser que você fique dando aulas para as vaquinhas de lá, dizendo: muuu! muuu! muuu!

Dava escandalosas gargalhadas enquanto olhava para Fernanda que, com ar de espanto, como quem não estava entendendo nada, falou:

- Aqui está a folha de matrícula, pois uma prima minha falou que a senhora
- Espere! Não complete, pelo amor de Deus. Você não sabia que não se usa pronome possessivo após um substantivo? O correto é ‘minha prima’.

“Bom, o importante já foi feito – a matrícula está pronta.” – pensou Fernanda, ansiosa por sair dali, querendo desviar-se do assunto, mas a coordenadora voltou à carga:

- E quando pretende sair deste estágio da Embrapa?
 - Quando terminar o contrato.
 - Só tome cuidado, meu *amorzinho*, para não ensinar seus alunos a *mugirem!*
- e caía na gargalhada.

Fernanda, envergonhada pela gozação, não deixou por menos e respondeu imediatamente:

- Claro... a mugirem como a senhora me ensinou agora pouco, n'ê?!

Ela saiu da sala não acreditando no que tinha falado. Estava com as bochechas vermelhas mas espalhando na fisionomia um ar de vitória.

O poço artesiano

Afonso Celso de Souza

Era já noite na Sede da Embrapa em Juiz de Fora. Apesar de estarmos em greve, tínhamos de atender à auditoria interna. No SPM, eu, a Mary e o nosso supervisor Paulinho estávamos levantando informações, conferindo documentos, essas coisas, quando, por volta das 19 horas, saí para ir ao banheiro, localizado perto do Almoxarifado.



No caminho, em frente à garagem, conversei um pouco com o Dr. Ladeira, que tinha chegado de viagem. Mas observei que passava um sujeito desconhecido, de *short*, chinelo tipo havaiana e portava na mão algo parecido com uma toalha. No MGTV todo dia anuncia assalto. A Mary mesmo já tinha sido assaltada na rua. Fiquei desconfiado e arrepiado. Tratei de me despedir do Dr. Ladeira e, sem ir ao banheiro, corri para o SPM, passei de carreira pela Mary, dizendo. "Tem gente estranha na área!" A Mary logo se levantou da cadeira e "ficou na minha cola". "Fe-fe-cha a po-porta!" Eu e a Mary tremíamos igual vara verde, procurando a chave. Quando finalmente conseguimos fechar a bendita porta, rapidamente expliquei ao Paulinho onde e como estava o cara. Mesmo com a cirurgia que tivera feito no joelho, ele, como um raio, ligou para o vigia da guarita, solicitando que o rondante fosse imediatamente ao SPM. O vigia, sem entender muito bem o pedido, falou que o rondante tinha ido na oficina para encher o pneu da bicicleta. Quando o vigia disse que ia comunicar ao Dr. Henrique, é que o Paulinho viu que tivera ligado para a guarita de Coronel Pacheco, mas imediatamente ligou para a guarita da Sede (Juiz de Fora). Quando ele explicou ao vigia o que estava acontecendo, este foi logo dizendo: "Não se preocupe, não, a pessoa que vocês viram está trabalhando na perfuração do poço artesiano. É que o pessoal tem tomado banho no chuveiro da garagem, depois do serviço".

Ficamos mais tranqüilos, mas de repente o alarme de um carro disparou. “Estão roubando a minha Brasília!” – disse o Paulinho, com cara de riso. “É ruim, hein, de a sua Brasília ter alarme!...” – falei de gozação. Era o Demerval, que vinha pegar o carro da Fatinha na garagem.

Torcedor convicto

Newton Luís de Almeida

Nos poucos minutos de que dispomos para almoçar, mal sobra tempo para conversar com os colegas que se sentam com a gente, mas sempre trocamos algumas idéias, comentamos alguma coisa, ou mesmo damos uma olhada na televisão.

Na cantina da Sede da Embrapa Gado de Leite, eu, o José Carlos Fazza, a Mary e o Dr. Bressan estávamos na mesma mesa, almoçando. Em dado momento, o Fazza falou: “Eu sou um torcedor que sempre vou ao Estádio Municipal torcer para o Tupi, mas há certos torcedores que são pés-frios!”. Curioso para saber de quem era a carapuça, perguntei por que ele dizia aquilo. Ele nos disse que estava preocupado porque o Maurílio dissera que pretendia ir ver o Tupi jogar contra o Ipiranga de Manhuaçu no Estádio. “Toda vez que o Maurílio vai assistir ao jogo, o Tupi perde!” Pensei comigo: a coisa é séria, porque quem conhece a história do time carijó sabe que há muito tempo o clube vem pelejando para ver se consegue passar para a primeira divisão e, por mal dos pecados, quase sempre acaba morrendo na praia. A gente vê por aí tanto nome estranho de time participando dos campeonatos e o Tupi sempre de fora. Até o Íbis é mais conhecido do que o galo da Manchester Mineira. E agora, no Módulo B, o Tupi está a poucos jogos para conseguir se classificar, mas perder em casa? Nem pensar!

Mas, voltando à vaca-fria, encontramos uma solução para o caso do Maurílio. Como o chefe estava perto, insinuamos: “Que tal agendar uma palestra urgente para o Maurílio?” Como o jogo seria no domingo, a viagem poderia ser na sexta-feira e ele só voltaria na segunda-feira. O pessoal achou engraçado mas ficou só na brincadeira.

Quando foi segunda-feira, o pessoal estava curioso para saber se o Maurílio tinha ido ver o Tupi jogar. “Como que é, Fazza, o Maurílio foi ao Estádio?” – perguntamos. “Ele foi e o Tupi ganhou de 2 a 1, mas eu falei com ele que, se ele não tivesse ido, o Tupi teria ganho de 5!”

No dia 26 de agosto (2001), no Estádio Municipal, com cerca de 20.000 torcedores, o Tupi disputou a final com o América de Alfenas e venceu por 3 a 1. “Ainda bem que o Maurílio não foi...” – respirou fundo o Fazza. Foi a maior festa na cidade!

Prosa dos “minirim” do Gado de Leite

João Cesar de Resende

Sei que todos os colegas da Embrapa gostariam de ser mineiros. Pena que aqui em Minas Gerais só tem duas Unidades. A de Sete Lagoas e a daqui de “Jizz de Fór”. Não tem lugar pra todo mundo. “Sinão” a turma tava toda aqui tentando ser mineiro. Sei que tem até casos de colegas de outros estados que tentam se passar por mineiros, sem o serem. Quando agem assim e não estão em Minas, tudo bem. Ainda passa. Mas quando tem um mineiro na platéia, não tem jeito. O colega se trai logo. A turma logo descobre a mentira. Daf pinta aquele clima ruim, tipo “Dotô, cê tá mintino. Cê né minero nada! Vá inganá otro!”

Preocupados com problema tão relevante, fizemos uma pesquisa para resolver cientificamente a questão. Arrumar um jeito de todo mundo virar mineiro. Ou, pelo menos, ficar parecido com um mineiro. Pena, mas o CTI não aprovou o “pré-projeto”. Mandamos pra Fapemig. O consultor designado, muito despreparado, também desaprovou. Tudo bem. Dada a importância da questão, fizemos um experimento e conduzimos o trabalho com recursos próprios. O Rui fez a análise estatística. O Nilson, muito entendido no assunto, se encarregou da análise econômica. Pra não delongar muito, e como se trata de um “resumo para congresso”, não vamos falar do 1 – Título, 2 – Introdução, 3 – Revisão de Literatura, 4 – Material e Métodos, 5 – Resultados e Discussão. Vamos direto no “6 – Conclusões”:

Trocando em miúdos, a principal conclusão do estudo foi a seguinte: mesmo sendo nativo de outro estado da Federação, qualquer colega da Embrapa pode se disfarçar de mineiro, sem ninguém perceber. Basta aprender a falar e agir “quiném” um mineiro de verdade. E também saber das coisas dos mineiros da terra do Itamar.

O último item, “7 – Recomendações Finais”, dá algumas dicas pra quem deseja se disfarçar de mineiro. Vamos lá.

√ Mineiro não estica conversa: puxa um dedo de prosa. É muito mão aberta também: dá bom dia pra todo mundo.

√ Mineiro é muito saudável. Sempre saúda seus colegas: “Oi! Cumequitaá?”



√ Mineiro faz economia de palavras e letras. Sabe muito bem usar a lei do menor esforço: “Vô pruma riunião... fui prumuvido... Vô riuni c’u chefe”. Mas cuidado: nem sempre o após-trofo pode ser economizado!

√ Nunca tente puxar s... fazendo elogios para o Chefe. Faça elogios “pu Chefi”.

√ Não dê “manota”. Não existem piadas de mineiros. Só conte piadas de papa-gaio carioca, de gaúcho português.... De joãozinho paulista vale também. São todas muito engraçadas. A turma c.... de “rí”.

√ Lembre-se, mineiro que se preza adora queijo-minas, tutu à mineira, angu com couve, aliás, “angu cucove cuida na horta”.

√ Nos dedos de prosa usa sempre “uai”. O significado de uai? “Uai é uai, uai!”

√ Você tem várias opções de transporte para ir pra Embrapa. Carro de bois, mula, burro... “Si fô di butina muntado a cavalo”, lembre-se que você não foi de helicóptero, porque não quis. Afinal, foram os mineiros que inventaram o avião. “Minero” é inteligente “pacarai”! Ele reinventou até o fuscal...

√ Você também pode ir de “onzz pu sirviçu”, mas chegue no ponto uma hora antes. Para o motorista não passar direto e deixar você na mão. Leve discretamente uma bananeira para dar sinal. Caso esteja indo pra Coronel, importante também levar a latinha pra trazer o leite de tarde.

√ Lembre-se: o Brasil tem muitos reis, mas o do futebol “fumo nós quicriô”. Por falar em bola, pra se tornar um bom mineiro, não torça pru Flamengo. Você nunca ouviu falar nesse time. Pró que torcer pra time de fora? Nas Minas Gerais você tem os três melhores times do planeta pra torcer. Claro, o melhor deles é o Tupi de “Jizz de Fór”.



√ Lembre-se: mineiro é machão. Antes de sair pru serviço, levante cedo, faça o café e leve com “pão di queij quintim” pra patroa, na cama. Vista a roupa de trabalho e peça sua aprovação antes de sair: “Amôôô, ói pra mim, vê cumé cotô!? Vê sotô bunito? Já lavei os pratos, agora já posso i pa Embrapa?”

√ O CTI não entendeu seu projeto de pesquisa?... Na hora do café das nove, conte prus colegas mais chegados, na rádio-corredor. Desabafe: “O CTI reprovou meu projeto! Ai que raiva cotôqüela! Ói cumé cotô! Tô bravo dimaaai da conta!”



√ Se precisar mudar seu arquivo de lugar, chame um colega pra dar uma mãozinha: “Ôôô! Vem cá! Juda redá ess troço aqui, ó!?”

√ Na falta de vocábulo adequado, use “trem”. É a palavra mais versátil do minerês. Veja: “Meu computador tá muito lento. Tem algum trem stranho nele!” “Tô cuma dor di barriga danada. Acho qui foi um trem stragado cocumi na cantina”. Você pode também tomar café de manhã com “um trem qualquer”. Pode até receber um trem pelo e-mail...

√ Lasca significa grande, poderoso: “O Tupi é um lasca de timaço de futebol”.

√ As palavras no diminutivo terminam sempre em *in*: “Paulin, Duartin, Rodolfín, Henriquin”. E as com sentido de “grande” terminam em *ão*: Claudão, Elyvertão, Valtão”.

Se você entendeu bem as recomendações, agora é só treinar. Saia pelo corredor falando com você mesmo: “Ói cá?! Só minirim de verdade, ceintendeu? Num sei on

cô vô no fim de semana. Con fô fô ô vô im Berlzont. Vô pegá o onzz das onss. Depois num sei proncovô. Taleveis dô uma sticada até Beraba, Berlândi”.

Mas cuidado: o Chefe pode passar e escutar a prosa. Vai pensar: “Pirou diveiz o omi!”. Se perguntar, diga pra ele: “Chefe, ô tô apenas pensano num projeto de pesquisa pra mandá pru C’ empequê”.

É isso aí!

Mas, mesmo depois de treinar muito, você ainda pode ter uma recaída e cometer algum deslize. Distraído, pode acontecer de alguém pegar você no “flagra” comendo farinha no escondido. Chamar pernilongo de carapanã. Ou, no meio da galera, sair com esta: “Uai, cês tão pensano o quê? Eu sô mineiro, tcheê”.

Nestes casos, não tem jeito, a turma descobre mesmo. Você fracassou na sua tentativa de virar um mineiro. Mas não fique “perreado” e nem “vexado”. Assuma sua identidade. Diga que você é brasileiro. Com muito orgulho. Afinal de contas, cá entre nós, ser brasileiro é tão bom quanto ser “minirim”. “Né meizs?... Uai!”

Aeroporto 2001

Lorildo Stock, Ary Freitas e Vânia Veiga

Ele esperou a chegada de todos na portaria do hotel, mas ficou para ir na segunda leva, no carro da Embrapa, até o aeroporto de Ji-Paraná. Chegou nervoso ao saguão ao ver o tamanho da fila para o *check in*.

A chegada do avião já foi com bastante atraso. Depois de carregar todo equipamento do conjunto musical Harmonia do Samba, a decolagem aconteceu com quase duas horas de atraso.

O clima no avião estava um pouco alterado. Tudo incomodava: cansaço; horário; muito calor; atraso no vôo; avião balançando com o carregamento de toda aquela tralhada do conjunto; conversas sobre as torres do WTC; comentário sobre a notícia cerca de duas semanas atrás da quebra de uma das janelas justamente de um desses aviões Foker-100 da TAM; e a guerra de traveseiros entre os componentes do Harmonia; tudo isso era parte do ambiente na aeronave.

Um dos comissários abriu a porta traseira para refrescar o ambiente, enquanto aguardávamos o carregamento das bagagens.

Sempre que possível em pé no corredor, o Rodolpho parecia não “estar nem aí”, sentindo-se em casa, implicando o tempo todo com o cachorrinho de pelúcia da menina do acento da frente, e, na maior intimidade, chama todos os comissários pelo nome (Sandra, Raquel, Marcelo...). Não perdeu a oportunidade de pedir autógrafa do cantor Xandy.

Na escala em Vilhena, mais tensão por causa de excesso de passageiros: uma mulher, o pai e a mãe dela saíram xingando todo mundo. Nesses casos sempre há necessidade de localizar e tirar a bagagem dos passageiros do avião. Com isso, mais atraso e avião balançando, calor, portas abertas e tudo mais.

Após escala em Cuiabá, houve mais problemas na escala em Araçatuba, com três passageiros excedentes, e mais mexeção na bagagem do avião.

Os atrasos já entravam na casa das três horas quando o comandante Rolão anunciou que o avião daria umas voltinhas porque não havia condições de pouso em São Paulo por causa do tráfego aéreo congestionado. "Tenham paciência, sere-mos o quinto da fila... mais umas três voltas, e pronto".

Entre outros comentários, uma passageira desabafou:

– "Isso é um absurdo!!"

– "O que foi, minha filha?" – quis saber o Rodolpho.

– "Eu já viajo com meu dinheiro contadinho, e agora já perdi minha aula de inglês ... como faço agora?"

– "Isso é excesso de falta de homem!" – Rodolpho comentou com o passageiro do lado.

Finalmente, para alívio de todos, o pouso, que mais parecia um tombo, como os anteriores, e estávamos em solo. Como de costume, aqueles avisos repetitivos dos comissários. A aeronave parada na pista.

O comandante Rolão anuncia: "Lamento informar que teremos mais um pequeno atraso, aguardando autorização para estacionamento." E vários passageiros ficam nervosos: "Ei, vamos logo!" "Quero ir para casa..." "Deixe eu sair daqui!" "Quero meu dinheiro de volta..."

A notícia de mais atraso foi fartamente seguida de assobios, aparentemente não-usuais. O comandante, aliás bastante informal e simpático, depois de alguma espera, novamente intervém: "Aqui o comandante Rolão. Solicitamos a paciência dos senhores passageiros! Por enquanto seremos o quinto da fila..."

A comissária orientou, como de praxe, que todos permanecessem sentados, até a completa paralisação da aeronave. "... sabemos que a escolha da companhia aérea é uma opção do cliente" (para Ji-Paraná só tem essa) "... obrigada por escolher o jeito TAM de voar."

Depois de alguns minutos no corredor (o avião ainda parado na pista, aguardando seguir para o estacionamento), aparentemente desrespeitando as regras, o Rodolpho não se conteve; pegou o microfone e disse:

– "Atenção senhoras e senhores, permaneçam sentados porque a aeronave ainda se encontra em movimento."

Entre aplausos e risos, nosso colega acabou se consagrando o animador de bordo.

Com pouco mais de três horas de atraso, finalmente seguimos para o Rio, mas não antes que nosso personagem levasse um papo, seguido de autógrafos, com a comediante Nair Bello, a Santinha do Zorra Total, na sala de embarque.

Nesta terra, em se plantando, tudo dá...

João Eustáquio C. de Miranda

Dia 20 de junho de 2001, às dez horas, atendi a uma consulta por telefone do Sr. A., de São Paulo, que me disse ter uma fazenda em Minas Gerais, numa cidade da Zona da Mata Mineira, com três alqueires. Não sei se ele se referiu a alqueire mineiro ou a paulista, mas, de qualquer forma, não deve passar de dez hectares.

Ele começou a me explicar que a fazenda era da avó dele e agora ele estava administrando e investindo nela. Disse que o terreno da propriedade é montanhoso e que vai lá a cada quatro meses e que gostaria de receber algumas informações da Embrapa e checar outras.

“Já fiz currais, plantei braquiarião, cana. Quero investir em gado. Já visitei a Expoinel (Exposição Nacional de Nelore) e a Feicorte (Feira do Gado de Corte), além da Expomilk. Em gado de corte já escolhi a raça: vou investir em Nelore, raça que proporciona bom retorno econômico, haja vista uma vaca ter sido vendida em Uberaba por uma fortuna! (Durante a Expozebu/2001, a novilha Essência TE, de dois anos, com 700 kg de peso vivo, foi a leilão e arrematada por R\$ 840.000,00, que é recorde mundial de venda de bovinos). Antes de investir, eu checo todas as informações”.



Após os meus comentários, ele continuou:

“Quero a opinião da Embrapa a respeito de gado de dupla-aptidão. Na Feicorte fui informado de que o Simental é melhor que o Pardo Suíço. É mesmo? Parece-me que o Pardo Suíço é mais rústico, mas o Simental tem mais valor econômico, rende mais quando se faz TE. O que você acha? Estou na dúvida se escolho Simental ou Pardo Suíço.”

Expliquei a ele o que é uma raça de dupla-aptidão, vantagens, preços etc. E ele continuou:

“Quero investir também em gado de leite. Já avaliei a raça Girolanda e a raça Holandesa, que é mais produtiva. Agora quero informações sobre a raça mestiça, para poder pesar bem e decidir se invisto em vacas girolandas, holandesas ou mestiças. (Expliquei o que é uma vaca mestiça, os graus de sangue etc.). Quero saber se na região existem muitas firmas que fazem TE e IA, sexagem?”

Mal acabei de fazer os comentários, ele disse que precisava checar uma informação.

“Em uma feira que visitei, fui informado de que avestruz é ótimo negócio, é muito rentável. Já até olhei preços: um casal em postura custa até R\$ 18.000,00, mas um casal jovem vale só R\$ 1.500,00 e tem empresa ‘berçário’ em Sorocaba que faz a recria mediante pagamento de uma taxa mensal. Já olhei preço de chocadeira, número de ovos/fêmea/ano, percentagem de eclosão dos ovos e taxa de mortalidade etc. O negócio parece bom. Mas antes de investir, quero checar todas as informações, fazendo uma ampla pesquisa de mercado. Falaram-me que o mercado de avestruz aí na Região da Zona da Mata de Minas Gerais é muito desenvolvido – é verdade? Quero saber quantos produtores a Embrapa têm cadastrados aí na região?”

Respondi a ele que não conhecia nem um, mas que já ouvira falar de um produtor perto de Belo Horizonte. E ele continuou:

“Estou muito consciente de que, antes de comprar gado, preciso investir na comida. Já plantei braquiarião e cana, conforme já disse; quero plantar capim de corte, mas estou em dúvida se planto o ‘anapiê’ (como ele disse) ou o capim-elefante. Qual é melhor? (Falei sobre o capim-elefante) Também quero plantar capim-colonião, tanzânia e outros tipos que a Embrapa recomendar (para a terra dele). Quero tratar do meu gado com cana mais uréia. A cana eu já sei como plantar. Agora eu quero saber: como se planta uréia?” (Neste ponto, fiquei mudo, pensando em como iria dizer a ele que uréia não se planta, que uréia é um produto que se compra e se mistura à cana. Quando finalmente falei, ele rapidamente encerrou a nossa conversa).

Este episódio dá uma pequena amostra do nível de muitas pessoas que estão investindo em terras. Uns por lazer, outros por nostalgia da época dos pais e avós, outros para fugir do barulho das grandes cidades, outros ainda por absoluta falta de conhecimentos e por achar que agricultura e pecuária é linha de montagem: gasto x, produzo y, vendo por z e lucro f....

Casos curiosos em perguntas/consultas de clientes da Embrapa Gado de Leite

João Eustáquio C. de Miranda e Joaquim Rezende Pereira

No plantão técnico recebemos todo tipo de perguntas, desde as muito técnicas, que necessitam ser respondidas por especialistas, até as muito simples, que, às vezes, nos complicam. Todas as perguntas são respondidas com o devido respeito ao cliente, de modo técnico e linguagem adequada. Mas entre nós costumam surgir vários comentários paralelos, engraçados ou irônicos. Apresentamos dez casos interessantes.

Caso 1 – O Senhor S. ligou de Senador Dantas (CE), dia 18 de julho de 2001, e fez um pedido. “Tenho uma vaca no oitavo mês de gestação. Ela está muito magra, caiu e não quer levantar. Já fizemos de tudo, até aplicar cálcio na veia dela. Preciso de um remédio forte para levantar a minha vaca?”

Sem comentários.

Diagnóstico: fome. Isto mata!

Remédio: comida da boa, verdinha!

Sugestão: consultar o veterinário local. Até o veterinário chegar, dar capim verdinho para a vaca. Talvez, com esse remédio, a vaca se levante e possa até parir e dar um litro de leite!

Caso 2 – O Senhor L., de São Paulo, escreveu extensa carta em 3-6-00 com mais de 30 questões a respeito do seu sítio no interior de São Paulo (Bragança Paulista). Entre elas: “Tenho dez galinhas e um galo. Qual a correta quantidade de ração e milho a ser oferecida, a mínima, para se obter ovos?”

Mito! “O galo vale mais pelo canto, ou as galinhas botam mais?”

Comentário:

Respondemos todas as perguntas do Senhor L., mas deu uma vontade danada de fazer um trocadilho, dizendo a ele o seguinte:

Além de fecundar (galar) os ovos, aqui em Minas o maior valor do “galo” é para fazer raiva na “raposa”! Mas ele poderia não entender de futebol, e a brincadeira ficaria sem graça.

Agora... fazenda sem galo para cantar, cachorro para latir, vaca para mugir... não é fazenda...

Caso 3 – O Senhor J.J., do povoado de Botequim, Umbaúba (SE), técnico agrícola, administrador de fazenda, é assinante da Revista Globo Rural, pela qual adquiriu o endereço da Embrapa. Ele nos escreveu pedindo informações sobre capim-elefante:

“Gostaria de saber se é necessário fazer alguma capina por ano? Porque fiz a análise de solo e adubo conforme o resultado do laboratório. Só que o desenvolvimento da capineira é muito lento, reage bem nos primeiros 30 dias e depois começa a ficar amarelo, com altura de 0,70 a 1,0 metro e não engrossa a cana. Falo para o patrão que a primeira suspeita é a capina que a gente não faz...”

Comentário:

Se diz técnico agrícola, que fez análise de solo e adubou... Será? A planta está amarela é de raiva, porque está faltando adubo, principalmente nitrogênio, e água.

Caso 4 – Em 28 de maio de 2001, recebemos uma consulta pelo correio eletrônico, endereçada ao “Chefe do Centro Nacional de Gado de Leite”, na qual o Senhor M., da Bahia, queria saber como desidratar o fruto da jaca para usar em ração na criação e engorda de galinha caipira.

Comentário rápido: melhor comer a jaca e jogar as cascas para as galinhas!

Caso 5 – No início de junho de 2001, o Senhor N. mandou-nos e-mail dizendo que a vaquinha dele estava

“grávida” de cinco meses e queria saber se podia continuar pulverizando o animal contra carrapatos.

Comentário rápido: já fez o pré-natal? Já fez ultra-sonografia para ver o sexo do “bebê”?

Caso 6 – Em fins de maio de 2001, recebemos uma consulta pelo correio eletrônico do Senhor N., médico-veterinário (não disse qual cidade), com cerca de 30 perguntas sobre uso de cana mais uréia. Umhas bem elaboradas, outras mostravam total desconhecimento da tecnologia. O Dr. Rodolpho gastou bem umas três semanas para respondê-las. Selecionamos duas questões curiosas:

Primeira: “Se por acaso o animal ingerir sulfato de amônio em vez de sulfato de amônia, ele vai ter algum tipo de problema? De que forma isso atua no metabolismo do animal ou na fisiologia dele e quais as conseqüências para ele? É muito tóxico?”

Explicação do Dr. Rodolpho: sulfato de amônia não existe; é só modo de falar. Amônia é mais fácil e popular do que amônio. A troca de uma simples letra pode provocar inúmeras dúvidas e indagações.

Segunda: “Recomenda-se que se movimente o animal quando intoxicado. De que forma isso deve ser feito?”

Comentário rápido do Dr. Joaquim: é só pegar o animal no colo e “niná-lo” como a um bebê!

Caso 7 – Em outubro de 2000, o plantão técnico da Embrapa Gado de Leite recebeu a seguinte carta do Senhor

H., de uma cidade próxima de Juiz de Fora:

“Escrevo esta carta a fim de que possa eu pedir um esclarecimento a esse órgão, a respeito de vacas que durante a noite atolam nos lugares baixos (brejos) e ao amanhecer o trabalhador rural vai ao seu encontro, retira do brejo, mas ao pôr em pé ela não agüenta, torna a deitar e passa a comer capim picado com farelo e mais ou menos dez dias depois passa a não querer comer mais e morre. Desejaria saber qual remédio mais específico que pudesse medicar essa vaca, a fim de que pudesse salvar outros casos que por acaso venham a aparecer.”

Comentário:

Será que é um caso de estresse bovino? “A vaca vai pro brejo” à procura de comida. “Verde que te quero verde, macio e suculento!”

Caso 8 – Em agosto de 2000, recebemos e-mail de um estudante de Vila Velha (ES) que perguntou por que ao ferver o leite este derrama e a água, não.

Sem comentários (outro estudante, na mesma época, queria saber por que o leite espuma e a água, não!)



Caso 9 – Veja, na íntegra, a carta do cliente M.G.:

São Paulo, 06 de março de 2001

Prezados amigos da Embrapa de Minas Gerais, meu nome é M. G. e estou adquirindo um sítio na região de José Bonifácio, Estado de São Paulo. Este sítio possui quatro alqueires onde de inf-

cio pretendo instalar estufas para o cultivo de hortaliças e legumes, que comercializarei numa quitanda própria na cidade, e gostaria de receber folhetos explicativos sobre como proceder neste manejo, adubação, plantio, irrigação etc. Cultivarei de início tomate, pepino, quiabo, cenoura, alface, beringela, abóbora, batata e batata-doce. Implantarei no sítio também estufas para o cultivo de flores e gostaria de saber quais são as mais rentáveis e apropriadas para a região. O girassol é um bom negócio? Pretendo abrir também um pesqueiro. Quais os peixes apropriados? E a construção de tanques. A relação custo/benefício compensa? Li sobre criação de avestruz. Como está o Brasil frente a essa cultura! O mercado é promissor? Quero formar também um pomar. Onde compro mudas de laranja, mexerica, maçã, manga, morango, *pokan (sic)* etc.? Tenho um sonho antigo desde que morava na capital S.P.: criar chinchila, para comercializar a pele no mercado exterior. Já pedi ao Sebrae uma pesquisa sobre a criação. E vocês, o que têm (*sic*) a respeito dessa cultura? Preciso da aprovação do Ibama? Me informaram também que a capivara é bem rentável, é verdade? Espero que vocês possam me atender nessas dúvidas, no futuro espero poder retribuir a tudo isso. Como faço para adquirir financiamento bancário?"

Comentário do Limírio: diz para ele que, além de avestruz, peixes, capivaras, chinchilas, hortaliças e frutas, também é bom negócio: criar abelhas, suínos, aves de corte e de postura; criar curió, pintassilgo, paca, jacaré (para exportar a pele), marimbondão (para vender o veneno – dizem que é bom para reumatismo e outras enfermidades), cobra (para produzir antídoto contra veneno de cobra), codorna, galinha d'angola, ema, faisão, periquito australiano, canário belga... e flores para exportação...



Caso 10 – Em junho de 2001, o Senhor F., funcionário de um hotel em Juiz de Fora, telefonou perguntando se a Embrapa tinha um manual de procedimentos para criação de gado confinado ou se prestava toda a assistência técnica necessária. Ele queria que fôssemos ao local. Quando indagamos sobre o objetivo dele e onde ficava a propriedade dele, e se era gado de leite ou de corte, veio a resposta cortante: "Não tenho propriedade. Quero criar uma vaca de leite confinada no quintal da minha casa, aqui em Juiz de Fora!"

Comentário rápido: É como diz o bom povo da simpática cidade mineira de Abaeté: "Tem base?!!"



E para encerrar esses casos (e não causos), veja esta carta interessante de um cliente da Embrapa Gado de Leite:

Santa Bárbara do Tugúrio, 7-8-2000

Respeitável Sr. Dr.

Gosto do gado Jersey. Tenho quatro vaquinhas ótimas, mas aconteceu um fato lamentável. Uma entrou em cio ontem e um maldito touro Guzerá a cobriu. Até que eu fosse buscar o botijão que fica na prefeitura, o touro saltou uma cerca nova de seis fios e juntou com ela.

Doutor, é verdade que a vaca Jersey só pode ser inseminada com sêmen Jersey? Será que eu vou perder esta jóia de segunda cria? Será que existe um modo de salvá-la, doutor?

Sempre que eu necessito, eu escrevo e obtenho resposta, pelas quais agradeço e espero uma breve resposta.

Atenciosamente,

G. M.

Que o Santo Espírito de Deus os abençoe!

Sopa de letras ou dicionário de siglas

João Eustáquio C. de Miranda e Newton Luís de Almeida

Para entender a linguagem diariamente falada nas reuniões da Embrapa Gado de Leite e a escrita em documentos administrativos e técnico-científicos, além da usada em informativos, correio eletrônico e outros, é bom ter às mãos a lista das siglas e o seu significado, para não ficar “boiando” ou ter de se informar com algum colega.

Assim, procuramos relacionar aquelas de que nos lembramos, mas se você se lembrar de mais algumas, fique por sua conta acrescentá-las.

- ABCGIL – Associação Brasileira de Criadores de Gir Leiteiro
- ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas
- AC – Avaliação Comportamental (Saad)
- ACE – Área de Comunicação Empresarial
- ACGH-MG – Associação de Criadores de Gado Holandês de Minas Gerais
- ACS – Assessoria de Comunicação Social (Embrapa-Sede)
- ACT – Acordo Coletivo de Trabalho
- AEE – Associação dos Empregados da Embrapa
- AEGL – Associação dos Empregados da Embrapa Gado de Leite
- Ainfo – Área de Informação (SIN)
- AJU – Assessoria Jurídica (Embrapa-Sede)
- ANT – Área de Negócios Tecnológicos
- ASP – Assessoria Parlamentar
- AUD – Assessoria de Auditoria Interna
- BB – Banco do Brasil
- BCA – Boletim de Comunicação Administrativa (editado pela Embrapa-Sede)
- C&N – Comunicação e Negócios
- CAA – Chefia Adjunta Administrativa
- CAE – Conselho Assessor Externo
- CBMG – Centro Brasileiro de Melhoramento Genético
- CBQL – Conselho Brasileiro de Qualidade do Leite
- CCN – Chefia Adjunta de Comunicação e Negócios
- CDD – Classificação Decimal de Dewey (usada na Biblioteca, para classificar as publicações)
- CD-ROM – *Compact Disk – Read Only Access Memory*
- CECP – Campo Experimental de Coronel Pacheco
- CEP – Código de Endereçamento Postal
- CESM – Campo Experimental Santa Mônica
- CBCL – Confederação Brasileira das Cooperativas de Leite
- CGE – Comitê de Gestão Estratégica
- CGQT – Comitê Gestor da Qualidade Total
- CIAT – Centro Internacional de Agricultura Tropical
- Cice – Comissão Interna de Conservação de Energia
- CIEE – Centro de Integração Escola-Empresa
- Cipa – Comissão Interna de Prevenção de Acidentes (do trabalho)
- CLP – Comitê Local de Publicações
- CNA – Confederação Nacional da Agricultura
- CNPGL – Centro Nacional de Pesquisa de Gado de Leite (atualmente se diz/ escreve Embrapa Gado de Leite)
- CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
- Comut – Comutação bibliográfica (SIN)
- CPD – Chefia Adjunta de Pesquisa e Desenvolvimento
- CPF – Cadastro de Pessoas Físicas
- CPJ – Cadastro de Pessoas Jurídicas
- CPIE – Comitê de Propriedade Intelectual da Embrapa
- Crea – Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia
- CTI – Comitê Técnico Interno (assessoria chefia)
- CTP – Comissão Técnica do Programa (gerencia um Programa de Pesquisa)
- DAF – Departamento de Administração Financeira (Embrapa-Sede)
- DAP – Departamento de Administração de Pessoal (Embrapa-Sede)
- DE – Diretoria Executiva
- Dest – Departamento de Coordenação e Controle das Empresas Estatais
- DIN – Departamento de Informação e Informática
- DOD – Departamento de Organização e Desenvolvimento (Embrapa-Sede)

- DOU – Diário Oficial da União
- DPD – Departamento de Pesquisa e Desenvolvimento (Embrapa-Sede)
- DRM – Departamento de Administração de Materiais e Serviços (Embrapa-Sede)
- DTI – Departamento de Tecnologia da Informação
- EAF – Escore de Avaliação Final (Saad)
- EBDA – Empresa Baiana de Desenvolvimento Agropecuário
- ECT – Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos
- Emater-MG – Empresa de Assistência Técnica e Rural de Minas Gerais
- Emater-Rio – Empresa de Assistência Técnica e Rural do Rio de Janeiro
- Embrapa – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
- EmbrapaSat – Rede de Comunicação Via Satélite da Embrapa
- Epamig – Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais
- EPP – Escore para Promoção (no Saad, $EPP = EAF + AC$)
- Esalq – Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz
- Expomilk – Exposição Nacional da Pecuária Leiteira e Feira Internacional da Cadeia Produtiva do Leite
- Expointer – Exposição Internacional de Animais, Máquinas Agrícolas e Artesanais
- FAA – Fundação Educacional Dom André ArcoVerde
- FAEE – Federação das AEEs
- Faeg – Federação da Agricultura do Estado de Goiás
- Faemg – Federação da Agricultura do Estado de Minas Gerais
- Fapemig – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais
- FAPs – Fundações de Amparo à Pesquisa (tipo Fapemig, Fapesp etc.)
- Fepale – *Federación Panamericana de Lechería*
- FGTS – Fundo de Garantia por Tempo de Serviço
- Finep – Fundação de Incentivo a Estudos e Pesquisa (ligada ao BB)
- FMI – Fundo Monetário Internacional
- Funder – Fundação de Desenvolvimento Regional
- Funrei – Fundação Universidade de São João Del Rei (MG)
- GI – Gerência de Informação (SIN)
- GPR – Gabinete do Presidente (Embrapa-Sede)
- Ibama – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- IDI – Índice de Desempenho Institucional (no SAU)
- IEF – Instituto Estadual de Florestas
- IER – Índice de Eficiência Relativa
- ILCT – Instituto de Laticínios Cândido Tostes
- IMA – Instituto Mineiro de Agropecuária
- Inpi – Instituto Nacional de Propriedade Intelectual
- IOB – Informações Objetivas
- IOF – Imposto sobre Operações Financeiras
- IPI – Imposto sobre Produtos Industrializados
- IQT – Índice de Qualidade Total
- Labex – Laboratório Virtual da Embrapa no Exterior
- MGE – Modelo de Gestão Estratégica
- NCCA – Núcleo de Comunicações Administrativas (Embrapa-Sede)
- NDCA – Núcleo Descentralizado de Comunicações Administrativas
- NDT – Núcleo de Difusão de Tecnologias (atualmente ACE e ANT)
- NFM – Nível de Fornecimento de Meios (Saad)

- NIA – Nível de Importância da Atividade (Saad)
- NOR – Nível de Obtenção de Resultado (Saad)
- Nutre – Núcleo de Treinamento em Bovinocultura Leiteira Tropical
- OE ou OEs – Objetivo(s) Estratégico(s) da Unidade e da Embrapa-Sede
- OEPAs – Organizações Estaduais de Pesquisa Agropecuária
- OMS – Organização Mundial da Saúde
- ONGs – Organizações Não-Governamentais
- OS ou ODS – Ordem de Serviço
- Padi – Programa de Apoio ao Desenvolvimento Institucional (Embrapa-Sede)
- PAE – Plano de Ação Estratégica
- P&D – Pesquisa e Desenvolvimento
- PAM – Plano de Assistência Médica
- Parti-RH – Planejamento, Acompanhamento e Avaliação de Resultados do Trabalho Individual (Saad)
- PAT – Plano Anual de Trabalho
- PCS – Plano de Cargos e Salários
- Pesagro – Empresa de Pesquisa Agropecuária do Rio de Janeiro
- PDE – Plano Diretor da Embrapa
- PDU – Plano Diretor da Unidade
- PDV – Proposta de Demissão Voluntária
- PGA – Plano Gerencial Anual
- PGNT – Plano de Gestão de Núcleos Temáticos
- PIM – Plano Individual de Metas
- PPA – Plano Pluri Anual (*sic*) (Plano do Governo Federal)
- Prodetab – Projeto de Apoio ao Desenvolvimento de Tecnologias Agropecuárias para o Brasil
- Proleite – Programa do Leite (programa de apoio aos produtores de leite de Juiz de Fora, coordenado pela Secretaria Municipal de Agricultura, com apoio da Embrapa Gado de Leite, Epamig e Emater-MG).
- Promoagro – Programa de Modernização Tecnológica da Agricultura da Região Centro-Sul do Brasil
- Pronapa – Programa Nacional de Pesquisa Agropecuária (lista todas as pesquisas programadas pela Empresa num determinado ano)
- Redeleite – Rede de Laboratórios para análise da qualidade do leite (programa nacional)
- Reit – Rede Embrapa de Informação Tecnológica
- Renacal – Rede Nacional de Avaliação de Cultivares de Alfafa
- Renace – Rede Nacional de Avaliação de Cultivares de Capim-elefante
- Saad-RH – Sistema de Planejamento, Acompanhamento e Avaliação de Resultados do Trabalho Individual
- SAC – Serviço de Atendimento ao Cidadão
- Same – *Software* de apoio ao modelo de gestão estratégica (MGE)
- Sapre – Sistema de Avaliação e Premiação
- SAU – Sistema de Avaliação de Unidades
- SEA – Secretaria de Administração Estratégica (Embrapa-Sede)
- Sebrae – Serviço Brasileiro de Apoio a Micro e Pequena Empresa
- SEI – Sistema Embrapa de Informação
- SCI – Secretaria de Cooperação Internacional (Embrapa-Sede)
- SEP – Sistema Embrapa de Planejamento
- Siger – Sistema de Informação Gerencial da Embrapa
- SIN – Setor de Informação
- Sinpaf – Sindicato Nacional dos Trabalhadores de Instituições de Pesquisa e Desenvolvimento Agropecuário
- Sinsep – Sistema de Informação do SEP
- SIPL – Sistema Intensivo de Produção de Leite (de gado puro e confinado)

- SisLeite – Sistema para Monitoramento de Custos em Unidade de Produção de Leite
- Sis1000 – Sistema para Monitoramento na Indústria de Laticínios
- SIRH – Sistema de Informação de Recursos Humanos (Embrapa-Sede)
- Sispat – Sistema de Informação Gerencial dos Planos Anuais de Trabalho
- SLA – Setor de Laboratórios
- SMV – Setor de Máquinas e Veículos
- SNPA – Sistema Nacional de Pesquisa Agropecuária
- SNT – Serviço de Negócios Tecnológicos (antigo SPSB)
- SOF – Setor de Operações Financeiras
- SPI – Serviço de Produção de Informações (Embrapa Sede)
- SPM – Setor de Patrimônio e Material
- SPRI – Secretaria de Propriedade Intelectual
- SPSB – Serviço de Produção de Sementes Básicas
- SRH – Setor de Recursos Humanos
- SSA – Setor de Serviços Auxiliares
- SSE – Secretaria de Apoio aos Sistemas Estaduais de Pesquisa Agropecuária
- TSP – Tecnologia, Serviços e Produtos
- UDs – Unidades Descentralizadas
- UFENF – Universidade Estadual Norte-Fluminense (Campos – RJ)
- Ufla – Universidade Federal de Lavras
- UFG – Universidade Federal de Goiás
- UFJF – Universidade Federal de Juiz de Fora
- UFRRJ – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
- UFU – Universidade Federal de Uberlândia
- UFV – Universidade Federal de Viçosa
- Unesp/Botucatu – Universidade Estadual/Botucatu
- Unesp/Jaboticabal – Universidade Estadual/Jaboticabal
- Unicamp – Universidade Estadual de Campinas
- Univale – Universidade Vale do Rio Doce (Governador Valadares – MG)
- Unomar – Universidade Norte-Paraná
- UO – Unidade de Observação
- USP – Universidade de São Paulo
- UVT – Unidade de Validação de Tecnologia



Glossário

O objetivo principal de um glossário é explicar as palavras e expressões desconhecidas, mas também elucidar aquelas cujo significado pretendido pelos autores se encontra no próprio contexto. Não existem sinônimos perfeitos. Até mesmo pelas origens de um vocábulo os sentidos se desvirtuam. Nem sempre um autor escolhe bem as suas palavras naquilo que quer transmitir. Ele não está preocupado com a arte da palavra, apenas em comunicar a sua mensagem. Por isso, a finalidade desta parte das histórias não se limita a dar significados exatos à luz do dicionário, mas sim aqueles deduzidos do contexto. Muitos livros de histórias (contos, novelas etc.) trazem um glossário no final. Principalmente em casos humorísticos, nada mais fora de propósito do que ficar sem entender “a moral da história”, por desconhecimento do significado de palavras. É o que acontece quando uma pessoa ouve uma piada e só consegue rir depois que o contador a traduz. É claro que cada um tem a sua maneira de se expressar. É como diz Mattoso Camara Jr., no final do livro *Manual de Expressão Oral & Escrita*: “O homem é apenas metade de si mesmo; a outra metade é a sua expressão”.

a contragosto. Sem vontade; contrariado.

a inez é morta. Diz-se de algo que não tem mais jeito; “já era”.

à tona. À superfície.

a vaca vai pro brejo. Quando algo tem conseqüência ruim ou causa prejuízo.

abrigar. Acolher; resguardar de rigor do tempo.

absorto. Absorvido, compenetrado.

acabar o gás. Não ter mais forças.

acanhado. Tímido.

acentuada (descida). Íngreme; declivosa.

acionar. Fazer funcionar.

aconchegante. Confortável.

acostamento. Lugar na beirada da estrada, onde os veículos costumam estacionar por alguns momentos, para resolver algum problema com o veículo, ou não.

acuidade. Agudeza; penetração.

aderir. Passar a fazer parte; ligar-se.

adestrador. Que ou aquele que adestra: torna(-se) destro, hábil, capaz.

admoestado. Perturbado.

afã. Ânsia; pressa; vontade; exaustão.

afinco. Perseverança, pertinácia.

afrangalhado. Que parece um frango.

afrontar. Que envolve afronta (ofensa, ultraje, injúria).

agendar. Fazer constar de agenda; marcar ou anotar compromissos.

agrura. Dissabor, contrariedade, aborrecimento.

água na boca. Estado de quem fica com desejo ou vontade.

algaravia. Confusão de vozes; linguagem confusa e ininteligível.

- algente.** Muito frio; gélido.
- altruístico.** Filantrópico, que se faz para ajudar os outros.
- alusivo.** Referente a, relativo a; que diz respeito a.
- amadorístico.** Que não é profissional.
- amparar.** Proteger; segurar.
- angariar.** Arrecadar.
- ânimo.** Coragem; força; vontade.
- antecedente.** Que vem antes; precedente; antepassado.
- antever.** Prever.
- antígeno.** Qualquer das substâncias capazes de, penetrando no organismo, provocar a formação de anticorpos.
- antológico.** Que figura em antologia (coleção ou tratado).
- apático.** Sem ânimo, sem força, sem vontade.
- apertamento.** Trocadilho usado para designar um apartamento pequeno, apertado.
- apoderar-se.** Tomar, possuir; pegar para si.
- aprensivo.** Preocupado, receoso.
- aproveitar o gancho.** Dizer ou expor algo fazendo uma ponte com o que foi dito ou exposto por outrem.
- apuros.** Estar em apuros: dificuldades ou perigo. Apurar é limpar, purificar; averiguar, investigar, sondar, esclarecer.
- aquietar.** Pôr ou colocar quieto; acalmar.
- ardume.** Ardência.
- arisco.** Esquivo; desconfiado.
- arrancar o olho do próximo.** Explorar as pessoas; prejudicar física e moralmente.
- arrear.** Pôr arreios em; aparelhar.
- arrecadar.** Conseguir, obter; recolher (certa quantia).
- arredar (o pé).** Afastar, desviar.
- arredio.** Afastado, isolado; distante; alheado.
- arriar.** Abaixar; descer; perder as forças.
- assomar.** Aparecer de repente. Fulano assomou à porta.
- assumir.** Tomar sobre si ou para si.
- assuntar.** Informar-se sobre, observando e/ou indagando.
- atônito.** Espantado, pasmado, admirado, estupefato.
- atribuição.** Ato ou efeito de atribuir: considerar como autor; conferir.
- audiência.** Atenção dada a quem fala; encontro que se agenda para tratar de determinado assunto.
- autocognominar-se.** Dar a si o nome.
- avidez.** Desejo ardente; voracidade.
- baita.** Muito grande, imenso, enorme.
- balbuciar.** Guaguejar; exprimir-se com dificuldade ou de forma ininteligível.
- basculante.** Janela basculante, que funciona com um movimento de basculante.
- batata.** Em alguns lugares do Brasil usa-se a expressão "É batata!", que significa tiro-e-queda; o que resulta no efeito esperado.
- bate-boca.** Conversa de pessoas que estão com os ânimos acirrados (irritados, exaltados).
- bater cartão de ponto.** Registrar entrada/saída do trabalho, em relógio de ponto.

- batucar.** Dar o ritmo de, percutindo; bater ritmado.
- beber socialmente.** Maneira que as pessoas têm de dizer que bebem (em eventos sociais) mas não são alcoólatras. Tomar, eventualmente, bebidas alcoólicas.
- bebericar.** Beber aos poucos; dar golinhos.
- bicotinha.** Dar um beijinho, ou tomar um golinho.
- bígamo.** Que tem dois cônjuges simultaneamente.
- bílingüe.** Que fala duas línguas.
- bipartido.** Partido ao meio, em duas partes, não necessariamente iguais.
- blitz.** Batida policial de improvisado.
- boiar.** Ficar na mesma; não entender.
- boiola.** Bicha.
- bolar.** Maquinar idéias; tramar alguma coisa contra uma ou várias pessoas.
- bom senso.** Sensatez; comedimento.
- boquiaberto.** De boca aberta; muito admirado; pasmado.
- botar os bofes pra fora.** Ficar muito cansado, exausto; “botar a língua pra fora”.
- botijão.** O mesmo que bujão: recipiente metálico usado para armazenar produtos voláteis.
- branquinha.** Refere-se à cachaça incolor.
- brasileirinho.** De cor verde-amarela. Refere-se o texto à manga de vez.
- buraco.** Refere-se a um jogo de cartas que tem este nome.
- burburinho.** Som confuso de muitas vozes; rumorejo.
- buzinar nos ouvidos.** Falar de forma repetitiva um assunto desagradável ou ficar só cobrando.
- cabacinha.** O mesmo que coité, cuité ou cuitê; cuia.
- caboclo.** No texto significa o indivíduo que trabalha no campo.
- cabra macho.** Indivíduo viril; valentão.
- cabreiro.** Estar ou ficar cabreiro: desconfiado.
- caçoar.** Zombar.
- cagada.** Palavra grosseira que também significa asneira, tolice, burrice.
- cambucá.** Fruto de cambuazeiro.
- campeiro.** Empregado a quem incumbe o trato do gado.
- camuflado.** Escondido, oculto; disfarçado.
- capitão-do-mato.** Indivíduo que se dedicava à captura dos escravos fugidos.
- carapuça.** Colocar, enfiar ou vestir a carapuça: tomar para si o que foi aludido por outrem; indireta; alusão pérfida; dito crítico.
- cariobaiano.** A mistura de carioca (o jeito de ser do carioca) com baiano (cor amorenada) e mineiro (por ser mineiro ou ter alguma coisa de mineiro).
- carismático.** Que tem algum dom divino.
- caso.** Acontecimento, fato; história verdadeira.
- catar.** Recolher; pegar.
- causículo.** Causo pequeno.
- causo.** Situação fictícia; história irreal.
- checar.** Verificar, conferir.
- check in.** Operação de despacho de malas em aeroportos.
- chegar lá.** Atingir o clímax, a meta, o objetivo.
- chumbado.** Diz-se do estado de quem tomou muita bebida alcoólica; ressaca.

- coadjuvante.** Ator que interpreta papéis secundários; colaborador; que auxilia em algo.
- cobaia.** Que é usado para fins experimentais.
- cobrir a vaca.** Cio do touro com a vaca.
- cochichar.** Falar baixinho ao pé do ouvido.
- coesão.** Harmonia; entrosamento.
- cognominar.** Apelidar, chamar alguém por um nome ou expressão que o caracteriza.
- cômico.** Relativo a comédia; que faz rir por ser engraçado ou ridículo.
- compenetrado.** Pensativo; arraigado em si mesmo; ensimesmado.
- competência (de).** A quem é capaz ou está encarregado de resolver certo assunto.
- confabular.** Trocar idéias; segredar.
- confinado.** Enclausurado, limitado; entre quatro paredes.
- confraternização.** Convivência fraterna; evento em que as pessoas buscam se irmanar. Não se deve confundir com congraçamento, que diz respeito a conciliação entre pessoas que estão separadas por algum motivo, principalmente rixas.
- congelamento.** Fixação de valores, preços etc., em certo nível, para proteger a economia popular em épocas anormais.
- conotativo.** É o sentido figurado, subjetivo, simbólico. Depende do contexto para ser entendido. Fulano é um cão (pode significar grosseiro, ou fiel, depende).
- constatar.** Verificar, comprovar.
- consultor.** Aquele que consulta, examinando.
- contar vantagem.** Gabar-se; vangloriar-se.
- conterrâneo.** Que é da mesma terra.
- conto.** Narrativa breve centralizada num só conflito.
- contração.** Encolhimento, diminuição, encurtamento.
- convergência.** Que caminha para o mesmo ponto.
- convicção.** Certeza; convencimento; crença.
- convívio.** Ter convivência; viver junto.
- corda no pescoço.** Situação em que uma pessoa fica prestes a sucumbir (cair, abater-se, morrer; entregar os pontos).
- corrupto.** Ou corruptor; aquele que corrompe, estraga, suborna.
- cozinha do ônibus.** A parte traseira do ônibus (fundos), onde as pessoas mais animadas gostam de ficar para fazer uma farrinha, cantar, contar piadas, brincar.
- crônico (doença).** Que existe há muito; que não tem cura.
- culminar.** Chegar ao ponto mais alto, ao auge.
- cúmplice.** Que participa com outrem de algum fato.
- curtir.** Gozar, desfrutar.
- da pá virada.** Pessoa do contra ou que age de forma diferente dos demais.
- damas.** Maneira sintética de dizer jogo de damas.
- dar umas voltinhas.** É costume o comandante de avião anunciar aos passageiros que vai dar umas voltinhas, quando não há condições favoráveis para o pouso do avião (tráfego engarrafado, chuva torrencial etc.).
- dar o ar da graça.** Revelar-se; aparecer, mostrar-se.
- dar o conteste.** Responder, replicar, defender-se contra ação judicial, por meio de advogado contratado.

- dar ordem de despejo.** Mover ação judicial contra alguém, para que este desocupe imóvel onde se encontra estabelecido.
- dar rabichada.** No texto: empinar ou retesar (endurecer) a traseira (animal).
- dar trela.** Dar papo, dar liberdade, dar espaço.
- de carteirinha.** Inveterado (muito antigo; de velha data).
- debelar.** Apagar; eliminar.
- decretar.** Determinar, estabelecer.
- dedurar.** Delatar, acusar.
- defasado.** Fora da fase; discrepante; descompassado.
- degustar.** Avaliar pelo paladar o sabor de; provar.
- deleite.** Gozo íntimo e suave; delícia.
- delirar.** Vibrar com alegria, entusiasmo; variar, ter alucinações.
- denotativo.** É o sentido específico de uma palavra no dicionário. É o elemento não-subjetivo. Quando se diz cão, significa o animal de quatro patas (a classe desses animais). Ver conotativo.
- denúncia.** Acusação baseada em algum fato.
- deparar.** Fazer aparecer de repente; defrontar, topar.
- deplorável.** Lamentável; estado precário.
- desabonador.** Que ou aquele que desabona, desacredita; que perde a confiança.
- desagravo.** Ato ou efeito de desagravar; reparação de agravo, afronta (ofensa, injúria).
- desavisadamente.** Distraidamente.
- desconcertado.** Confuso, atrapalhado.
- desconsolado.** Triste, consternado.
- descontração.** Ato ou efeito de descontrair-se; relaxar; ficar calmo, tranqüilo.
- desenfreadamente.** Sem freio.
- desenrolar.** Desenvolver; desdobrar.
- desfrutar.** Usufruir.
- desgastante.** Que desgasta; cansativo.
- deslanchar.** Dar partida; ir para a frente; “dar conta do recado”.
- deslumbrado.** Fascinado, encantado; ofuscado; maravilhado.
- deslumbrante.** Maravilhoso, esplêndido.
- desnorteado.** Sem rumo.
- despençar.** Cair da penca; cair de certa altura.
- despretensioso.** Que não tem ambição; modesto.
- deter.** Impedir de avançar; prender; parar.
- deverasmente.** De verdade; realmente.
- diabrura.** Travessura.
- diarréia.** Desarranjo intestinal; caganeira.
- disseminar.** Semear ou espalhar por muitas partes; difundir-se.
- dissídio.** Denominação comum às controvérsias individuais ou coletivas submetidas à Justiça do Trabalho.
- dito cujo.** Diz-se dito cujo ou dita cuja quando se quer enfatizar alguém ou algo.
- divagar.** Andar sem rumo certo; vaguear os pensamentos.
- dona do pedaço.** Que domina algum lugar ou alguma situação; “dona da cocada preta”.

- dopar.** Fazer ingerir droga; intoxicar-se com droga.
- doping.** Aplicação ilegal de estimulante em competidor (pessoa ou animal), para lhe aumentar o rendimento.
- doutorado.** O grau de doutor.
- dupla-aptidão.** Que tem capacidade para duas coisas. Por exemplo: animal com aptidão para carne e leite.
- efêmero.** De pouca duração; passageiro, transitório.
- efervescente.** Que apresenta efervescência; agitado, exaltado.
- eflúvios.** Emissão de energia ou de matéria; fluidos.
- em carne e osso.** Aquele que aparece ou se apresenta pessoalmente (o seu aspecto físico).
- embalado.** Estar num pico de velocidade, principalmente em corrida.
- embalo.** Balanço; onda; impulso.
- embola-bola.** Refere-se a pessoas que estão envolvidas em um mesmo processo.
- embrapiano.** O empregado da Embrapa.
- embrenhar.** Penetrar mata adentro.
- empacar.** Emperrar, parar (o cavalo ou o burro); não sair do lugar.
- empáfia.** Orgulho vão; soberba.
- empilhado.** Amontoado em pilha; um em cima do outro.
- empinar.** No texto: erguer-se sobre as patas traseiras; fazer subir, erguer.
- empolgação.** Enthusiasmo.
- empreender.** Pôr em execução.
- encabeçar.** Ser o cabeça, o chefe de; dirigir; vir à testa ou à frente de.
- encetar.** Começar, principiar, iniciar.
- energizar.** Criar energia.
- enfermidade.** Doença.
- enfiar a viola no saco.** Não ter ou não saber como agir; “ficar de pés e mãos atados”; “ficar na sua”.
- enfrentar a onça.** Encarar o problema; “meter a cara”; buscar a solução de um problema de forma corajosa.
- ensimesmado.** Metido consigo mesmo; concentrado, absorto.
- entrar em cio.** Período em que os animais têm desejo sexual intenso.
- entregar o ouro.** Perder para o adversário, quando já tinha a vitória nas mãos (ou nos pés); entregar a vitória de “mão beijada”.
- entregue às baratas.** Abandonado, esquecido, ignorado.
- entrosar.** Harmonizar-se; adaptar-se uns aos outros.
- envaidecer.** Encher-se de vaidade.
- enxaqueca.** Síndrome constituída por cefaléias periódicas, muitas vezes unilaterais, e que se acompanham de náuseas, vômito, e perturbações sensoriais variáveis.
- esbravejar.** Ficar bravo; chamar a atenção.
- escala.** No texto: parada temporária de aeronave em algum aeroporto, durante o percurso.
- escalar.** Selecionar, escolher, relacionar.
- escambau de madureira.** Forma exagerada de dizer e outras coisas (etc.); “... e o diabo a quatro”.

- espectador. Observador; aquele que vê ou assiste a algo.
- esquema. Plano, programa.
- esquentar a cabeça. Preocupar-se.
- esquivar. Afastar, desviar, arredar; evitar.
- estar ou ficar escolado. Adquirir experiência em algo que se faz por muito tempo; “ser macaco velho”; “ser cobra criada”; calejado.
- estar a todo vapor. Estar com a carga ou a força total; em plena atividade.
- estar com a bola toda. Diz-se de pessoa que realizou alguma proeza, teve sucesso e ficou reconhecida por isso.
- estar com a corda toda. Estar alvoroçado, elétrico, ativo.
- estar frito. Estar em situação desagradável; “estar ferrado”; “estar f...”; estar encencado; “estar no ferro”; “estar em maus lençóis”.
- estar mais pra lá do que pra cá. Estar mal; estar prestes a “ir para a cidade dos pés juntos”.
- estar no ferro. Estar encencado; situação em que alguém fez algo de errado e vai ser cobrado por outra pessoa; “estar frito”.
- estar ou ficar alto. Zonzo, sob efeito de bebida alcoólica.
- estar ou ficar doidão. Agir de forma inconseqüente por efeito de bebida alcoólica ou de droga.
- estar ou ficar em apuros. Enfrentar situação difícil ou desesperadora.
- estar ou ficar na cola. Seguir, acompanhar; não desgrudar.
- estar ou ficar no estaleiro. O mesmo que “ficar de molho”, “no banco”; “escostado”.
- estardalhaço. Ostentação; ruído que chama atenção.
- estatelado. Estirado ou estendido ao comprido; espantado; atônito.
- estória. História fictícia.
- estourar a bomba. Acontecer de forma ruim algo que já não caminhava bem.
- estratégia. Arte de aplicar os meios disponíveis para se chegar aos objetivos específicos.
- estrepitar. Ferir-se com estrepes; sair-se ou dar-se mal em algo que fez; “entrar pelo cano”; “se ferrar”.
- estressado. Estar com sintomas causados por efeito de estresse.
- estrupe. Dejeção, excremento; esterco.
- estupefato. Pasmado, assombrado, atônito.
- eufórico. Estado em que a pessoa apresenta alegria intensa.
- eugênia. Jambo-do-nordeste.
- exaltar. Engrandecer; estimular; irritar-se; vangloriar-se.
- exótico. Esquisito, excêntrico, extravagante.
- expectativa. Que aguarda ou espera conseguir.
- expressão. No texto significa fisionomia, semblante.
- extirpar. Cortar pela raiz; exterminar.
- extrapolar. Ir além de; ultrapassar, exceder.
- extrovertido. Comunicativo, sociável.
- façanha. Ato heróico; proeza.
- famigerado. Célebre, famoso, que tem fama.
- fanático. Que adere cegamente a uma doutrina, a um partido; que se dedica ou ama de forma exagerada.

- fanhoso.** Que fala ou parece falar pelo nariz.
- faro.** Intuição, instinto; cheiro.
- farofeiro.** Diz-se do excursionista de praia, que carrega consigo coisas para comer, principalmente frango com farofa. Também significa o indivíduo fanfarrão.
- fazer a sesta.** Cochilar depois de uma refeição.
- fazer de palhaço.** Fazer alguém de bobo.
- fera.** Bravo; porreta; arrojado; bom em alguma coisa.
- ficar com a pulga atrás da orelha.** Ficar desconfiado; cabreiro.
- fintar.** Driblar; passar pelo adversário, no jogo de futebol.
- florear.** Enfeitar com flores; ornar com imagens ou efeitos literários.
- formiga.** No texto, além da referência a formiga-lava-pé, existe a referência a formiga, significando o instrumento que serve para prender o nariz de animais (bovídeos), visando a quietá-los.
- franco.** No texto: livre.
- fresta.** Fenda, greta.
- fuçar.** Como faz certos animais caçando alimentos com o focinho (o cão, por exemplo, que fuça a lata do lixo); “meter o bedelho onde não é chamado”; ficar remexendo coisas para se encontrar algo que perdeu ou que tem interesse de encontrar.
- futsal.** Futebol de salão.
- futsete.** Futebol soçaito.
- gadoleitense.** Empregado da Embrapa Gado de Leite.
- gafe.** Engano, mentira, mancada.
- gaiato.** Engraçado, cômico, malicioso.
- galera.** No texto tem o significado de torcida, turma.
- gatuno.** Ladrão; larápio.
- girar em torno de.** Correr, decorrer; discorrer.
- glossário.** Vocabulário ou livro em que se explicam palavras de significação obscura; vocabulário elucidativo.
- gorduchinha.** Refere-se à bola de futebol.
- gozação.** Pilhéria, zombaria.
- gozador.** Aquele que zomba jocosamente (com risos).
- gracitar.** Soltar a voz (o pato).
- grife.** Marca comercial de produtos ou de linhas de produtos sofisticados, usa com o nome de pessoa famosa.
- guarita.** Lugar (espaço físico) de entrada/saída de pessoas e veículos, onde fica o vigilante.
- guisado.** Refogado, picadinho (culinária).
- gula.** Gulodice.
- guloseima.** Manjar doce, delicado e/ou muito saboroso; gulosice.
- happy hour.** Expressão inglesa (hora feliz) que se refere ao período após o expediente de trabalho, em que as pessoas se encontram em bares, restaurantes etc., para beber, comer e conversar.
- herdar.** Receber por herança.
- hierarquicamente.** Em que há uma ordenação, uma graduação.

- hilarante.** Que produz riso, alegria.
- homérico.** Fora do comum; estrondoso.
- implantar.** Introduzir.
- impor.** Estabelecer, determinar.
- impregnar.** Infiltrar-se em; penetrar, repassar, imbuir.
- imprescindível.** Que não pode faltar.
- impressão.** Ato ou efeito de imprimir(-se); ter a impressão sobre algo ou alguém (formar um juízo ou uma idéia).
- impreterível.** Inadiável.
- improviso.** Feito às pressas, sem preparo; repentino; de improviso: de repente, de súbito.
- incessante.** Que não cessa, não pára, não termina.
- incisivo.** Decisivo, pronto, direto, sem rodeios.
- íncrito.** Ilustre; notável.
- inconha.** De inconho (fruto que nasce pegado a outro; diz-se de coisas muito ligadas entre si); no texto, o significado é: "agarrado", que não se desenvolve, não evolui; sistemático, problemático; não rende.
- inconseqüente.** Imprudente; que não mede as conseqüências dos atos.
- incrédulo.** Que não crê, não acredita, não tem fé; cético, ateu.
- indagar.** Perguntar, questionar.
- indiferença.** Desinteresse; frieza; desprezo.
- induzir.** Mover; levar; arrastar.
- inerte.** Que tem inércia: falta de ação, de atividade; torpor.
- infiltrar-se.** Penetrar através de; introduzir lentamente.
- ingerir.** Meter no estômago (beber, comer ou engolir).
- inofensivo.** Não-ofensivo; que não faz mal.
- inovar.** Introduzir novidade.
- inquilino.** Aquele que reside em casa (imóvel) que tomou de aluguel; locatário.
- inrustar.** Revestir; cobrir de crosta.
- inseminar.** Fazer inseminação: introduzir sêmen na cavidade uterina.
- insinuar.** Dar a entender de modo sutil ou indireto.
- institucionalizar.** Tornar institucional.
- intensificar.** Ativar; aumentar.
- intenso.** Ativo, enérgico, forte.
- interceptar.** Cortar, interromper, deter, impedir.
- ínterim.** Estado interino (provisório, temporário). Neste ínterim; entretanto, entretanto.
- intimar.** Ordenar; comparecer obrigatoriamente.
- intimidade.** Conhecimento; ligação.
- intimidar.** Causar medo; amedrontar, assustar, apavorar.
- intrigado.** Cheio de curiosidade; preocupação ou desconfiança com algo.
- inventário.** Relação de bens; levantamento individual e completo dos bens e valores ativos e passivos de uma instituição.
- investir.** Atacar, acometer; aplicar.
- ir pra galera.** Ir para junto da torcida, do povão, da turma, para comemorar algo ou rejubilar.

- jóia.** Usado de forma conotativa, significa bonito; legal; camarada; “boa praça”; bacana; porreta.
- lelé da cuca.** Maluco, doido; pinéu.
- lenitivo.** Remédio, calmante; bálsamo contra dor.
- leva.** No texto: grupo de pessoas.
- leve da idéia.** Arvoado; “pancado”; pinéu.
- ligadão.** Atento; “de antena ligada”.
- ligeiro.** Rápido. No texto, ligeiro problema tem a idéia de contratempo; um problema sem grandes conseqüências.
- lorota.** Conversa fiada.
- Machudo.** Trocadilho feito com as palavras Machado e Michado. Que é macho.
- made in.** Fabricado em.
- maledetto.** Amaldiçoado.
- malícia.** Má índole; esperteza; astúcia.
- mancada.** Erro, lapso, falha. Dar mancada: engano, gafe.
- Manchester Mineira.** Cognome de Juiz de Fora, que já foi uma cidade industrial; daí a referência à Manchester, considerada na época uma grande cidade industrial da Inglaterra. O agora Espaço Mascarenhas já foi a grande fábrica Bernardo Mascarenhas.
- mandar ver.** Traçar; executar.
- manejo.** Ato de manejar; manuseio; gerência; administração.
- manguaça.** Cachaça; birita.
- mar de rosas.** Vida boa.
- marajá.** Grande rei da Índia; maneira depreciativa de dizer que alguém recebe salário exorbitante no cargo que ocupa.
- matar de rir.** Refere-se a algo ou alguém que faz rir demais.
- matinha.** Mata pequena. Refere-se (no texto) a um caminho ladeado de árvores de várias espécies.
- mau-olhado.** Efeito maléfico causado pelo olhar maldoso de certas pessoas.
- mé.** Como o Mussum, personagem do programa de televisão “Os Trapalhões”, chamava a cachaça, ou qualquer outra bebida alcoólica.
- meliante.** Vagabundo, vadio, malandro.
- melindroso.** Delicado, sensível; escrupuloso; difícil, complicado.
- mero.** Simples, comum.
- Michado.** Trocadilho feito com as palavras Machado e Machudo. Refere-se à palavra mixaria (mixa, mixe, mixado): coisa sem valor; insignificância.
- mídia.** O conjunto dos meios de comunicação (jornal, rádio, televisão, cinema, outdoor, página impressa, propaganda, mala-direta, balão inflável, anúncio em site da Internet etc.).
- mirabolante.** Espalhafatoso; cheio de pompa.
- mito.** Fábula, coisa fantasiosa, irreal; idéia falsa sem correspondente na realidade; utopia.
- moçoila.** Mocinha.
- molhar a goela.** Ingerir líquido quando se está com a garganta seca.
- monotonia.** Falta de variedade; coisa enfadonha, desinteressante, chata; lengalenga.

- monótono.** Tedioso; sem graça.
- mormente.** Principalmente.
- morrer na praia.** Fracassar na etapa final de atividade; deixar de concluir algum empreendimento.
- mundaréu.** Um mundão de gente.
- murmurar.** Dizer em voz baixa; segredar.
- mútua (ajuda).** Recíproca; um ao outro.
- não dar o braço a torcer.** Não concordar, não aceitar; “não ir na conversa”.
- não estar nem aí.** Ser indiferente, alheio, omissos.
- não pegar.** Diz-se de algo que não deu certo, não vingou, não surtiu efeito, não vigorou, não foi adiante.
- não ter frescos.** Quando em alguma atividade mental ou física não se tem trégua; não ter moleza, não encontrar facilidade, não ter descanso.
- nefasto.** Agourento, sinistro, funesto.
- nívelar.** Colocar no mesmo nível; igualar.
- nostalgia.** Melancolia produzida no exilado pelas saudades da pátria; lembranças e saudades de coisas vividas no passado.
- novato.** Calouro; principiante.
- nubentes.** Noivos.
- numa boa.** Sem problema.
- obséquo.** Favor.
- ofício.** Trabalho, ocupação; profissão.
- olho-grande.** Pessoa que olha com inveja o que é de outrem.
- omissão.** Negligência; alheamento.
- omitir.** Deixar de fazer, dizer ou escrever; deixar de lado; não atuar, não se manifestar.
- ovação.** Aplausos.
- pagar mico.** Cometer uma gafe, um engano; dar uma mancada.
- pairar.** Estar ou ficar no alto; estar iminente.
- palestrar.** Proferir palestra.
- pancada (de chuva).** Chuva forte e rápida.
- pândego.** Que é engraçado ou alegre.
- pane.** Parada por defeito de motor.
- panglossiano.** Relativo a Pangloss, personagem de *Cândido*, romance satírico de Voltaire. Pangloss dizia: “*Tout va mieux dans le meilleur des mondes possible*” (Tudo vai bem, no melhor dos mundos possível). Otimista, achava que tudo estava bem, mesmo que, ao contrário, tudo estivesse ruim, e sempre acontecendo coisas ruins.
- paquerar.** Flertar, namorar.
- paródia.** Imitação cômica de uma composição literária.
- partir pra cima.** Atacar.
- passar sebo nas canelas.** Dar impulso para partir em disparada; correr.
- patético.** Constrangedor.
- pau-para-toda-obra.** Que não recusa serviço; bom de serviço; prestativo.
- pausadamente.** De modo pausado; devagar.
- peçonhento.** Que tem peçonha; venenoso; pérfido.

- peculiar.** Característico.
- pedir de joelhos.** Pedir de forma implorativa ou suplicante.
- pé-frio.** Azarado, sem sorte; contrário de pé-quente.
- pega-pra-capar.** Diz-se da hora da luta, do confronto, da decisão; hora de a “porca torcer o rabo”; a hora de a onça beber água.
- pelada.** O jogo de bola dos “campinhos”; brincar com a péla (bola).
- pelejar.** Lutar; fazer o que pode.
- pênalti.** Falta máxima, cobrada a onze metros do gol.
- penhorar.** Dar em garantia ou penhor.
- perdurar.** Durar muito; continuar a existir; permanecer.
- permeiar.** Atravessar, penetrar, trespassar.
- peroá.** Peixe muito apreciado frito.
- perplexo.** Espantado, atônito, desorientado; confuso, embaraçado.
- pesar a barra.** Complicar uma coisa ou situação.
- pessimista.** Que tem ou revela pessimismo; que encara tudo pelo lado negativo.
- pestisco.** Iguaria saborosa, preparada com esmero.
- pillhéria.** Zombaria, troça; gozação.
- pimba!** Interjeição usada para exprimir acontecimento imprevisto; que acontece de repente.
- pinga.** Cachaça.
- pisar nos calos.** Ofender; melindrar; provocar de forma acintosa.
- pitaco.** Peruada, palpite; sugestão.
- pititinha.** Maneira de o homem do campo dizer pequenininha.
- plagiar.** Imitar (trabalho alheio).
- pokan** (sic). O certo é ponkan. Forma aporuguesada: poncã.
- pool.** Associação temporária de empresas.
- porreta.** O mesmo que porreiro: prestativo; bom; excelente.
- porrete.** Pedaco de pau que se usa para bater ou para se defenfer.
- portentoso.** Maravilhoso; grandioso; exuberante.
- posse.** Enlouquecido; “com o demônio no corpo”.
- prata da casa.** Diz-se de empregado já antigo de casa (lugar onde trabalha).
- praxe.** Costume, hábito.
- precursor.** Que vai adiante; que anuncia a chegada de alguém; que precede.
- preleção.** Ato de prelecionar; dar lição a; ensinar a; falar, discursar.
- preparado.** Composto orgânico, adubo.
- prepotência.** Opressão; tirania.
- presente de grego.** Presente que prejudica aquele que recebe; algo que dá prejuízo.
- prevalecer.** Ter primazia ou prioridade; ter mais vantagem.
- proeza.** Façanha.
- profano.** Contrário ao respeito devido a coisas sagradas; não-sagrado.
- proporcionar.** Dar, prestar, oferecer, apresentar.
- protagonista.** Personagem principal de uma peça.
- pulverizar.** Reduzir a pó; destroçar; lançar, em forma de jatos, microgotículas com ingrediente químico, para eliminar pragas das plantações ou imunizá-las.
- purrrinha.** Como se pronuncia popularmente, mas o correto é porrinha. Jogo em que cada jogador esconde três pedaços de palito de fósforo (moeda ou caroço

- de algum cereal) nas mãos, colocando-as para trás do corpo e cada jogador aposta, estendendo a mão fechada e sugerindo uma quantidade total. Cada um abre a mão e ganha aquele que acertar no total da soma dos palitos.
- queniano.** Nativo ou referente ao habitante do Quênia (onde tem surgido os maiores maratonistas do mundo).
- rama.** Ramada; conjunto de ramos de uma planta.
- rango.** Alimento, comida, refeição; bóia; jabá.
- rebater.** Repelir, rechaçar, contestar.
- rebolosa.** Que rebola.
- relance (de).** Rapidamente.
- relutância.** Resistência, oposição; aversão.
- reparar.** Consertar, restaurar, refazer; fixar a vista ou a atenção, atentar.
- repercussão.** Que repercute, reproduz, reflete; efeito causado por algo que foi realizado ou que aconteceu.
- réplica.** Reprodução ou cópia, exata ou muito próxima da original; contestação.
- repressão.** Aquele que reprime: impede pela ameaça ou pelo castigo; proibição.
- retorno.** Regresso, volta. Retorno econômico: negócio que compensa, dá lucro.
- reumatóide (artrite).** Reumatismo que causa deformação nas juntas (mãos, joelhos e pés).
- ríspido.** Estúpido, grosseiro, rude, ignorante; casca-grossa.
- ritual.** Em que há cerimonial (formalidades); que segue um rito.
- rolar.** No texto: acontecer, suceder.
- rumor.** Murmúrio de vozes.
- rústico.** Rude, grosseiro, tosco, simples.
- saborear.** Sentir o sabor, deliciar.
- safar-se.** Escapar de algo ou de alguém; livrar-se de algo que prende.
- saguão.** Sala de entrada, geralmente, de edifícios; pátio.
- sair fora do ar.** Desligar; apagar; no texto: dormir.
- sanção.** Pena aplicada conforme a lei.
- se correr, o bicho pega; se ficar, o bicho come.** Expressão usada para designar situação embaraçosa, em que a pessoa está, fica ou se sente num beco sem saída.
- seguir à risca.** Cumprir fielmente a regra ou o que se determina.
- self-service.** Auto-serviço; espécie de restaurante em que o freguês não é servido por garçons, ou seja, ele mesmo se serve, escolhendo o que pretende comer.
- selva de espinhos.** O contrário de mar de rosas; vida ruim, cheia de problemas; lugar hostil.
- ser de bom alvitre.** Expressão obsoleta que tem o mesmo sentido de ser recomendável.
- sexagem.** Técnica e atividade de sexador (sexar é identificar o sexo).
- sic.** Expressão latina usada entre parênteses para indicar transcrição literal. Significa assim mesmo, desse modo (mesmo que tenha sido escrito de forma errada).
- sigilo.** Segredo.
- simpatia.** Além de significar a relação afetiva entre pessoas, no Brasil refere-se ao ritual posto em prática, ou objeto superticiosamente usado para prevenir doenças.

- sinalizar.** Dar sinal; apontar.
- sobressalto.** Movimento brusco, provocado por emoção repentina e violenta.
- sofisticado.** Requentado ao extremo.
- solícito.** Prestimoso, prestativo.
- solidariedade.** Ajuda que se presta ao próximo.
- soltar os cachorros.** Agredir verbalmente; xingar, ofender, desacatar.
- sondar.** Avaliar, perscrutar.
- soneca.** Sono. Tirar uma soneca: descansar, relaxar.
- sorrir amarelo.** Estar ou ficar sem graça; empalidecido.
- subversivo.** Revolucionário.
- surrupiar.** Roubar, furtar.
- surtir (efeito).** Produzir.
- tabefe na poupança.** Tapa na bunda (no texto, dá-se a idéia do tapa na anca do cavalo, para fazê-lo sair em disparada).
- tapa de luvas.** Dar uma lição moral sem nenhum tipo de violência.
- taturana.** Espécime de vespídeo; lagarta com pêlos que causam queimadura em contato com a pele.
- textículo.** Texto pequeno. Trocadilho com testículo.
- tirar uma provinha.** Experimentar ou provar uma pequena porção; bebericar.
- tiro à queima-roupa.** Tiro com o cano da arma colado no corpo da pessoa, ou quase colado.
- ti-ti-ti.** Falatório; diz-que-diz.
- titubeante.** Cambaleante; vacilante.
- toalete.** Banheiro.
- toco.** Parte de tronco de árvore; pedaço do caule partido.
- todo santo dia.** Que sucede todo dia.
- tomar todas.** Beber sem limites; “encher a cara”.
- tomar umas.** Maneira de alguém dizer que andou bebendo por aí; embiritar-se.
- tomar uns goles.** O mesmo que embiritar-se.
- torres do WTC.** As torres gêmeas que foram abaixo por causa de atentado terrorista no dia 11-9-2001, com aviões seqüestrados (camicases) que foram de encontro a elas, causando milhares de mortes.
- traje a rigor.** Roupas de cerimônia que se usa em reuniões de gala, bailes, banquetes etc., que inclui casaca, smoking, vestido longo. O traje de passeio é o que se usa convencionalmente, como terno e gravata.
- tralhoada.** Grande porção de miudezas; confusão, trapalhada, embrulhada.
- tramitação.** Que segue o trâmite, um caminho determinado.
- tranco.** Esbarro, encontrão, empurrão, safanão; “chega pra lá”.
- transparecer.** Transluzir, brilhar; manifestar-se, revelar-se.
- travesso.** Peralta, arteiro, que faz travessura.
- trincar (os dentes).** Comprimir dentes contra dentes.
- trocadilho.** Jogo de palavras parecidas no som e diferentes no significado, e que dão margens a equívocos.
- trocentos.** Maneira exagerada de dizer que alguém ou algo tem muitos anos.
- truco.** Refere-se a um tipo de jogo de cartas.
- truz (de).** De primeira ordem ou categoria.

- tumulto.** Confusão causada por muitas pessoas num determinado lugar.
- turma do deixa-disso.** Diz-se de pessoas que apartam brigas entre pessoas.
- uma senhora (casa).** Magnífica; de primeira qualidade.
- vaca-fria.** Voltar ou tornar à vaca-fria: voltar ao assunto ou tema principal, quando se desvirtuou dele.
- vai sobrar ...** Vai cair na responsabilidade; alguém vai segurar o “pepino”; “ficar com a batata quente nas mãos”.
- valeu!** Expressão usada por quem agradece ou reconhece algo que foi realizado.
- verídico.** Verdadeiro.
- ver-se numa encruzilhada.** Estar numa situação de difícil solução; estar num labirinto.
- vestir a camisa.** Esta expressão veio do futebol e dá a idéia de fidelidade ou luta por um time, uma causa ou pelos objetivos da instituição em que trabalha.
- veterano.** Antigo.
- vibrar.** Demonstrar contentamento.
- vidrado.** Em forma de vidro; no texto: parado de espanto ou de medo.
- vir de volta.** No texto significa vomitar.
- visar.** Com o sentido de mirar ou pôr visto em passaporte, o verbo é transitivo direto: visar o alvo, visar o passaporte; com o sentido de ter por fim ou objetivo, transitivo indireto: visar ao bem comum, visar ao progresso.
- vislumbrar.** Ver uma possibilidade; enxergar; surgir.
- zinha.** Qualquer mulher.

Embrapa

*Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
Centro Nacional de Pesquisa de Gado de Leite
Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento
Rua Eugênio do Nascimento, 610 - Dom Bosco
Fone: (32)3249-4700 - Fax: (32)3249-4751
Juiz de Fora - MG - CEP: 36038-330
Home page: <http://www.cnpagl.embrapa.br>
e-mail: sac@cnpagl.embrapa.br*



**MINISTÉRIO DA AGRICULTURA,
PECUÁRIA E ABASTECIMENTO**

**GOVERNO
FEDERAL**
Trabalhando em todo o Brasil